

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Instituto de Ciências Humanas

Gabriely Silva Zeferino

**ORIGENS DE UM CLUBE GIGANTE:
a trajetória socioeconômica e cultural da projeção do Cruzeiro Esporte Clube
(1961-1982)**

Belo Horizonte

2021

Gabriely Silva Zeferino

**ORIGENS DE UM CLUBE GIGANTE:
a trajetória socioeconômica e cultural da projeção do Cruzeiro Esporte Clube
(1961-1982)**

Monografia apresentada ao Curso de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Prof. Dr.: Marcelo de Araújo Rehfeld Cedro

Área de Concentração: História do Esporte (História Cultural).

Belo Horizonte

2021

Gabriely Silva Zeferino

**ORIGENS DE UM CLUBE GIGANTE:
a trajetória socioeconômica e cultural da projeção do Cruzeiro Esporte Clube
(1961-1982)**

Monografia apresentada ao Curso de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História.

Área de Concentração: História do Esporte (História Cultural).

Prof. Dr. Marcelo de Araújo Rehfeld Cedro – PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Euclides de Freitas Couto – UFSJ (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Marcus Vinícius Costa Lage – UFMG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 02 de dezembro de 2021

*À minha família, aos meus amigos e aos torcedores celestes
espalhados pelo mundo, no qual sem eles
esta monografia nunca seria possível.*

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço aos meus pais que sempre me incentivaram e forneceram suporte para o meu caminho. Ao meu avô, meu atleticano e ordinário favorito, eu não tenho dúvidas de que foi ele que me ensinou a amar o futebol e a compreender a magnitude deste esporte que extrapola as quatro linhas. Aos meus brilhantes professores que me acompanharam durante toda vida, e em especial ao Claudinho, ao Cedro, à Júlia, à Juliana, ao Mário e à Sílvia, vocês me ensinaram para além do *campus*, com vocês aprendi o quanto a docência é maravilhosa e o quanto a pesquisa é necessária. Agradeço também ao Euclides Couto, autor que sempre admirei e que não imaginava que seria tão importante para esta monografia, sem você, não seria possível!

À minha família que nunca precisou de laços genéticos: às minhas amigas atleticanas Ana, Daiana e Sarah, vocês foram essenciais; ao Baú, amigo que a torcida virtual do Cruzeiro me presenteou; ao André, Ágata, Carlos e Jéssica que mesmo não se interessando por futebol sempre me aguentaram nas derrotas e empates, vocês acreditaram em mim, quando nem eu mesma acreditei; e, claro, ao Ruizinho, mesmo não sabendo falar foi o meu principal apoio emocional, sempre soube exatamente o que fazer ou talvez só estivesse interessado em ganhar petiscos (rsrs); não poderia deixar de falar de você Rafa, me faltam palavras para descrever o quanto você foi importante em momentos diversos vou te levar pra sempre, guru. E, por último, ao meu amor, meu legado — Cruzeiro Esporte Clube, que apesar dos últimos três anos, sempre foi o motivo da minha alegria e me apresentou novos amigos.

“Bem aventurados os que não entendem nem aspiram a entender de futebol, pois deles é o reino da tranquilidade [...] Bem aventurados os que não tem paixão clubista, pois não sofrem de janeiro a janeiro, com apenas umas colherinhas de alegria a título de bálsamos, ou nem insto.”
-Carlos Drummond de Andrade (1974, p. 5).

RESUMO

Esta pesquisa trata de uma análise da projeção e consolidação midiática, nos cenários nacional e internacional, do Cruzeiro Esporte Clube, durante o final da década de 1990, tendo como marco dois principais eixos do futebol em Minas Gerais: a construção do Estádio Governador Magalhães Pinto (1965) e as ações de *marketing* do presidente do clube Felício Brandi (1961-1982). A metodologia utilizada foi a qualitativa, com o uso de fonte escritas e iconográficas, há também um levantamento de dados estáticos, por meio do sítio eletrônico Futebol80, no que se refere ao número de jogos dos clubes da capital mineira: América, Atlético e Cruzeiro, entre os anos de 1900 a 1979. A análise é construída através de periódicos dos anos de 1965, 1966, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973 e 1985 da Revista Manchete e Placar Magazine e de uma reportagem da década de 1990 da TV Cultura, que contemplam a relação entre o Cruzeiro, Estádio Mineirão e Felício Brandi. O que difere dos trabalhos recentes é a sua inovação, com a proposta de utilizar o presidente do clube como objeto de estudo, já que esta figura é sempre enigmática. Explorando a dicotomia presente na torcida em relação aos seus cartolas que são ora odiados outrora amados. Além disso, supre a lacuna do que acontece nos anos seguintes da inauguração do Mineirão, tendo em vista que as produções acadêmicas privilegiam o cenário de construção do estádio. Em seu primeiro capítulo, foi demonstrado como a construção do Estádio fornece estabilidade para os clubes mineiros. O segundo capítulo, por sua vez, demonstrou a astúcia do cartola para direção do clube. Ambos os capítulos, ressaltam a necessidade da torcida pela consolidação do Cruzeiro. A proposta de desenvolver uma análise da consolidação do Cruzeiro entre os grandes clubes brasileiros surgiu do desejo em se conhecer mais o futebol mineiro e também em comemoração ao centenário da equipe celeste.

Palavras-chave: História do futebol mineiro. Cruzeiro e Mineirão. Dirigente Felício Brandi.

ABSTRACT

This study deals with an analysis of the projection and media consolidation in the national and international scene of Cruzeiro Esporte Clube, during the late 1990s, having as a milestone two main axes of soccer in Minas Gerais: the construction of Governador Magalhães Pinto Stadium (1965) and the marketing actions of the clubs president Felício Brandi (1961-1982). The methodology used was qualitative with the use of written and iconographic sources. There is also a survey of static data, through the electronic site Futebol80, regarding the number of games played by the clubs from the capital of Minas Gerais: América, Atlético and Cruzeiro, between the years 1900 and 1979. The analysis is built through periodicals from the years 1965, 1966, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973 and 1985 from *Manchete Magazine* and *Placar Magazine*, including a report from the decade of 1990 from *TV Cultura*, which contemplate the relationship between Cruzeiro, Mineirão Stadium and Felício Brandi. What differs from recent works is its innovation with the proposal of using the club's president as the object of study, since his figure is always enigmatic. Exploring the dichotomy present in the Cruzeiro's soccer fans in relation to their supporters, who are sometimes hated and sometimes loved. In addition, it fills the gap of what happens in the following years when the Mineirão is opened, considering that the academic productions focus on the setting of the stadium's construction. In its first chapter, it was shown how the construction of the Stadium provides stability for the Minas Gerais soccer clubs. The second chapter, however, demonstrated the cunning of the cartola for the direction of their club. Both chapters emphasize the need of the fans for the consolidation of Cruzeiro. The proposal to develop an analysis of Cruzeiro's consolidation among the major Brazilian clubs arose from the desire to learn more about Minas Gerais' soccer and also to commemorate the team's centennial.

Key-words: History of Soccer in Minas Gerais. Cruzeiro and Mineirão. Leader Felício Brandi.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Conselho Supremo da Liga Mineira elimina o Palestra da Liga (1926).....	38
Figura 2- Escudos do Palestra Itália e Cruzeiro após sua alteração (1942).....	41
Figura 3- O gigante de Minas: Inauguração Mineirão, Revista Manchete, edição n. 700, 1965.....	45
Figura 4- Obras da construção do Estádio Minas Gerais (Década de 1960).....	48
Figura 5- Manchete em Minas: Marcha para a Prosperidade, Revista Manchete, edição n. 676, 1965.....	48
Figura 6- O Brasil em Manchete: O grande Estádio de Minas, Revista Manchete, edição n. 593, 1963.....	49
Figura 7- O gigante de Minas: Futebol-Arte e novo centro, Revista Manchete, edição n. 700, 1965.....	51
Figura 8- O Cruzeiro virou Manchete, Revista Manchete, edição n. 765, 1966.....	53
Figura 9- O jovem goleiro do Cruzeiro, Revista Manchete, edição n. 872, 1969.....	54
Figura 10- Cruzeiro: Os clubes na marca do pênalti, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.....	55
Figura 11 - O Cruzeiro é o time mais solicitado no exterior, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.....	55
Figura 12- Rendas e campeonato regional, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.....	56
Figura 13- Minas sempre foi um celeiro de craques, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.....	57
Figura 14- O Mineirão foi um bem ou foi um mal?, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.....	58
Figura 15- Acordo e saída do Atlético, Revista Manchete, edição n. 1043, 1972.....	59

Figura 16 - Excursões, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	60
Figura 17- Filosofia empresarial, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.	61
Figura 18- 20 anos de Mineirão, Placar Magazine, edição n. 799, 1985.....	62
Figura 19- Redenção do futebol mineiro, Placar Magazine, edição n. 799, 1985.....	63
Figura 20- Inteligência dos Cartolas, Placar Magazine, edição n. 799, 1985.....	63
Figura 21- Fórmula do sucesso, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	70
Figura 22- Felício Brandi, Revista O Cruzeiro – 03/02/1969.....	70
Figura 23- Clássico Atlético e Cruzeiro e a polêmica de 1956.....	73
Figura 24- Contratação de Tostão, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	76
Figura 25- Inauguração da Toca da Raposa, 1973.....	79
Figura 26- O desconhecido, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	83
Figura 27- Negócios em Manchete, Revista Manchete, edição n. 854, 1968.....	83
Figura 28 - Cartola bem sucedido, Revista Manchete, edição n. 865, 1968.....	84
Figura 29 - Cruzeiro ameaça Atlético, Revista Manchete, edição n. 865, 1968.....	85
Figura 30 - Um grande clube funciona como uma indústria, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	86
Figura 31 - Equilíbrio financeiro, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	87
Figura 32- Dá ao clube e recebe em dobro, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	88
Figura 33- Futebol e Passionalidade, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	89
Figura 34- Campeões do Mundo, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	90-91

Figura 35 - O último a se aventurar, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.....	91-92
Figura 36- O futebol do tri está falido, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	93
Figura 37- Renovação de contrato, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	94
Figura 38- Atlético poderia comprar Tostão, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	95
Figura 39 - Tostão vale o que pede, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	96
Figura 40- O telefonema milionário, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.....	97
Figura 41- A vingança de Brandi- Tostão vai para o Vasco, Revista Manchete, edição n. 1045, 1972.....	98
Figura 42- Jogadores pelo interior, Revista Manchete, edição n. 979, 1971.....	100
Figura 43- Venda de jogadores, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.....	100
Figura 44- Comemoração por todo o Brasil, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.....	101
Figura 45- Porcentagem e garotada, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.....	103
Figura 46- Toca da Raposa, Revista Manchete, edição n. 1090, 1973.....	104-105
Figura 47- O dirigente certo, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.....	106

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Local de origem dos adversários dos clubes belo horizontinos, anos 1930-1970.....	40
Gráfico 2- Capacidade máxima dos estádios de Belo Horizonte (1906-1965).....	43
Gráfico 3- Número de jogos dos Clubes de Belo Horizonte- MG de 1900 á 1979.....	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO [APITO INICIAL].....	14
1.1 Esquema tático dos capítulos.....	16
2 O NASCIMENTO DO MINEIRÃO E O ORGULHO FUTEBOLÍSTICO CELESTE.....	22
2.1 Que comece o jogo: a emergência de uma historiografia do futebol.....	22
2.2 O mito fundador do futebol nas Cidades.....	26
2.3 Nascidos Palestra, forjados Cruzeiro.....	32
2.4 Nos gramados de Minas Gerais: Mineirão e o Futebol.....	42
2.5 Uma história de gigantes: Cruzeiro e Mineirão.....	47
3 FELÍCIO BRANDI: O CARTOLA QUE CONQUISTOU A TORCIDA.....	65
3.1 Fora das quatro linhas.....	65
3.2 A astúcia da raposa.....	69
3.3 O melhor presidente do Cruzeiro?.....	80
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS [APITO FINAL].....	108
REFERÊNCIAS.....	111
ANEXOS.....	119
ANEXO A – CRUZEIRO CENTENÁRIO.....	120
ANEXO B – CANECAS COMEMORATIVA (TORCIDA).....	121
ANEXO C – CANECAS COMEMORATIVA (EXCLUSIVA FUNCIONÁRIOS).....	122
ANEXO D – CINZEIRO E EXTRATOR DE GRAMPOS.....	124
ANEXO E – COLEÇÃO DE BONÉS E AGENDA ESCOLAR (1995).....	126
ANEXO F – BOLA DE FUTEBOL DO PALESTRA ITÁLIA (1921).....	128

1 INTRODUÇÃO [APITO INICIAL]

O futebol é um esporte extremamente popular no Brasil, há um crescente interesse em estudos que utilizam o futebol como objeto de estudo das Ciências Humanas, sobretudo pela historiografia. Esta monografia analisa o futebol em suas dimensões simbólicas, extrapolando narrativas que contemplem apenas conquistas, mas que sejam capazes de explicá-las. Seu objetivo geral é analisar a consolidação futebolística do Cruzeiro Esporte Clube no final da década de 1990 entre os grandes clubes brasileiros, contribuindo para os estudos do futebol nas cidades tendo por objeto Belo Horizonte. Conta ainda com dois objetivos específicos que foram transformados em dois capítulos: “o nascimento do Mineirão e orgulho futebolístico celeste” e "Felício Brandi: o cartola que conquistou a torcida". O primeiro objetivo é analisar em que medida a construção do Estádio Governador Magalhães Pinto, em 1965, impulsionou a projeção simbólica e econômica do Cruzeiro Esporte Clube. O segundo objetivo, por sua vez, é indicar em que medida as ações de *marketing* do presidente Felício Brandi (1961-1982) ampliaram o pertencimento clubístico da torcida celeste e a projeção midiática do clube em nível regional e nacional.

A temática encontra-se dentro da História do Esporte, situando-se no campo historiográfico da História Cultural. Para Farias (2014, p.18), “o mundo acadêmico tratou com certo desdém o esporte das multidões”. Para o mesmo autor, quando o futebol não era visto como ópio do povo o espetáculo da bola era ignorado. Para Hollanda (2009, p. 124) “o torcedor de futebol costuma ser visto pelo senso-comum e por parte dos intelectuais de um modo depreciativo”. Desta maneira, durante anos, “o torcedor e o acadêmico pareciam seres de dimensões antagônicas” (FARIAS, 2014, p. 18). É inegável que a História do Brasil coincide com a história do futebol no país, e é por meio do esporte que movimentos políticos se manifestam e características da sociedade são evidenciadas. Nesta ótica, “cada vez fica mais claro para os pesquisadores da área de humanas que as sociedades e suas peculiaridades e contradições passam (também) pelos estádios de futebol, mundo afora” (FARIAS, 2014, p. 19). E, para compreender como o Cruzeiro Esporte Clube, em menos de cem anos, ainda na década de 1990 conseguiu se consolidar em nível nacional e internacional, teremos como marco dois eixos do futebol em Minas Gerais: a construção do Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão) e as ações de *marketing* do presidente Felício Brandi (1961-1982).

O estudo sobre futebol ao longo dos anos enfrentou diversas barreiras e, vale dizer que o mesmo é capaz de quebrar o estereótipo de que o conhecimento é para poucos e está

presente apenas em objetos não populares. A escolha por temáticas que contemplem o futebol, como um fenômeno sociocultural, auxilia na diminuição da distância entre academia e sociedade. Tendo em vista que a historiografia, durante muitos anos, tratou a temática como ópio do povo negando sua historicidade. Ainda há poucos trabalhos que utilizam como objeto de estudo a influência dos dirigentes no sucesso de suas equipes, pouco se discute acerca da trajetória dos clubes mineiros que durante décadas foram negligenciados pela mídia esportiva do eixo Rio-São Paulo e cabe aos pesquisadores de diversas áreas suprir esta lacuna.

Segundo dados divulgados pela Federação Mineira de Futebol, o Estado de Minas Gerais possui três ligas do campeonato mineiro, sendo elas: primeira divisão (12 equipes), segunda divisão (12 equipes) e terceira divisão (6 equipes), contando ainda com 40 equipes licenciadas. Destas equipes, apenas três disputam campeonatos em níveis nacionais e internacionais, sendo elas: América Futebol Clube, Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube. De forma pretensiosa ou não, os três clubes pertencem à cidade de Belo Horizonte, capital mineira. Em um país, marcado pela desigualdade social, como o Brasil, o mercado futebolístico é cada vez mais excludente. Nem todas as equipes possuem a mesma renda, e nem todos os torcedores podem acompanhar o time nos estádios, e tão pouco realizar a compra de produtos oficiais, mas isso não significa que não sejam torcedores. As manifestações de um torcedor ocorrem de várias maneiras no escopo do repertório simbólico atrelado ao pertencimento clubístico: por meio da oralidade, linguagem corporal, vestimentas, tatuagens, e todas as outras formas de manifestação afetiva manifestadas tanto nos espaços privados quanto nos espaços públicos. A pesquisa se atenta a analisar a relação entre urbe e futebol, como o esporte do povo se relaciona com a sociedade.

Esta monografia é fruto de um desejo em se conhecer mais o futebol mineiro e também de uma torcedora cruzeirense. É possível que em determinados momentos algumas narrativas tenham sido construídas de maneira passional, mas é um pontapé inicial para outros olhares acerca dos clubes mineiros, especialmente do Cruzeiro. De certo, temos grandes pesquisadores que se dedicam a tal temática, como é o caso de Euclides Couto, Raphael Rajão, Marcus Lage, Sarah Mayor e entre outros, que foram essenciais para a construção deste estudo. A pesquisa analisará o mais novo dentre os três clubes belo-horizontinos em atividade, o Cruzeiro Esporte Clube que, no ano de 2021, comemora seu centenário, ao contrário do que os seus torcedores esperavam, é marcado de maneira vexatória e polêmica, visto que “erros de administração recorrentes, suspeita de desvios de dinheiro e atuação ilícita de dirigentes e empresários moldaram a crise profunda do clube, que entristece referências históricas cruzeirenses” (WILKSON; PIO, 2021). As narrativas oficiais da instituição

recorrem à rememoração de um clube gigante, definido pelo sítio eletrônico oficial, em uma campanha de lançamento de produtos que contam a sua trajetória, como “dono de um livro repleto de páginas heroicas e imortais” (MOMENTOS..., 2021), em referência ao hino do time, e ressaltando os “milhões de apaixonados cruzeirenses” (MOMENTOS..., 2021).

Em 2009, a Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS) – instituição reconhecida pela FIFA –, publicou os resultados de um estudo estatístico que sinaliza o melhor clube do século XX¹ em cada continente, de acordo com o seu desempenho dos torneios disputados. O Cruzeiro recebeu o título honorário ficando em sétimo lugar entre os times da América do Sul e em primeiro lugar entre as agremiações brasileiras. Vale lembrar, que talvez se o clube tivesse sido formado 20 anos antes, o resultado seria diferente.

1.1 Esquema tático dos capítulos

Apesar de as normas acadêmicas estabelecerem que as denominações introdução e considerações finais se mantenham inalteradas nos trabalhos acadêmicos, essa monografia atreveu-se a seguir riscos em compartilhar novos títulos a essas convenções de modo a seguir a sintonia com o desenvolvimento do raciocínio do texto. Em seu primeiro capítulo, foi demonstrado como a construção do Estádio fornece estabilidade para os clubes mineiros. O segundo capítulo, por sua vez, demonstrou a astúcia do cartola para direção do clube. Ambos os capítulos, ressaltam a necessidade da torcida pela consolidação do Cruzeiro.

No que se refere à historiografia brasileira notamos uma necessidade em se explicar o Brasil por meio de eixos como: formação, atraso e entre outros, em que destacam autores como Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e Darci Ribeiro. Para Ribeiro (2010), “os estudos específicos sobre cotidiano cultural brasileiro – como a literatura, a música popular brasileira ou o futebol –, assumem a função de preencher o paradigma explicador da formação e do caráter nacional”. O estudo sobre o futebol dentro do campo histórico ocorreu durante anos de maneira isolada e a passos lentos. Para Ribeiro (2010), “a maior parte dessa produção não ocorre na História, mas na Antropologia e na Sociologia, e, sobretudo entre os pesquisadores da área da Educação Física”. Não há uma verdade histórica, tão pouco um objeto mais valioso e importante que outro. Para Marc Bloch (2001, p. 43), “aos olhos de qualquer um que não seja um tolo completo, com quatro letras, todas as ciências são interessantes” e com isto, seus objetos de pesquisa também.

¹ Abrange o período de 1 de janeiro de 1901 a 31 de dezembro de 2000.

Esta monografia tem como metodologia qualitativa o uso de fontes escritas e iconográficas. Utilizaremos também levantamento de dados estatísticos de futebol, nos números de jogos nos clubes da capital mineira: América, Atlético e Cruzeiro. Através disso, será destacada a criação do mercado futebolístico em Minas Gerais. Os dados serão extraídos do sítio eletrônico Futebol80 que constitui um importante acervo da história do futebol brasileiro. Por meio dos dados extraídos da tese de Souza Neto (2017) – acerca da história dos estádios na capital mineira –, tornou-se possível observar a demanda do público ao longo dos anos. E, para isso foi desenvolvido um gráfico que apresenta a capacidade máxima dos estádios entre os anos de 1906 a 1965. Entre as informações presentes no diagrama destacam-se o ano de inauguração e reformas. Outra abordagem foram as entrevistas de jogadores de futebol publicadas na Placar Magazine (1970-2010), evidentemente tendo como objetivo ao usar essas respectivas fontes, apresentando a profissionalização do esporte no estado de Minas Gerais, a partir da construção do Mineirão. A inserção de trechos das reportagens como imagens permite que o leitor realize o contato direto com a fonte. A escolha pelo diálogo entre autores com formação de diferentes áreas do conhecimento justifica-se através do estudo de Barros (2018). Para este autor, “o que torna compatível certa conexão de autores é o seu objeto de estudo específico, é o uso que você fará de cada um desses autores diante desses objetos, é o que você tomará de cada um deles” (BARROS, 2018, p. 20). Segundo Barros (2018, p. 21) “não há regras, há escolhas, e, as escolhas devem ser feitas diante do objeto de estudo, seja as que se referem à teoria ou ao método”.

A escolha por métodos qualitativos ocorre por meio do princípio descrito por Goldenberg (2002, p. 27) “em que a realidade social só aparece sob a forma de como os indivíduos veem este mundo, o meio mais adequado para captar a realidade é aquele que propicia ao pesquisador ver o mundo através “dos olhos” dos pesquisados”. Para a análise das entrevistas de jogadores de futebol, atentamos para definição dos termos ‘memória e identidade’ do sociólogo Michael Pollak, ele nos diz que:

No caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material (POLLAK, 1992, p. 200).

A Escola dos *Annales*, movimento iniciado por Marc Bloch e Lucien Febvre, a partir de finais da década de 1920, nos propõem, dentre inúmeras coisas, a ampliação da noção de documento. Segundo Febvre (1989, p. 249):

A História se faz com documentos escritos, quando existem. Mas, ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador. Com palavras e sinais. Paisagens e telhas. Formas de campo e ervas daninhas. Eclipses lunares e cordas de atrelagem. Análises de pedras pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem (FEBVRE, 1989, p. 249).

Imersa nesta perspectiva e analisando “a História como estudo do homem no tempo” (BLOCH, 2001, p. 67), a escolha pela utilização de iconografias como fonte histórica surge para aprofundar a temática. Esta pesquisa analisa reportagens publicadas nos anos de 1963, 1965, 1966, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972 e 1973, pela Revista Manchete², que contemplam a relação entre o estádio Mineirão, Felício Brandi e o Cruzeiro. Na revista Placar Magazine³ é utilizada a edição publicada no ano de 1985, em que é possível traçar um panorama de dentro do campo, observando os impactos da construção do Mineirão dentro do imaginário dos jogadores de futebol. Podemos identificar ainda, a influência da torcida dentro do estádio e a formação do mercado futebolístico mineiro. E, por último uma matéria acerca da Era de Ouro do Cruzeiro, produzida pela TV Cultura⁴, durante a década de 1990, que coloca Brandi como um ambicioso presidente que “queria transformar o Cruzeiro numa potência dentro e fora de Minas” (CRUZEIRO..., 2011). Segundo os dizeres do próprio Felício Brandi, sua gestão significa para o futebol mineiro e para “o Cruzeiro tenha sido um marco de visão de duas eras: antes e depois que a gente começou a trabalhar no clube” (CRUZEIRO..., 2011).

A utilização de periódicos como fonte histórica exige uma metodologia que não considere como verdade absoluta e sim como fragmentos de uma realidade. A historiadora Tânia Regina de Luca (2005) foi fundamental para a construção dos métodos de análises dos periódicos. As revistas utilizadas são reconhecidas por sua circulação nacional e credibilidade. Os periódicos possibilitam ao historiador um olhar social, político e econômico, que são extremamente importantes para a construção de um imaginário coletivo. É necessário estar atento aos pequenos detalhes de cada trecho, observando assim o que e como dizem. Ou seja, “reconhecer a historicidade das coisas significa agir em função do presente, buscando nos orientar para o futuro” (BOSCHI, 2007, p. 10). As revistas, ao contrário dos jornais, possuem

² Revista Manchete (1952-2007) foi uma revista brasileira publicada semanalmente pela Bloch Editores, que tinha uma coluna específica para o futebol. Em janeiro de 2019, o acervo completo da Revista foi digitalizado e divulgado pela Hemeroteca Digital, projeto da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=004120&PagFis=1>

³ Placar Magazine(1970-2010), revista brasileira especializada em esporte que conta com várias edições temáticas e algumas até polêmicas. A revista é uma das mais conhecidas dentro do mundo do futebol, sendo premiada algumas vezes durante sua história, foi criada com o objetivo de preencher lacuna de uma publicação nacional sobre esporte, lançada semanalmente até agosto de 1990. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Placar_Magazine.html?id=62E72n4n42wC&redir_esc=y

⁴ Rede de televisão pública brasileira, fundada em 1960 sediada em São Paulo.

uma escrita mais leve marcada por imagens e nichos que atingem diversos públicos. A utilização dos periódicos como fonte historiográfica tem como principal incentivadora a Nova História (1970), terceira geração dos *Annales*. Com a ampliação das fontes, surgiram novas perguntas.

O nascimento do orgulho futebolístico celeste pode estar intrinsecamente ligado à construção do Estádio Governador Magalhães Pinto, como comprova a pesquisa de Santos (2005). Com a divulgação do acervo da Revista Manchete, no ano de 2019, pela Hemeroteca da Biblioteca Nacional, encontramos diversas narrativas que sinalizavam a expectativa em torno da construção do estádio, como também o período após a sua inauguração. Na coluna 'O leitor em Manchete' publicada na edição n. 625, em 1964, o belo-horizontino Luís Antônio Estêves expressa sua indignação quando a capital mineira não figurava como uma das cidades brasileiras que apresenta um maior crescimento. E, para evidenciar o seu ponto de vista, o leitor argumenta: “Belo Horizonte é a cidade que mais cresce na América do Sul e vocês deviam saber disso, é a quarta cidade brasileira em importância e tem 50 cinemas contra os 15 de Curitiba, o Estádio Minas Gerais só será menor, no mundo, do que o Maracanã” (ESTÊVES, 1964, p. 65). A construção do Estádio foi capaz de fornecer renda aos clubes, que se apropriaram do espaço, expandindo seu público e campeonatos disputados. Se, em épocas anteriores, as agremiações futebolísticas mineiras eram vistas como fornecedoras de jogadores, em decorrência da inauguração do Mineirão, elas tornaram-se consumidores. O historiador Santos (2005) torna-se uma importante referência neste contexto. O pesquisador parte do pressuposto da construção do Estádio Governador Magalhães Pinto como um marco divisor de águas do futebol em Minas Gerais, representando ainda o empreendedorismo mineiro. O Gigante da Pampulha tornou-se intrínseco à autoestima do mineiro, pois ora representava a capacidade de empreender, outrora a possibilidade de se igualar com as equipes com maior representatividade e renda.

Neste contexto, destaca-se a pesquisa de Mayor e Souza Neto (2018) que analisa a constituição de um mercado futebolístico na cidade de Belo Horizonte entre os anos de 1933 e 1965. Os pesquisadores atentam ainda para a construção do Gigante da Pampulha dentro da perspectiva de modernidade produzida pelo governo militar brasileiro (1964-1985). Neste contexto, destaca-se Couto (2014a) que, em sua obra discorre acerca dos caminhos políticos do futebol entre os anos de 1930 e 1978. Para o historiador, o futebol como toda ação humana sofre influência de seu meio. A produção científica fornece um grande aparato histórico para compreender a trajetória do futebol no Brasil e em Minas.

Deste modo, Barreto e Barreto (2000) e Santana (2003) constituem uma importante referência acerca da trajetória da fundação do Palestra Itália — a consolidação do vitorioso Cruzeiro da década de 1990⁵. Os autores destacam a importância do Palestra Itália para o fortalecimento da comunidade de imigrantes italianos na capital belo-horizontina. As pesquisas contribuem na medida em que se torna capaz de ressignificar a relação entre o Cruzeiro e o futebol mineiro, além de analisarem a influência de Felício Brandi. Apesar disso, cabe ressaltar que as obras em questão tratam-se de uma construção de uma narrativa oficial do clube, em que seus autores são torcedores. Neste tipo de obra os textos não são construídos dentro do rigor dos trabalhos acadêmicos, mesmo que a pesquisa seja construída de maneira exímia, aproximam-se mais a textos jornalísticos. Os dois livros não se tornam prejudiciais aos objetivos desta monografia, suas características conferem aos livros um carácter de torcedores fiéis, marcados por um alto pertencimento clubístico.

As ausências de fontes diretas e indiretas, disponíveis em domínio público, surgem como um entrave para a construção de narrativas racionais, tornando os relatos passionais como a principal fonte. A criação de espaços que privilegiam a divulgação dos acervos das agremiações esportivas permite o incentivo à ciência e uma análise crítica dos fatos. A função de um museu para além de guardar é formar memórias individuais e coletivas. Infelizmente, por falta de investimento e verbas, tais instituições não conseguem disponibilizar nem metade de seu acervo. Mesmo com diversas barreiras, a pesquisa resiste, cabe ao historiador sempre se reinventar, já que a ausência de fonte, não significa a ausência de História. Segundo Febvre (1989, p. 257) “a História não apresenta aos homens uma coleção de factos isolados, ela organiza esses factos, ela explica-os”.

Pode-se afirmar que a década de 1960 representou um período especial para o Cruzeiro e duas figuras que o impactaram diretamente. Em 1959, Felício Brandi iniciou sua caminhada junto à equipe celeste e em 1965, o até então Estádio Minas Gerais foi construído. Para Barreto e Barreto (2000, p. 87) “anteriormente conhecido como Time do Barro Preto, o Cruzeiro com então jovem presidente iniciava uma caminhada que o colocaria no mapa do futebol mundial”. Conforme o Cruzeiro crescia ficava nítido que, sem o Mineirão e as ações de Felício Brandi, a equipe celeste não se afirmaria entre os grandes clubes do Brasil. Por meio do Cruzeiro, podemos compreender como a formação do cenário esportivo mineiro ocorreu e se projetou para o mundo. Se considerarmos o futebol como uma representação da

⁵ Os torneios oficiais vencidos pelo Cruzeiro E. Clube durante a década de 1990 foram: Campeonatos Mineiros (1990, 1992, 1994, 1996, 1997, 1998), Copa dos Campeões Mineiros (1991, 1999), Supercopa do Brasil de Futebol (1991, 1992), Copa do Brasil (1993,1996),Copa Ouro (1995), Copa Master da Supercopa (1995), Copa Libertadores da América (1997), Recopa Sul-Americana (1998), Copa Centro-Oeste (1999).

sociedade, nele identificamos figuras carismáticas que se integram tanto dentro de campo quanto em seus bastidores. Ou seja, para Rocha (2013, p. 153), “o presidente pode afigurar-se como o líder salvador ou carismático, aquele que aparece, em momentos de crises como dotado de poderes mágicos e que transita entre o céu e o inferno ao dissabor das profecias que se realizam (ou não)”. O futebol não se delimita as quatro linhas e exige um olhar mais cuidadoso. As produções historiográficas sobre clubes de futebol ressaltam a relação da torcida com o time e um caráter político.

Esta monografia tem como propósito abordar a consolidação do Cruzeiro Esporte Clube no final da década de 1990 entre os grandes clubes brasileiros como consequência da construção do Mineirão e a gestão de Felício Brandi. O que difere dos trabalhos recentes é a sua inovação, com a proposta de utilizar o presidente do clube como objeto de estudo, já que esta figura é sempre enigmática. Explorando a dicotomia presente na torcida em relação aos seus cartolas que são ora odiados outrora amados. Além disso, supre a lacuna do que acontece nos anos seguintes da inauguração do Mineirão, tendo em vista que as produções acadêmicas privilegiam o cenário de construção do estádio.

O capítulo primeiro aborda a relação do futebol com a cidade de Belo Horizonte. E, para isso, inicia com uma breve discussão acerca da historiografia do esporte, ressaltando as visões cristalizadas acerca da introdução do futebol no Brasil. O recorte para a capital mineira ocorre no terceiro tópico que associa o Palestra Itália e posteriormente, Cruzeiro a urbe Belo Horizonte. Para a constituição do cenário esportivo mineiro são analisadas suas transformações, desde a inserção do esporte no estado até o período pós inauguração do Mineirão. São destacados números de jogos das equipes mineiras, origens dos adversários e, ainda, a capacidade máxima dos públicos dos estádios de futebol, entre os anos de 1906 a 1965.

O capítulo segundo, por sua vez, cita a importância dos dirigentes esportivos para as equipes de futebol. No primeiro momento são apresentados os diversos objetos do campo esportivo, destacando os dirigentes e suas possibilidades de estudo. Nos tópicos finais, o capítulo busca analisar a construção do ídolo em torno de Felício, em que são destacados os episódios pitorescos que caíram no gosto popular. O principal questionamento deste capítulo é acerca da possibilidade do cartola ser o melhor presidente da instituição. Ambos os capítulos, aproximam-se, na medida em que apresentam os fatores que permitiram a consolidação futebolística do Cruzeiro Esporte Clube, no final da década de 1990, entre os grandes clubes do futebol brasileiro.

2 O NASCIMENTO DO MINEIRÃO E O ORGULHO FUTEBOLÍSTICO CELESTE

Este capítulo tem o propósito de compreender o futebol na cidade de Belo Horizonte e o Cruzeiro Esporte Clube, para este propósito será destacada a historiografia do futebol — passando por análises do mito fundador do futebol dentro das cidades e como o Cruzeiro se insere na história de Belo Horizonte. Por certo, conheceremos um pouco mais sobre o time de origem italiana que nasceu do e para o povo, compreendendo como ele se relaciona com o seu principal palco, o Mineirão. Com o intuito de suprir a lacuna deixada pelo período após a inauguração do Estádio do Mineirão. Em virtude, serão utilizadas entrevistas e reportagens que influenciam na construção de um imaginário coletivo.

O principal propósito deste capítulo é apresentar a relação do Estádio Governador Magalhães Pinto com a projeção do Cruzeiro nos anos de 1960 a 1970. Previamente serão apresentadas as principais discussões acerca da historiografia do futebol para identificar a sua transformação como objeto de estudo ao longo dos anos. Após analisar a história do futebol, busca-se compreender a inserção do esporte no Brasil, atentando-se para a romantização presente em narrativas que ressaltam em mitos fundadores das práticas desportivas com os pés nas cidades. Em um segundo momento, serão destacados o contexto da fundação do clube, sua ligação com a urbe de Belo Horizonte e principais marcos. Por fim, será trabalhada a ligação do Mineirão com o futebol mineiro, evidenciando suas expectativas e propósitos.

Será que as temáticas que privilegiam o futebol sempre foram aceitas no meio acadêmico? Como os pesquisadores utilizam o esporte como objeto de estudo? O próximo tópico busca responder estes questionamentos, sendo imprescindíveis para esta monografia.

2.1 Que comece o jogo: a emergência de uma historiografia do futebol

Quando analisamos o subcampo da história do futebol no Brasil encontramos trabalhos que privilegiam dados estatísticos, conquistas dos clubes, atos políticos e, até mesmo, relatos memorialísticos e táticas de jogo. Segundo o sociólogo francês Bourdieu (2003), o campo pode ser descrito como o espaço autônomo, constituído de regras próprias e disputas entre agentes e sujeitos sociais na busca pela consagração e pelo domínio do poder simbólico. Para Bourdieu (2003, p. 150) “todo campo é lugar de uma luta mais ou menos declarada pela definição dos princípios legítimos de divisão do campo”. Para o sociólogo Norbert Elias (1897-1990), o esporte possui uma forte ligação com a sociedade, assumindo um viés civilizatório.

Há uma crescente variação destes trabalhos sobre futebol em que os objetos de estudo escolhidos promovem discussões de gêneros, homofobia, identificação clubística, entre outros. Os cientistas sociais Bourdieu e Elias foram essenciais para a expansão do futebol como objeto de estudo, formulando novas perguntas e métodos de análise. Entretanto, cabe ressaltar que, no contexto brasileiro antes de 2000, estes pesquisadores eram ignorados no meio acadêmico, sendo mais explorados pelas áreas de Letras, linguística, antropologia e pelo Museu Nacional. O futebol, como campo autônomo, é considerado um fenômeno sociocultural em que todos os seus sujeitos articulam-se em níveis simbólicos e hierárquicos. Ou seja, para Bourdieu (1990), o futebol é capaz de conservar e reproduzir as estruturas da realidade social em que ele está inserido. Cabe ao pesquisador atentar-se que “para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes” (BOURDIEU, 1990, p. 208). Tendo em vista as considerações acima, podemos aproximar Bourdieu de Norbert Elias na medida em que para eles a estrutura social impacta diretamente no *habitus*⁶ do indivíduo. Na visão de Elias, a sociedade se forma através de relações interdependentes de diferentes indivíduos. Além disso, para o sociólogo alemão (ELIAS, 1994), o interesse das sociedades contemporâneas pelos esportes deve-se ao fato da necessidade de aliviar o estresse, já que eles funcionam como uma atividade de lazer, gerando uma excitação agradável. Acerca da história do esporte, Bourdieu (1983, p. 137) afirma que “é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com grandes acontecimentos da história econômica e política, tem o seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica”.

Para Farias (2014, p.17) “é incrível a quantidade de episódios históricos e conflitos, simbólicos ou não, que podem ser percebidos nas partidas de clubes e seleções, afora indicativos, características, contradições e pormenores das sociedades”. Inesperadamente ou não, o ofício do historiador nos permite a compreensão do homem por meio de sua ação no tempo. O autor Marc Bloch (2001, p. 54) nos atenta que “o bom historiador se parece com o ogro da lenda, onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça”. Durante décadas, a escolha por temáticas que privilegiavam o futebol pautou-se em abordagens que buscavam compreender a formação identitária brasileira. Cabe ressaltar, que essa abordagem surgiu por meio da própria inquietação da historiografia brasileira. Para Santos e Drumond (2013, p. 20), “essa questão está diretamente relacionada à elaboração de uma memória que se cristalizou durante décadas na sociedade brasileira”.

⁶ Podemos conceituar *habitus* como a capacidade do indivíduo em lidar de maneira individual e coletiva a partir de sua estrutura social. Em outras palavras, a relação entre indivíduo e sociedade.

Na necessidade em se explicar o Brasil, o autor Gilberto Freyre nos clássicos ‘Casa-Grande e Senzala’ (1933) e ‘Interpretação do Brasil’ (1947), por vezes utiliza o futebol para a formulação de seu pensamento. Embora Freyre buscasse interpretar o Brasil, suas formulações foram capazes de gerar debates que influenciaram outros pensadores. Entre esses pensadores, destaca-se Mário Filho, o principal entusiasta do jornalismo esportivo brasileiro e autor do livro ‘O negro no futebol brasileiro’ (1947). Nele, Mário Filho apresenta o percurso da história do futebol brasileiro e, de como o esporte da elite tornou-se popular, destacando a ausência de discriminação racial. O futebol para ele foi um agente possibilitador de uma democracia racial.

Até o final dos anos de 1970, o meio acadêmico por vezes ignorou a importância da história do futebol brasileiro. Segundo Eduardo Galeano, jornalista e escritor uruguaio:

O desprezo de muitos intelectuais conservadores se baseia na certeza de que a idolatria da bola é a superstição que o povo merece (...) por outro lado, muitos intelectuais de esquerda desqualificam o futebol porque castra as massas e desvia sua energia revolucionária (GALEANO, 2020, p. 41).

O pesquisador realiza uma aproximação do futebol com o plano divino, “na devoção que desperta em muitos crentes e na desconfiança que desperta em muitos intelectuais” (GALEANO, 2020, p. 40). Para Cedro (2014, p. 9), o futebol como ópio do povo⁷ “foi um estratégico discurso amplamente divulgado, inclusive dentro do mundo acadêmico, espaço onde encontrou preconceitos e resistências no desenvolvimento de pesquisa sobre tal temática”. Já para os autores abaixo esta temática era considerada:

Basicamente escritas fora da academia, principalmente por jornalistas e ex-atletas, após esse período, o tema passou a interessar às ciências sociais e humanas, primeiramente, atraindo a atenção de sociólogos e antropólogos e, posteriormente, de historiadores (SANTOS; DRUMOND, 2013, p. 21).

Durante as décadas de 1960 e 1970, a ideia do futebol como ópio do povo era difundida como verdade incontestável no meio acadêmico. De maneira indubitável, tal ideia contribuiu para o atraso do início dos estudos e exploração da temática. Por outro lado, Couto (2014a, p. 60) destaca que “o futebol vem se tornando, nas duas últimas décadas, um elemento fundamental para a construção do conhecimento histórico, social e político das

⁷ Originalmente a expressão tem como origem a obra Crítica da Filosofia do Direito de Hegel (1843) de Karl Marx, em que o autor refere-se à Religião como uma força alienante. Hoje, a expressão é utilizada para caracterizar o efeito social hipnótico e eufórico que tem por objetivo desviar a atenção da sociedade, neste caso é utilizado o Futebol.

nações”. Neste hiato, destaca-se o antropólogo e historiador brasileiro Roberto DaMatta, que é considerado o primeiro pesquisador a elaborar uma reflexão mais aprofundada sobre o futebol. Em sua obra ‘Universo do Futebol’ (1982), o autor abandona a ideia de futebol como ópio do povo. O precursor brasileiro da história do esporte esclarece que:

Discutir futebol é, assim, especular sobre um jogo emoldurado pelo capitalismo, pelos “cartolas”, pelo dinheiro e tudo isso que sempre torna a vida amarga e injusta, mas é também argumentar sobre todos os dilemas, problemas e lances que a vida necessariamente nos faz experimentar independentemente de condição social (DAMATTA, 1982, p. 15).

Ao rejeitar a máxima estabelecida pelo meio acadêmico, Roberto DaMatta (1982) inicia um novo período em que o futebol passa a ser compreendido como fenômeno que engloba diversos níveis da realidade social. O autor não busca estudar o jogo empiricamente, uma vez que o mesmo adota a postura de enxergar o futebol como um sistema, ou como Bourdieu definiria, como um campo. Tendo por base as teorias bourdieusiana, o campo esportivo possui uma realidade específica capaz de relacionar com o mundo ao seu redor e cabe ao historiador historicizar esta relação. Contudo, cabe ressaltar que cada campo possui procedimentos particulares dentro da sua realidade própria. No campo futebolístico encontramos diversas variantes, entre elas destacam-se: atletas e seus empresários, divisão de cotas de transmissão e rendas, hierarquia de clubes e campeonatos, fornecedores de material esportivo, patrocinadores. Essas variantes influenciam diretamente na realidade da equipe contribuindo diretamente em suas campanhas.

Em sua análise, DaMatta (1982, p. 16) relaciona o futebol e a sociedade, em que os mesmos articulam-se como codependentes e, “cada sociedade tem o futebol que merece, pois ela o molda e projeta nele um conjunto de temas que lhe são básicos”. Para o autor, a popularização do esporte entre a massa deve-se ao fato que dentro do jogo todos são iguais. Tendo em vista, a democracia presente no futebol, DaMatta (1982) afirma que:

Ao contrário, elas (as elites brasileiras) odeiam o jogo. Por quê? Porque certamente o jogo significa basicamente ter que se submeter a regras que valem para todos. Realmente, o ponto crítico e o traço distintivo do jogo é a noção fundamental das regras para todos e uma aceitação da ideia de justiça (que legitima o perdedor e o ganhador) e individualidade (quem perde é você, não a sua classe, família ou segmento social). Tudo isso, eu sustento, o futebol apresenta de modo implícito e humildemente a uma sociedade que tem jogado muito mal pelas regras universais (DAMATTA, 1982, p. 16).

O futebol para Eduardo Galeano (2019, p. 11) “é o espelho do mundo e da realidade”. Torna-se necessário atentar-se à parábola do espelho de Antonio Mitre (2003) na obra ‘O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano’, para o autor, o espelho nos fornece uma duplicação perfeita, todavia, invertida. Isto implica em dizer que o esporte apresenta traços da realidade, entretanto, não em sua totalidade. Os historiadores contemporâneos não veem mais o futebol como ópio do povo, e sim como um importante objeto de estudo, explorando os campos de formação de identidade, pertencimento clubístico, viés político, expressão cultural e entre outros. Assim como Bourdieu (1990) afirma:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que eles geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir (BOURDIEU, 1990, p. 69).

Desta forma, não cabe ao historiador interpretar o futebol de maneira reducionista, e sim, como uma das diversas possibilidades de representação da sociedade. Para Sevcenko (1994, p. 36) “no estádio, pela transmissão e repercussão da mídia, uma nação surge, vibra e luta por noventa minutos, mais descontos”. Entretanto, visões romantizadas ainda são cristalizadas dentro do estudo do esporte, a relação entre a introdução do futebol nas cidades, foi capaz de gerar um mito fundador, onde Charles Miller, Oscar Cox e Victor Serpa surgiram como verdadeiros heróis.

2.2 O mito fundador do futebol nas Cidades

Segundo Sevcenko (1994, p. 34) “um dos aspectos mais prodigiosos da história do futebol, desde as suas origens, tem sido a rapidez extraordinária da expansão da sua popularidade dentre as massas populares, especialmente no contexto das cidades industriais”. Existem poucos dados acerca da introdução do futebol no Brasil e, muito se deve ao caráter amador do esporte que só foi profissionalizado em 1933⁸. Contudo, há uma crescente

⁸ Nos anos anteriores à década de 1930, o futebol amador padecia. Alguns clubes pagavam seus jogadores de maneira informal para dedicar-se somente ao esporte, melhorando assim, o desempenho de seus clubes. Além disso, ocorria uma constante briga entre os defensores do amadorismo —, para eles o esporte deveria ser praticado por amor e o dinheiro prejudicaria esta relação; e, do profissionalismo, para eles o amor não bastava, era necessário ver o seu time jogar cada vez melhor. Este período ficou conhecido como profissionalismo marrom. A pressão para a profissionalização era grande, mas nem todos os clubes eram capazes de bancar uma folha salarial e, para sobreviver, continuaram como amadores. Com isto, o futebol brasileiro passou a ser

valorização dos mitos fundadores do futebol nas cidades. Segundo Mayor e Souza Neto (2014, p. 52) “a construção de mitos fundadores está profundamente arraigada na tentativa de se perpetuar, via personalização heroica, um ideário pertencente a um determinado grupo social (quase sempre estrato de uma elite detentora dos códigos de transmissão)”.

Os registros do surgimento do jogo da bola com os pés, em seus primórdios, datam da antiguidade. Segundo Freixo (2014, p. 9), “a bola nos pés de diversos povos dos quatro cantos do mundo: chineses, egípcios, astecas, incas, japoneses, gregos e romanos, cuja expansão imperial difundiu o jogo por toda Europa ocidental e pelo Oriente Próximo, levado pelos legionários”. Tendo em vista, as variações regionais e quantidade de povos englobados, podemos concluir que existiam diversas variações do jogo de bola. Os jogos, até então, privilegiavam seu caráter lúdico estruturado em um processo de ritualização social (CEDRO, 2014). O futebol moderno – com suas regras globais do esporte –, surgiu na Inglaterra durante a segunda metade do século XIX. E, em seu início, as práticas esportivas foram restritas “às escolas da elite britânica, em pouco tempo a prática (...) se ampliou, empolgando também as classes populares” (FREIXO, 2014, p. 10). De tal forma que o esporte “adquire um fim em si mesmo, isto é, constitui-se em um conjunto de disposições próprias e deixa de ser vinculado à ritualização social como era em sociedades pré-capitalistas” (CEDRO, 2014, p. 16). O pesquisador Freixo (2014), especialista em História das Relações Internacionais, destaca que devido a influência socioeconômica da Inglaterra na América do Sul, ainda no final do século XIX, o futebol chegou “nos mesmos navios que transportavam os tecidos e demais mercadorias inglesas” (FREIXO, 2014, p. 10).

Existem inúmeras narrativas que contemplam a inserção do futebol no Brasil. De acordo com Barreto e Barreto (2000, p. 11), “os pesquisadores dão como 1894 o ano da introdução oficial do futebol no Brasil”. A historiografia, por vezes, tende a escolher narrativas romantizadas que criem a imagem de um herói e/ou contemple o interesse da elite, a corrente mais difundida é da introdução do esporte por meio de Charles Miller⁹. Outra versão bastante conhecida é a de Thomas Donahoe, “técnico contratado para trabalhar na implantação da Fábrica de Tecidos Bangu (Rio de Janeiro), como verdadeiro pai do esporte em terras brasileiras” (FREIXO, 2014, p. 10), que introduziu o jogo meses antes de Miller. Assim sendo, Thomas Donahoe confere um caráter popular a introdução do esporte, “incorporando operários ao seu time de futebol, inclusive pela necessidade prática de formar a

dividido em dois grupos que se articulam de maneiras distintas: profissional (remunerado) e várzea (amador). Para se aprofundar nessa discussão consultar MAYOR e SILVA (2020).

⁹ Não há um consenso entre a grafia correta do sobrenome de Charles ora aparece como Miller outrora como Muller.

equipe, já que os números de funcionários graduados interessados no esporte não era suficiente” (FREIXO, 2014, p. 11-12).

A versão mais difundida confere um carácter elitista ao esporte. Para Farias (2014, p. 46), Charles Miller pode ser considerado o “pai do futebol brasileiro”. Segundo historiadores, Charles nasceu em São Paulo, entretanto, após completar o ensino primário, morou por 10 anos na Inglaterra para finalizar seus estudos. E foi na Inglaterra “onde conheceu mais de perto a prática do futebol” (BARRETO, BARRETO, 2000, p. 11). Em 1894, data que marcou o seu retorno ao Brasil, Charles “trouxe em sua bagagem duas bolas, uma bomba para enchê-las, camisas, um par de chuteiras e um livro de regras do *association football*” (FARIAS, 2014, p.46). Neste contexto, Sevchenko (1994, p. 36) destaca a inserção do futebol no Brasil, que seguiu por duas linhas opostas, “um foi dos trabalhadores das estradas de ferro, que deram origem aos times da várzea, o outro foi através dos clubes ingleses que introduziram o esporte dentre os grupos de elite”.

O historiador Santos Neto (2002) vai contra as duas correntes defendidas acima. Para ele, o futebol foi introduzido no Brasil por meio dos jesuítas. Para comprovar sua teoria, Santos Neto utiliza de acervos documentais do Colégio São Luís, Mosteiro de Itaici, Arquivo do Estado de São Paulo, e ainda, entrevistas com descendentes dos pioneiros do esporte. Em sua obra, o pesquisador comprova a existência do esporte durante a primeira metade da década de 1880, 14 anos antes da suposta introdução por meio de seus fundadores. Em 1882, Ruy Barbosa, deputado do Partido Liberal, introduziu uma reforma do ensino primário, a pedido de Dom Pedro II, com o intuito de diminuir as taxas de analfabetismo. O jurista e político Ruy Barbosa, no tópico de Educação Física, defendeu a introdução de exercícios ao ar livre. A referência em educação, neste contexto, era a Europa, e as escolas brasileiras seguiram como modelo sua corrente educacional. O esporte bretão, aos poucos, ganhou espaço no Brasil, na medida em que os estudantes formavam-se nas escolas e migravam para os diversos estados no país difundindo sua prática. Na visão do autor, o esporte apresentou uma dualidade elitista e popular, tendo em vista que era praticado paralelamente pelos operários. Contudo, cabe ainda destacar que Santos Neto (2002), em nenhum momento, nega a influência de Charles Miller. O objetivo do pesquisador é ampliar o debate acerca da introdução do esporte no país, fugindo assim de narrativas que propaguem a ideia de uma ‘verdade absoluta’ dentro da historiografia.

Segundo Guterman (2014, p. 20), historiador e jornalista brasileiro, “o primeiro jogo de futebol disputado no Brasil mais ou menos dentro das regras oficiais, de acordo com os registros mais aceitos, ocorreu em São Paulo em 14 ou 15 de abril de 1895” e, foi na Bahia, o

segundo estado brasileiro a organizar um campeonato esportivo. Todavia, foi apenas em 1900 que o futebol ganhou força no país. Os pesquisadores Barreto e Barreto (2000, p. 11) elencam que “nesse ano surgiram vários clubes paulistas dispostos a adotar as regras futebolísticas introduzidas por Muller”. Entretanto, a prática futebolística não se limitou ao Estado de São Paulo. A introdução do futebol no Estado do Rio de Janeiro ocorreu por meio de Oscar Cox, que por sua vez, também estudou na Europa e trouxe material esportivo na sua volta ao país. Sob essa ótica, Pereira (1998, p. 5) apresenta o esporte como um “código compartilhado por grupos diversos” que “constituía-se em um eficaz meio de comunicação entre esses grupos diversos”. Em sua análise, Pereira (1998, p. 8) reforça o caráter excludente do esporte na medida em que era “inacessível a negros e a trabalhadores em geral” com a valorização dos estilos de vida moderno dos *sportmen*. Para o pesquisador, a influência da Oscar Cox refere-se não à introdução do esporte, mas sim na propagação de sua popularidade, desempenhando um importante papel na organização de jogos e formação de equipes entre a elite carioca. Cabe ainda ressaltar que o futebol desenvolvia-se no Rio de Janeiro durante a Primeira República (1889-1930), conjuntura que, em seus primeiros anos, ficou marcada por uma forte disseminação de teorias higienistas. O viés civilizatório proposto pelas teorias higienistas, nas palavras de Pereira (1998, p. 36), “propunham padrões de moradia, alimentação e até organização familiar aos habitantes da cidade”, decretando regras e *habitus* a serem seguidos. A introdução da Educação Física, nos anos finais do Império (1822-1889), demonstrava uma crescente preocupação e valorização do corpo. Os movimentos sanitaristas que atingiram o Rio de Janeiro, preocupados em construir uma nação forte, “passavam então a fazer da luta em favor do desenvolvimento físico dos brasileiros uma de suas principais bandeiras” (PEREIRA, 1998, p. 38).

Para Guterman (2014, p. 16), mesmo que Rio de Janeiro e São Paulo já possuíssem boas escolas neste período, “havia um quê exibicionista, entre os imigrantes mais ricos e a aristocracia local em mandar os filhos estudar na Europa”. De certa forma, o *status quo* presente na história contemporânea também influenciou o campo futebolístico. Nessa ótica, “mais que mera coincidência, a semelhança entre suas trajetórias indica a lógica que caracterizou a consolidação de certa memória sobre o jogo” (PEREIRA, 1998, p. 13) que, pelo menos no seu início, pertencia às elites. Conforme Sevcenko (1994, p. 37), as autoridades políticas se apropriaram da popularidade do futebol para a construção de uma identidade nacional:

Se com o futebol as pessoas tentavam compensar toda a riqueza dos laços afetivos de que se viram privadas pelo advento da Revolução Científico-Tecnológica e das grandes cidades, com a globalização dos meios de comunicação e as políticas de massa, o futebol tem se tornado uma espécie de carta de penhor do populismo, agitada em contrapartida a essa enorme demanda emocional, como se os líderes ao afagarem essa dívida afetiva criassem um sucedâneo simbólico para as carências relegadas com cínica indiferença (SEVCENKO, 1994, p. 37).

Outros estados brasileiros que adotaram o futebol seguindo um caráter elitista, no final do século XIX e início do século XX, foram, segundo Guterman (2014, p. 28), “Bahia, Minas e Rio Grande do Sul”. Os primeiros times brasileiros¹⁰ surgiram em meio à transição do Império (1822-1889) para a Primeira República (1889-1930), período marcado por mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais. A aristocracia estava em crise e a camada subalterna que esperava uma maior representatividade, foi surpreendida pelo surgimento de medidas autoritárias por meio do governo –, podemos citar como exemplo as medidas sanitárias. Portanto, Oscar Cox não foi somente responsável pela introdução do futebol no Rio de Janeiro, mas também pela disseminação de modo organizado seguindo as regras do jogo. Outro nome importante neste contexto foi Hans Nobiling que, juntamente com Oscar Cox, difundiu o esporte no país. Segundo Guterman (2014, p. 29), Hans Nobiling era um “ex-jogador de um time de Hamburgo, o Germânia (...) chegou a São Paulo em 1897 com disposição para difundir o futebol no Brasil”. Não só Oscar Cox, mas também Hans Nobiling viam a necessidade de fundar agremiações para a propagação do esporte no país. Nas palavras de Guterman (2014, p. 29), “por meio dos clubes o futebol fincaria raízes no Brasil e deixaria de ser um mero passatempo da elite”.

Em Minas Gerais, o futebol foi introduzido em sua capital em 1904. E, não foi diferente, o estado mineiro também teve o seu fundador, conforme Couto (2014b, p. 115), “o futebol chegou a Belo Horizonte pelos pés de um jovem estudante cuja trajetória de vida se ligava aos padrões de comportamento incorporados pela elite brasileira desde o século XIX”. Segundo Farias (2014, p. 51) “na novíssima Belo Horizonte (cidade planejada e inaugurada em 1897), Victor Serpa que aprendeu a jogar futebol na Suíça, praticava o esporte com seus colegas”. Segundo Ribeiro (2017), o sucesso do esporte no Rio de Janeiro e em São Paulo foi essencial para a introdução do jogo na capital mineira. O autor destaca que Victor Serpa, além

¹⁰ Intelectuais brasileiros como Rui Barbosa e Graciliano Ramos não viam a capacidade de fenômeno cultural no futebol. Os primeiros times brasileiros aproveitaram da estrutura das equipes de remo e regata para inserir uma nova modalidade. Essa alternativa adotada por muitas equipes possibilitou uma captação de renda e torcida, tendo em vista que não foram criados novos clubes, mas sim novas modalidades. Podemos citar como exemplo: os cariocas Botafogo de Futebol e Regatas, Clube de Regatas do Flamengo e Club de Regatas Vasco da Gama; os baianos Esporte Clube Vitória e Clube Internacional de *Cricket*; e o pernambucano Clube Náutico Capibaribe. Para mais informações consultar Castro e Valadão (2008).

do contato com esporte na Suíça, mantinha relações com os futebolistas do Rio de Janeiro e de São Paulo, principais centros do esporte naquele momento. De acordo com Ribeiro (2017, p. 9), Serpa, “carioca de nascença, o jovem acadêmico realizava frequentes viagens para lá, aproveitando-se das facilidades criadas por transportes como o trem, comunicava-se com outros praticantes e informava-se acerca daquela prática física”. Podemos ainda citar como exemplo, outros integrantes do primeiro time da capital fundado em 1904, *Sport Club*, “o comerciante Miguel Liebmann e o dentista Oscar Americano e de J. de Jaegher” que assim como Serpa, estabeleciam conexões com as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo (RIBEIRO, 2017, p. 9). A popularidade de Serpa¹¹, entre seus companheiros, deve-se ao fato de sua experiência mais longínqua entre os clubes da Suíça, Rio de Janeiro e São Paulo. Dentre os jovens da elite belo-horizontina influenciados pela paixão futebolística de Victor Serpa, destacavam-se acadêmicos, filhos de comerciantes e altos funcionários públicos (COUTO, 2014b). Entre os planos da capital planejada, “havia a valorização do esporte como hábito próprio dos modernos centros nacionais e internacionais, como a previsão de um hipódromo e um velódromo, este último no parque central da então Cidade de Minas” (RIBEIRO, 2017, p. 8). Para Mayor e Souza Neto (2014) a necessidade de Belo Horizonte em se afirmar como símbolo de modernidade foi capaz de auxiliar na criação de uma cultura esportiva:

Belo Horizonte começava a se configurar como um lugar afeito a experiências da modernidade, embora seja necessário considerar que a cidade, recém-inaugurada em finais do século XIX (1897), ainda se esforçava em se apropriar dos códigos que eram veiculados (no contexto dos grandes centros urbanos brasileiro/s) como símbolo de um ethos moderno (MAYOR; SOUZA NETO, 2014, p. 53).

A cultura da elite da capital mineira espelhava-se na modernidade europeia e norte-americana e o desejo do novo inspirava um modo de vida nem sempre condizente com a realidade local. Para Mayor e Souza Neto (2014, p. 53), a prática de esportes estava associada às elites e os “modos de se divertir se redimensionavam na perspectiva de abrigar práticas diferenciadas, notadamente ligadas à vertigem e à exposição pública”. E, em meio a este contexto, o futebol tornou-se não só um símbolo da modernidade mineira, mas também um meio de diferenciação da elite. Nesse sentido, para além de uma prática educativa e saudável, segundo Couto (2014, p. 114b), “o futebol parecia cumprir o seu papel civilizatório proposto pela novel metrópole aos seus habitantes”. Segundo Mayor e Souza Neto (2014, p. 57), “filho da elite, Serpa cumpriu o papel que lhe coube: o de incorporar a lógica do mito fundador, a tal

¹¹ Victor Serpa foi o capitão do *Sport Club*. Para motivar a equipe utilizava de suas experiências fora da capital mineira. Para o aprofundamento da temática consultar Ribeiro (2017).

ponto que, em janeiro de 1905, ao morrer prematuramente, vítima de uma gripe enquanto passava férias no Rio de Janeiro, enlutar a capital”. Mesmo após sua morte, Victor Serpa foi capaz de influenciar a cidade, tendo surgido no ano de sua morte um clube em sua homenagem o Viserpa. Para Barreto e Barreto (2000, p. 12), “a febre pelo futebol havia se espalhado pela cidade”. Deste modo, Mayor e Souza Neto (2014) destacam a ambiguidade de Victor Serpa no contexto do futebolístico de Minas Gerais:

Inegavelmente, entendemos que Serpa participa de dois momentos distintos nos movimentos iniciais do futebol na cidade: primeiro, ao representar a figura que incentiva e promove o desenvolvimento do gosto esportivo (destacadamente o futebol), configurando uma primeira organização da prática, com a fundação de clubes e ocorrência de campeonatos. Num segundo instante, com a sua morte, o jovem Serpa (ou a sua ausência), contribui para o “esfriamento do gosto”, com a extinção das outroras entidades clubísticas e, conseqüentemente, do enfraquecimento da dinâmica que avivava o futebol (MAYOR; SOUZA NETO, 2014, p. 58).

De acordo com Pereira (1998, p. 72), mesmo com a disseminação do futebol em diversas camadas sociais, “a moda do *high-life*” dos *sportmen* representa o desejo da elite em adotar *habitus* europeus, tidos como modernos. Com o discurso sanitaria acerca da importância dos exercícios físicos, o futebol popularizou-se destacando seus benefícios. O futebol não era um mero esporte. Para Pereira (1998, p. 74) “os jogos transformavam-se em grandes encontros sociais, reuniões fechadas para as quais os grupos iletrados que a praticavam em outros espaços não haviam sido convidados”. A formação dos mitos fundadores do futebol na cidade recorre ao desejo de associar o esporte à modernidade da elite republicana, tornando-se discursos romantizados pautados em ideais de progresso. Inúmeros foram os clubes formados em Minas Gerais, tendo em sua grande maioria uma vida curta. Dos clubes criados em Minas Gerais, cabe destacar: o Sport Club¹² (1904-1909), Yale¹³ (1910-1930), Athletico Mineiro Futebol Club¹⁴ (1908), Vila Nova (1908) e América Futebol Clube (1912). O Cruzeiro Esporte Clube, objeto de estudo desta monografia, só foi criado em 1921, sob o nome de Palestra Itália.

2.3 Nascidos Palestra, forjados Cruzeiro

¹²O *Sport Club* foi o primeiro time de futebol criado na capital mineira.

¹³*Yale Athletic Club*, clube de futebol de Belo Horizonte, tinha como sede o Barro Preto, seus fundadores pertenciam à colônia italiana.

¹⁴Atual Clube Atlético Mineiro.

Os trabalhos historiográficos que privilegiam o estudo de clubes de futebol ressaltam por vezes, biografia de jogadores (ROCHA, 2013; GALEANO, 2019), campeonatos conquistados (FARIAS, 2014; GALEANO, 2020), o impacto da torcida (COUTO, 2003; CARVALHO, 2014; CHAIM, 2018), livros de memória (BARRETO; BARRETO, 2000; SANTANA, 2003) e até mesmo lutas políticas (GUTERMAN, 2014; FREIXO, 2014). Há crescente interesse no campo da formação de torcidas organizadas e suas manifestações (HOLLANDA, 2009; MURAD, 2012; FLECHA; PONTELLO, 2015). Acerca da realidade dos clubes belo-horizontinos, Freitas (2006, p. 89-90) destaca que “é mister informar que não encontramos obras de cunho científico – teses acadêmicas, que tratassem da origem histórica dos times nessa cidade”. Buscando suprir esta lacuna (FREITAS, 2006), trataremos agora de conhecer o clube que nasceu Palestra e, se forjou Cruzeiro –, privilegiando o contexto de sua fundação, perspectiva dos imigrantes, sentido identitário e por fim o motivo da troca do nome.

Os antecedentes da história do Palestra Itália coincidiram com a construção de Belo Horizonte, tendo em vista que esses imigrantes italianos influenciaram diretamente na formação cultural belo-horizontina. Entretanto, cabe lembrar que muito antes da fundação do Palestra em 1921, outros clubes mais antigos (América e Atlético) já influenciavam diretamente no *habitus* da capital planejada inserindo o futebol no cotidiano belo-horizontino. Para o historiador Cavalieri (2011), eles não só construíram a cidade, mas estabeleceram os primeiro núcleos familiares. Nessa ótica, “pode-se dizer que esses imigrantes foram cruciais na construção de Belo Horizonte e na industrialização da cidade” (CAVALIERI, 2011, p. 10). Ademais, Couto (2014b, p. 123) destaca as medidas adotadas pelo governo de Minas Gerais para incentivar a vinda de imigrantes europeus, “preocupado em aumentar a disponibilidade de mão de obra, sobretudo para os setores da construção civil e do abastecimento”. Segundo Barreto e Barreto (2000, p. 16), na contemporaneidade, sentimos a influência da colonização italiana na capital, “as marcas estão nas padarias, nas velhas construções, no comércio e na indústria (...) com os braços dos operários da construção civil, com as mãos dos artesãos, com a inteligência dos arquitetos e o bom gosto pela música”. E, essa influência só foi mantida graças às iniciativas de manter uma identidade coletiva na nova capital, “fundando, para isso, associações, sociedades, escolas "étnicas" e periódicos” (CAVALIERI, 2011, p. 11).

Cabe ressaltar que, Belo Horizonte – a terceira capital planejada do Brasil e a primeira do período republicano –, estava rodeada de expectativas e pautada em um ideal moderno. Segundo Cedro (2016, p. 91), “o projeto republicano não negava totalmente o passado ouro-pretano, mas o reconstruía pelos seus propósitos de criar suas raízes e laços de identidade na concepção de uma história linear na qual o tempo inovador era representado

pela república”. Enquanto Paris era reverenciada como um símbolo de modernidade do século XIX, Belo Horizonte se esforçava para dar início a uma nova era da modernidade brasileira, pautada no progresso. Ainda que a cidade não possuísse os mesmos costumes da cidade parisiense, os construtores da nova capital estavam empenhados em formar novos *habitus*. Para Ribeiro (2009, p. 2) “toda essa relação entre o esporte e os projetos de Modernidade que ganharam espaço durante o Império e, principalmente, no início da República, não passou despercebida aos construtores da nova capital mineira”. O mesmo autor destaca que a presença de imigrantes e seus descendentes em meio às atividades esportivas, auxiliavam na formação de uma cultura de um “grupo que cada vez mais buscava reforçar seus laços identitários” (RIBEIRO, 2009, p. 8).

A colônia italiana foi a primeira a se mobilizar para a criação de um clube de futebol para que a representasse. O Americano *Foot Ball Club*, fundado em 1907, foi o primeiro time formado por italianos em Belo Horizonte. Segundo Barreto e Barreto (2000, p. 18) “o acesso ao novo time não era restrito aos italianos, os brasileiros também podiam jogar, desde que demonstrassem manejo da bola”. Em 1914, a colônia italiana de São Paulo fundava a *Società Sportiva Palestra Itália*, que hoje conhecemos pelo nome Sociedade Esportiva Palmeiras. Ela tinha como objetivo promover a socialização por meio do futebol entre os italianos e seus descendentes. Para Barreto e Barreto (2000, p. 18), a criação do clube da capital paulista foi capaz de gerar “sensação nos italianos da capital mineira”. Para Couto (2014b, p. 124), a criação de uma associação para representar a colônia “atravessou as montanhas e seduziu os italianos belo-horizontinos, que escreveram a São Paulo pedindo um exemplar do estatuto”. Conforme Couto (2014b) destaca, os palestrinos mineiros seguiram à risca o estatuto da equipe paulista, utilizando-se do mesmo nome. A fim de consolidar esta representação, dois anos após a criação do time da capital paulista, “os italianos de Belo Horizonte pediram licença à Liga e formaram uma seleção somente com jogadores de origem italiana” (BARRETO; BARRETO, 2000, p. 18).

Em um período marcado pelo patriotismo e pelo nacionalismo reverberados pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) a participação individual destes imigrantes não era mais preconizada. Era necessário criar uma comunidade forte que reafirmasse sua identidade. Para Ribeiro (2009, p. 10), neste período, “tal atuação começa a se transformar e a articulação entre o esporte e a afirmação de laços identitários começa a se fazer mais presente entre a colônia italiana belo-horizontina”. Conforme Barreto e Barreto (2000, p. 18) apontam, os italianos estavam presentes em vários clubes da capital, “mas era, sobretudo no Yale, onde caía a preferência dos italianos”. Tanto o Yale, quanto o Palestra Mineiro surgiram no Barro

Preto, uma vez que o bairro “comportou alta presença de operários italianos no período da construção da capital” (CAVALIERI, 2011, p. 83).

A história do Palestra mineiro e do Yale estavam de certa maneira interligadas, o que acabou gerando um certo erro nas narrativas populares. Esse equívoco ocorreu devido ao fato de que 16 jogadores do Yale, entusiasmados em representar a colônia italiana, passaram a jogar no Palestra Itália. Os pesquisadores e torcedores cruzeirenses, Barreto e Barreto (2000) destacaram um equívoco, o Palestra Itália não se originou do Yale, ao contrário do que muitos acreditam. O Yale enfrentava uma crise¹⁵ que durava anos, e foi isso que, para Ribeiro (2009, p. 13) "solucionava o problema de falta de jogadores para a nova equipe". Para Barreto e Barreto (2000, p. 22), eles “queriam um clube que representasse e integrasse a colônia italiana”. No entanto, Couto (2014b) avalia que representar a pátria não era o único objetivo dos ex-jogadores do Yale. Eles tinham como ambição criar uma equipe “que pudesse enfrentar, em condições de igualdade, equipes como o Athletico e o América; mas, principalmente fizesse frente ao Yale, que a partir de então se tornaria o primeiro grande rival” (COUTO, 2014b, p. 125). Segundo Cavalieri (2011, p. 83), a estruturação rápida do *Società Sportiva Palestra Itália* “se deu graças ao apoio de comerciantes e industriários italianos de Belo Horizonte”. Vale ressaltar que o time do Yale continuou a existir mesmo após a fundação do Palestra mineiro, sendo “formado em 1906, disputou o campeonato de Belo Horizonte até 1925, quando desistiu do futebol” (BARRETO; BARRETO, 2000, p. 22).

A formação do Palestra Itália está relacionada a uma camada subalterna. A grande maioria dos imigrantes era de “operários, carpinteiros, pedreiros e trabalhadores do comércio” (COUTO, 2014b, p. 125). Entretanto, vale dizer que tal fato não confere à instituição o símbolo de ‘time do povo’. Conforme Barreto e Barreto (2000, p. 25) destacam “o Palestra era a agremiação dos que arregaçavam as mangas nas indústrias da panificação, nos andaimes das construções civis, nas oficinas de calçados, nas serrarias, marcenarias e serralherias, na condução de carroças”. Segundo os mesmos historiadores, estão entre os grupos familiares e sobrenomes dos imigrantes:

Eram os Miraglia, os Costa, Savassi, Ranieri, Falci, Gaetani, Ferreti, Magnavacca, Peluso, Perazzo, Nocchi, Spitali, Martini, Moterani, Bossi, Lambertucci, Rossi, Tropa, Volpini, Volponi, Lodi, Vanucci, Trota, Scalabrini, Terlizi, Mancini, Sachetto, Calicchio, Marquesotti, Marcheti, Impronta, Marota, Purri, Baroni, Brandi, Tamietto, Grecco, Triginelli, Viola, Marteletti, Cantini, Rizzo, Fantoni, Fantini, Pieri,

¹⁵ A crise enfrentada pelo Yale começa nos anos finais da década de 1910, com a saída de diversos sócios que influenciavam diretamente na renda da equipe. O jogador, Aurélio Noce, que se tornaria o primeiro presidente do Palestra Itália, propôs em conjunto a outros colegas de equipe a criação de um clube que representasse a colônia italiana em Belo Horizonte.

Fratezzi, Riccio, Ruffolo, Piancastelli, Morandi, Ceschiatti, Grosso, Luciola, Gallo, Pianetti, Vone, Perrela, Vanni, Pelegrini, Gasparini, Protta, Zolini, Armanelli, Morici, Pampolini, Izeni, De Paoli, Perozzi, Abramo, Amantea, Belizario, Bagno, Boscarejo, Chiarei, Ferri, Granida, Garimpe, Gatona, Plantei, Scalabrini, Bocomia, Silvestrini, Saco, Taranto, Tenaglia, Prosdocimi e tantos outros itálos natos e oriundi. Citar todos seria um nunca acabar (BARRETO; BARRETO, 2000, p. 16).

Sobrepuja-se também, as lideranças italianas da formação do Palestra Itália mineiro, sendo eles: os jogadores, “Nulo Savini, Júlio Lazarotti, Hamleto Magnavacca, Domingos Spagnuolo, os irmãos Arduíno, Sílvio e Henriqueto Pirani e João Ranieri”; o sócio-gerente da firma “Agostinho Ranieri e Filhos”; as famílias “Savassi, Mancini, Lodi e Noce”; tendo como presidente do clube “Aurélio Noce” e vice-presidente “Tolentino Miraglia”; primeiro e segundo secretário “Giuseppe Perona e Giovanni Zolini”; primeiro e segundo tesoureiro “Hamleto Magnavacca e Aristóteles Lodi”; administrador “Antônio Falci”; comissão de esportes “João Ranieri, Domingos Spagnuolo e Antônio Pace” (BARRETO; BARRETO, 2000, p. 22).

Para Ribeiro (2009, p. 14), a formação desta agremiação está ligada à colônia italiana que foi capaz de representar “um importante mecanismo de afirmação e reforço identitário desse grupo imigrante”. O sucesso do Palestra Itália entre os italianos pode ser atribuído ao nacionalismo exacerbado da equipe, que sempre entrou em campo honrando sua amada pátria resultando assim em um crescente número de filiados e vitórias. Segundo Couto (2014b):

Se, para as elites locais, o futebol se mostrou um símbolo de distinção e elegância, para os numerosos imigrantes italianos instalados em Belo Horizonte ela teve um outro significado, ou seja, uma oportunidade de inserção social. A fundação do *Società Sportiva Palestra Itália*, em 1921, ampliou a convivência dos italianos e seus descendentes, possibilitando sua integração em atividades até então restritas às elites locais (COUTO, 2014b, p. 127).

Em maio de 1922, Arrigo Buzzacchi e Tolentino Miraglia foram os responsáveis por compor o Hino do Palestra¹⁶, cujo trecho inicial segue abaixo:

“No campo da luta/ Entramos, contentes/ Sentindo, frementes/ As almas vibrar/ E deste entusiasmo/ Nos nasce a pujança/ Na firme esperança/ De sempre ganhar/ Que seja o Palestra/ Escola elevada por nós consagrada/ À força e ao valor” (BUZZACCHI; MIRAGLIA, 1922).

Pela ótica dos pesquisadores, Barreto e Barreto (2000, p. 29), “o sucesso do Palestra assustara, principalmente, o América e o Atlético, os donos do poder na Liga”. Mesmo que América e Atlético já estivessem firmados entre os times tradicionais da capital

¹⁶ Fonte: Diário de Minas

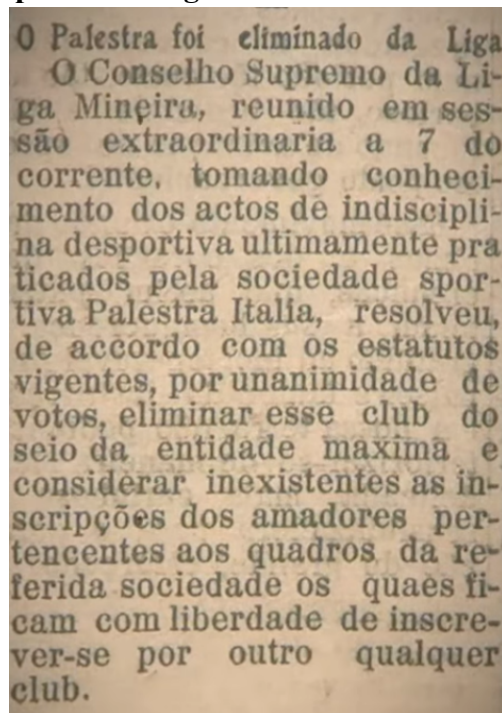
belo-horizontina, o Palestra apresentava-se como uma ameaça, na medida em que captava uma torcida que se identificava não só com um clube, e, sim como um grupo étnico-cultural pertencente aos italianos daquela região. De acordo com os mesmos autores, “uma vida de batalhas contra a discriminação e as armações dos dirigentes de futebol mineiro estavam apenas começando” (BARRETO; BARRETO, 2000, p. 29). Acerca dos primórdios da rivalidade entre os três times da capital, Couto (2014b) destaca que:

A identidade construída entre os jogadores e torcedores da comunidade italiana favorecia sua autoafirmação étnica e cultural, que simultaneamente, os diferenciava e os contrapunha à elite local, representada na esfera esportiva pelo Atlético e pelo América (COUTO, 2014b, p. 127).

Acerca da Liga Mineira de Desportos Terrestres, a visão de Moura (2011, p. 3) é que “apesar da importância do seu papel, não deixou de ser alvo de muitas confusões que alteraram as experiências dos jogadores de futebol, da assistência e dos envolvidos com o jogo”. A Liga Mineira acabou prejudicando o Palestra inúmeras vezes, dentre elas destacam-se: os anos de 1920 e 1926. Em 1920, exigiu que clubes associados fossem registrados como pessoas físicas com o prazo máximo de 31 de dezembro do mesmo ano, tendo como consequência, impossibilitar a participação no campeonato, onde diversos times foram atingidos. As ações da LMDT em 1920 – no que se refere à inscrição das equipes na Liga Mineira, resultaram em “um impasse que ameaçou a realização do campeonato” (COUTO, 2014b, p. 126). Já em 1926, após receber o convite de um amistoso com um clube do interior de São Paulo, vetou a licença de viagem ao Palestra, que contrariou a Liga – que estava enciumada pelo convite. Após a viagem, a equipe sofreu uma suspensão de seis meses. Em um resgate à memória do clube, o documentário “Em busca da história do Cruzeiro”, lançado em 30 de julho de 2021, relembra o fato. A reportagem atribui a eliminação da liga a atos de indisciplina desportiva e impede a participação dos jogadores da instituição por meio de um novo clube amador¹⁷.

¹⁷ Cabe ressaltar que a ressalva foi motivada pelo histórico dos jogadores que ao abandonarem a equipe do Yale, fundaram o Palestra, no entanto, eles poderiam se inscrever em qualquer outro clube sem serem penalizados.

Figura 1- Conselho Supremo da Liga Mineira elimina o Palestra da Liga (1926)¹⁸



O Palestra foi eliminado da Liga. O Conselho Supremo da Liga Mineira, reunido em sessão extraordinária a 7 do corrente, tomando conhecimento dos actos de indisciplina desportiva ultimamente praticados pela sociedade sportiva Palestra Italia, resolveu, de accordo com os estatutos vigentes, por unanimidade de votos, eliminar esse club do seio da entidade maxima e considerar inexistentes as inscripções dos amadores pertencentes aos quadros da referida sociedade os quaes ficam com liberdade de inscrever-se por outro qualquer club.

Fonte: Acervo do Cruzeiro Esporte Clube.

Pela ótica do historiador Couto (2014, p. 124), desde sua fundação a equipe de origem italiana preocupou-se para além das quatro linhas, e, “o objetivo era mobilizar os jogadores da colônia em torno da ideia da fundação de um clube de futebol cuja a razão não fosse apenas o divertimento”. Não cabe aqui elencar todas as dificuldades, fato é que foi por meio delas que o Palestra motivou-se para lutar por uma igualdade representativa, chegando até mesmo a formar uma Liga Esportiva própria — AMET, em conjunto com os clubes que também sentiram-se desrespeitados com a postura dos donos da Liga, América e Atlético. Acerca das ações da LMDT, Ribeiro (2017) discorre que:

Mostraram-se bastante restritas até o início dos anos 1920. Sem dúvida, um princípio de integração regional já podia ser visto na época. Contudo a maior participação dos clubes do interior era algo que iria se constituir no futuro, pois apenas agremiações das proximidades de Belo Horizonte participavam nos campeonatos organizados pela entidade dirigente do futebol estadual (RIBEIRO, 2017, p. 26-27).

¹⁸ O trecho da reportagem aparece no Documentário Em Busca de uma História para o Cruzeiro (2021), e não é divulgado o nome do jornal que realizou a publicação.

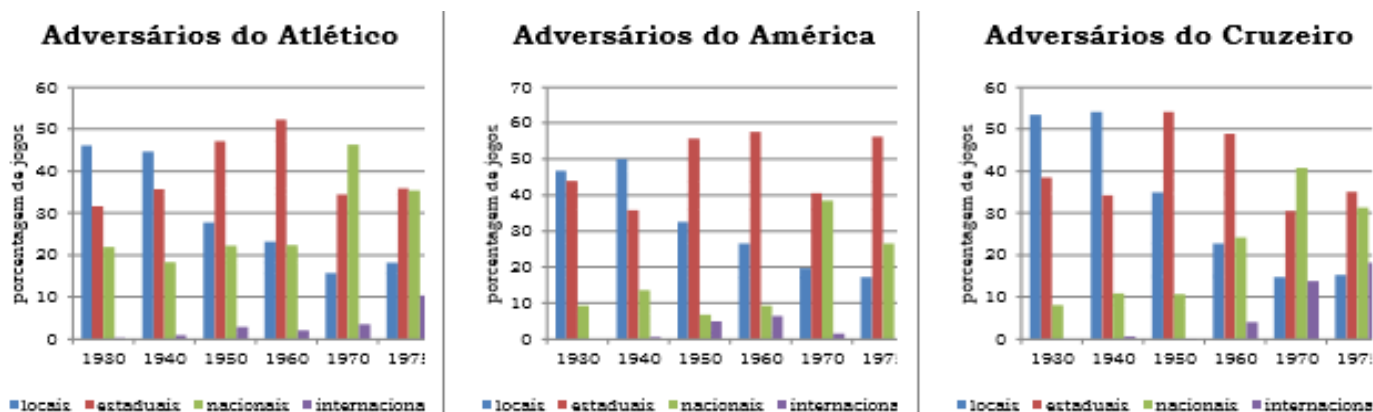
A divisão das ligas não cessou com os desentendimentos e o pesquisador Moura (2011, p. 3) destaca que “a questão do profissionalismo – até 1933 – não era uma prioridade para as instituições responsáveis pelo futebol em Belo Horizonte”. Em 1927, foi proposta a união das duas ligas, Liga Mineira de Desportos Terrestres (LMDT) e Associação Mineira de Esportes Terrestres (AMET), sendo preservado o nome da LMDT. Para Barreto e Barreto (2000, p. 37), o interesse da união das duas ligas veio por meio das direções do América e Atlético “sentindo que a briga com o Palestra poderia trazer consequências maiores”. A Liga fundada pelo Palestra, no ano anterior, já ultrapassava, em número de filiados¹⁹ da, até então única entendida oficial, LMDT. Além disso, Ribeiro (2009) discorre acerca das redefinições do campo esportivo. Na ótica do pesquisador, “a existência de uma nova força futebolística fez com que as antigas agremiações tivessem que rever a definição de sua equipe” (RIBEIRO, 2009, p. 15). Entretanto, “isso, contudo, não foi um prenúncio de paz entre os clubes, surgia então, o preconceito da dupla América/Atlético contra o Palestra” (BARRETO; BARRETO, 2000, p. 37). Cabe ainda ressaltar, a simbologia presente no futebol para as torcidas dos clubes da capital mineira, “atleticanos e americanos, que compartilhavam de um *status* social quase equivalente”, já para os palestrinos “uma oportunidade de inserção social” (COUTO, 2014b, p. 127). Entre as principais causas dos desentendimentos entre a liga e os clubes, Moura (2011, p. 3) nos diz que, “em sua grande maioria, foram algumas decisões arbitrárias dos responsáveis pela condução do esporte na LMDT que, segundo ponto de vistas diversos, favoreciam determinados clubes e determinados jogadores, em detrimento de outros”.

Em 1933, a implantação do profissionalismo do futebol chegou ao Brasil, de maneira precária, porém oficial. Segundo Mayor e Souza Neto (2018, p. 6), o profissionalismo surgiu por meio de uma iniciativa de quatro clubes cariocas que, “em janeiro de 1933, após longos debates acerca da questão amadorismo-profissionalismo (...) resolveram criar a Liga Carioca de *Foot-Ball*, sinalizando sua adesão ao novo regime”. A ação pioneira dessas equipes impactou todo país e, em questão de anos, os times que não se adequaram a este modelo seguiram por dois caminhos: extinção e diminuição de representatividade. A profissionalização do esporte permitiu, ao longo dos anos, superar o caráter regional dos confrontos, gerando impactos no número de jogos, na arrecadação e expansão de adversários, possibilitando assim a ampliação de conflitos nacionais e internacionais. Em estudo acerca da utilização de dados estatísticos como fonte de pesquisa, Lage (2018) desenvolveu um gráfico

¹⁹ A LDMT contava com a participação de seis equipes, sendo elas: América, Atlético, Sete de Setembro, Guarany, Syrio Horizontino e Calafate. A AMET, por sua vez contava com a participação de sete equipes, sendo elas: Minas Geraes, Avante, Olympic, Fluminense, Grêmio Ludopédio e Santa Cruz, posteriormente após a exclusão do Palestra no quadro da LDMT, a equipe italiana filiou-se à nova entidade.

acerca do local de origem dos adversários dos clubes da capital belo-horizontina de 1930 a 1970.

Gráfico 1- Local de origem dos adversários dos clubes belo horizontinos, anos 1930-1970



Fonte: Lage (2018, p. 8).

No gráfico podemos identificar o constante aumento do número de jogos em dois momentos específicos. Na década de 1930, marcado pela profissionalização do esporte e, na década de 1960, marcado pela construção do Mineirão. Durante a década de 1930, o Palestra Itália perdeu a maior parte de seus jogadores. Acerca do profissionalismo às avessas, Couto (2014b, p. 123) acentua que “em 1926 (...) começava no futebol mineiro a fase conhecida como ‘amadorismo marrom’ (...) Athletico e o Palestra Itália — saíram em busca de reforços para o seus elencos, os americanos se recusaram a adotar a mesma estratégia”. O período denominado como “amadorismo marrom” ou “profissionalismo disfarçado” refere-se à fase de transição entre o amadorismo e a profissionalização do esporte, em que os jogadores eram pagos de maneira informal para poderem se dedicar exclusivamente ao futebol. Neste período, o futebol passou a se tornar um instrumento político, amplamente utilizado pelo presidente Getúlio Vargas, durante o período estado novista (1937-1945):

Getúlio, de fato, empreendeu esforços consideráveis para estatizar o controle do futebol no Brasil, e isso acelerou o processo de sua profissionalização — afinal, como já ficou sugerido, está claro que articular a recompensa financeira aos “trabalhadores da bola” era uma forma de atrair o apoio de atletas e das classes pobres para as fileiras do governo. Isso tinha uma dupla função: ampliar a base social do regime, isolando as oligarquias, fazer crer que havia uma espécie de “democracia racial” no Brasil. O “homem brasileiro” tomava forma a partir dessa plataforma, e o veículo era o controle institucional dos corpos (GUTERMAN, 2014, p. 73).

Foi apenas em 1942 que a origem italiana, orgulhosamente estampada nos materiais esportivos, por meio das cores: verde, vermelho e branco dariam espaço para as cinco estrelas e o azul e branco. E, o principal motivador desta mudança, foi a expansão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando o governo brasileiro declarou guerra aos países do eixo (Itália, Alemanha e Japão). As consequências foram notadas em todos os setores da sociedade. A mudança de nome de Palestra Itália a Cruzeiro Esporte Clube foi mais lenta e complicada do que foi descrito. No contexto futebolístico, a entrada do Brasil na Guerra, segundo Farias (2014, p. 180), acarretou em “manifestações políticas e o nacionalismo”. Os clubes se viram obrigados a se adequar neste período, dirigentes estrangeiros abandonaram seus postos e nomes foram trocados. A figura 2 apresenta os escudos adotados pela equipe celeste (TIMELINE..., [s.d.]

Figura 2- Escudos do Palestra Itália e Cruzeiro após sua alteração (1942).



Fonte: Acervo Cruzeiro

Com relação aos países do eixo, Farias (2014, p. 180) destaca que “os clubes vinculados às colônias italianas passaram a ser hostilizados e vigiados pelo governo”. No caso do Palestra Itália, ocorreram três trocas de nome ainda em 1942, sendo eles: Palestra Mineiro²⁰, Ypiranga Esporte Clube²¹ e por fim Cruzeiro Esporte Clube²². Entretanto, cabe ressaltar que a escolha por nomes estritamente nacionais surge não só por parte do Cruzeiro, mas muitos clubes mudaram de nome “não apenas para escapar à pecha de “inimigos da

²⁰ Adotado após o decreto-lei publicado em 31 de agosto de 1942 que obrigou a extinção de símbolos e nomes relacionados aos três países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), permanecendo até 28 de setembro do mesmo ano.

²¹ O nome foi adotado em 29 de setembro de 1942, mas não agradou a diretoria e permaneceu até 6 de outubro, sendo rejeitado após uma derrota de 2x1 contra o Clube Atlético Mineiro, em 2 de outubro do mesmo ano.

²² O nome foi adotado em 7 de outubro de 1942 após uma reunião dos conselheiros, sendo sugerido por Osvaldo Pinto Coelho, ex-presidente do clube (1936-1940).

Pátria”, mas para, igualmente, exaltar o nacionalismo daqueles tempos de ditadura e de guerra” (FARIAS, 2014, p. 180).

2.4 Nos gramados de Minas Gerais: Mineirão e o Futebol

O projeto do Estádio Minas Gerais antecedeu há cerca de 30 anos sua construção foi uma promessa de inúmeros governantes ao povo mineiro. Podemos ressaltar nomes como: os governadores, Otacílio Negrão de Lima (1947-1951) e Juscelino Kubitschek (1956-1961) e o presidente da Federação Mineira de Futebol (FMF), Francisco de Castro Cortes²³, dentre outros. Segundo Souza Neto (2017, p. 143), “o ano de 1958 surge como o momento em que o discurso sobre a necessidade de um novo estádio ganha força e presença”. Com o aumento da população da capital mineira, a necessidade de estádios com públicos maiores crescia, alguns passaram por reformas para se adaptar e outros deixaram de existir.

Os estádios existentes em Belo Horizonte, antes da construção do Mineirão eram: 1) Prado Mineiro²⁴ (1906); 2) Estádio do América²⁵ (1923); 3) Estádio Juscelino Kubitschek ²⁶de Oliveira, estádio do Palestra Itália conhecido também como Estádio do Barro Preto (1923); 4) Estádio Otacílio Negrão de Lima²⁷, também conhecido como Alameda (1928); 5) Estádio Antônio Carlos²⁸ (1929); 6) Estádio Raimundo Sampaio²⁹, mais conhecido como Independência (1950). Tais estádios não eram capazes de comportar a paixão futebolística crescente em Belo Horizonte. A fim de identificar as mudanças na capacidade máxima do público nos estádios aos longos dos anos, observa-se no gráfico, que a necessidade de expansão crescia em conjunto com os seus espectadores. E, cabe ainda ressaltar, que dois estádios passaram por reformas visando a expansão de sua capacidade, sendo eles: Estádio Juscelino Kubitschek de Oliveira e Estádio Otacílio Negrão de Lima, após 22 e 20 anos, respectivamente, após suas inaugurações. O Estádio Minas Gerais, por sua vez, inaugurado em 1965, comportava 70.000 pessoas. Se compararmos, o primeiro estádio construído (Prado Mineiro) em relação ao último (Mineirão), pode-se notar o aumento da paixão futebolística

²³ A FMF não divulga o nome e data de seus ex-presidentes. As tentativas de contato com a Federação durante a pesquisa não obtiveram êxito.

²⁴ Localizava-se na antiga Rua Paraopeba, atual Avenida Augusto Lima, entre as ruas Curitiba, Santa Catarina e Goytacazes, o local do antigo campo atualmente abriga o Mercado Municipal de Belo Horizonte.

²⁵ Localizava-se na região Centro-Sul de Belo Horizonte, na Rua Curitiba.

²⁶ Localizava-se no Barro Preto, atualmente abriga a sede social e de lazer do Barro Preto.

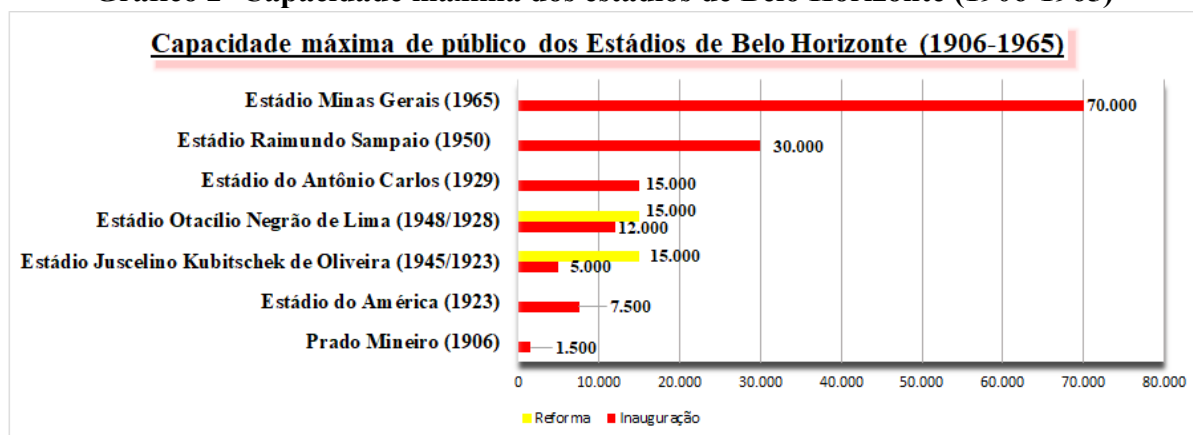
²⁷ Localizava-se no bairro Santa Efigênia na Avenida Araguaia, atual Francisco Sales entre as atuais ruas Alameda Ezequiel Dias e a Alameda Álvaro Celso.

²⁸ Localizava-se na Avenida Olegário Maciel, atualmente abriga o *DiamondMall*.

²⁹ Inaugurado para sediar os jogos da Copa do Mundo em 1950 realizada no Brasil. Localizado na Rua Pitangui no bairro do Horto.

entre os mineiros, resultando em uma expansão da capacidade de público nos estádios. Conclui-se que, ao longo de 59 anos, estádios foram construídos e reformados para atender a necessidade dos torcedores mineiros, assim, a capacidade dos estádios ampliou em cerca 4566,7%, totalizando um aumento de 68.500 pessoas –, tendo em vista que o primeiro estádio comportava 1500 e o último 70.000 pessoas.

Gráfico 2- Capacidade máxima dos estádios de Belo Horizonte (1906-1965)



Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos da tese de Souza Neto (2017)

E o responsável por esta ampliação foi o governador José Francisco Bias Fortes (1956-1961) que, em 12 de agosto de 1959, sancionou a Lei n. 1.947 que estabeleceu a criação do Estádio Minas Gerais. Para Santos (2005), o tamanho dos estádios define a importância do futebol para a cidade e, no caso do estado de Minas Gerais, isso não ocorreu, mas os Estádios passam a ser “responsabilizados pela limitação do futebol mineiro”. Em outras palavras, os mineiros, mesmo que valorizassem o jogo da bola, não possuíam um estádio que representasse o tamanho de sua paixão. E foi apenas com a construção do Estádio Minas Gerais, que o estado passou a ser reconhecido pelo seu futebol impactando diretamente na realidade de seus clubes. Os autores Mayor e Souza Neto (2018) discorrem acerca das limitações do futebol mineiro:

A paixão clubística já era uma realidade, de forma que as modificações e demandas cunhadas pelo avançar de um mercado esportivo (no caso deste estudo, a profissionalização e o soerguimento de grandes estádios) não se restringiam apenas ao plano estrutural, mas impactavam diretamente os costumes dos sujeitos envolvidos com a prática (torcedores, jogadores, dirigentes, jornalistas, dentre outros) (MAYOR; SOUZA NETO, 2018, p. 2).

Para uma melhor compreensão da simbologia do Mineirão, torna-se necessário ressaltar a centralidade da Pampulha durante a década de 1940 a 1950 e a modernidade

belo-horizontina. Para Cedro (2016, p. 224), a conjuntura política brasileira "alinha-se ao ideário de modernização latino-americana, através do regime político instituído por Getúlio Vargas, conhecido como Estado Novo (1937-1945)". Segundo o historiador, o Estado Novo utilizou "do elemento artístico como ferramenta de instituir a modernidade e o progresso representados pela estética", e neste cenário, a construção do complexo da Pampulha "se enquadrou nas ações políticas mais amplas do projeto municipal que visavam modernizar a urbe belo-horizontina no decorrer da década de 1940" (CEDRO, 2016, p. 226). A transformação daquela região, que antes era caracterizada por sítios e fazendas em um espaço urbano e moderno, significou na visão de Cedro (2016, p. 226), a "centralidade referencial de entretenimento, de capital cultural e simbólico reproduzidos pelo discurso de modernidade periférica da capital mineira". Nessa ótica, percebe-se que a Pampulha tornou-se uma referência no plano nacional e internacional, no que se refere ao *glamour*, à elegância e ao cosmopolitismo dos espetáculos e festas no Cassino e Casa do Baile, funcionando como uma vitrine do que há de mais moderno na cidade. Todavia, a urbanização daquela região acarretou em mudanças no cotidiano dos moradores locais. Em outras palavras, "a Pampulha se impôs também como um espaço referencial da modernidade através de um conjunto de signos e significados que reunia cosmopolitismo, inovação e contemporaneidade" (CEDRO, 2016, p. 276). Ainda sim, a partir dos anos 1950, posto que, com o fechamento dos cassinos no país e com o rompimento da barragem, a Pampulha teve sua centralidade ameaçada. E, além disso, Cedro (2016) sinaliza que a retomada da Pampulha como centralidade e referência da cidade de Belo Horizonte pode ter ocorrido, a partir dos anos 1960, com a construção de diversos clubes de lazer naquela região e também com a construção do Mineirão.

Tendo em vista a magnitude da Pampulha, cabe atentar-se ao objeto de estudo deste capítulo, o Mineirão que, até 1966, denomina-se Estádio Minas Gerais. Na visão de Santos (2005), a construção do estádio atendeu "uma reivindicação do círculo esportivo de Belo Horizonte", entretanto, "a grandiosidade do empreendimento foi usada para glorificar o virtuosismo do homem mineiro". O mesmo autor destaca que as narrativas de autoridades políticas iam além do cenário esportivo e que "o orgulho do estádio era transformado em orgulho da capacidade empreendedora do povo mineiro" (SANTOS, 2005). Os impactos da construção do estádio no *habitus* belo-horizontino foram destacados por Cedro (2016):

A realização de partidas de futebol também contribuiu para manter a Pampulha ativa como um dos signos da modernidade ao transformar aquele espaço urbano em polo irradiador do futebol mineiro no cenário esportivo nacional. A monumental arquitetura do Estádio Mineirão, uma iniciativa do poder público, se impôs e se integrou aquele cenário plástico da lagoa e de suas edificações. Em dias de jogos,

atraía grande número de torcedores para seu entorno e, seus eventos, causavam grande impacto social e espacial na cidade de Belo Horizonte que, pelo esporte, passou a contar com novas formas de sociabilidade e ter alterada sua rotina cotidiana (CEDRO, 2016, p. 289).

Segundo Freitas (2006, p. 95), “com a construção do Mineirão (Estádio Governador Magalhães Pinto) em Belo Horizonte, em 1965, o futebol mineiro quebrou seu aspecto ‘interiorano’, já que Atlético, Cruzeiro e América passaram a disputar grandes competições nacionais”. Na visão de Luís Assumpção (2004), a construção do estádio ocorreu dentro de um contexto de “monumentalidade”, ou seja, como uma forma de poder. O mesmo autor destaca a projeção simbólica do estádio:

Se analisarmos o Mineirão como uma projeção simbólica dos valores de uma sociedade, percebemos a preocupação em associá-lo à “redenção do futebol mineiro”, ao “progresso da capital”, à superação dos “limites provincianos e interioranos”. O Mineirão representaria o “cosmopolitismo”, a afirmação diante do Rio de Janeiro e de São Paulo, o emparelhamento com os principais clubes do país. Em outras palavras, a posição dos mineiros ganharia, com o estádio, um poderoso aliado em sua busca de autoafirmação esportiva e simbólica (ASSUMPÇÃO, 2004, p. 146).

A inauguração do estádio ocorreu no dia 5 de setembro de 1965, 73.201 pessoas compareceram ao festivo evento. A partida realizada entre a Seleção Mineira e o clube argentino River Plate terminou com a vitória da equipe local por 1x0, gol de José Roberto Bougleaux, mais conhecido como Buglê. A vitória mineira não se limitou apenas dentro de campo e, de maneira emblemática, impulsionou o mercado futebolístico em Minas Gerais, deu maior visibilidade aos clubes da capital e reafirmou o pertencimento clubístico do torcedor. A figura 3 apresenta um trecho da reportagem de Ney Bianchi (1966, p. 16-17) que evidencia a conquista do futebol mineiro.

Figura 3- O gigante de Minas: Inauguração Mineirão, Revista Manchete, edição n. 700, 1965.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Neste contexto, o Mineirão, segundo Souza Neto (2017, p. 230), “representou a investida pública, por parte do Estado, em um projeto de construção de estádio”. O Mineirão foi edificado em plena Ditadura Militar como símbolo do empreendedorismo mineiro e do avanço do Governo de Magalhães Pinto (1961-1966), um dos principais idealizadores do golpe civil-militar de 1964. Para Valle (2014, p. 46), os governadores de Guanabara, São Paulo e Minas Gerais, respectivamente, “Lacerda, Adhemar e Magalhães Pinto desempenhariam papel ativo nas articulações golpistas e desestabilizadores contra o governo Goulart”. Cabe ainda ressaltar que o futebol foi utilizado durante o Regime Militar como uma forma de controle da população por meio do Governo. De acordo com Couto (2014a), para aproximar a imagem do líder da nação com os seus governados, o governante associou a sua imagem à de um chefe de família.

Além disso, a ditadura apropriou-se do esporte como propaganda de seus governos. Durante a década de 1960 e 1970, grandiosos estádios foram construídos e tinham por objetivo incentivar o nacionalismo entre os torcedores. Desta maneira, os estádios “passavam a servir como verdadeiras arenas políticas catalisadoras das multidões” (COUTO, 2014a, p. 44). Mesmo após 36 anos do fim da Ditadura, pouco se sabe a respeito deste período tendo em mente que sua documentação não encontra-se disponível para domínio público. Um ano após a sua inauguração, em um período marcado por exaltação de autoridades políticas, o então Estádio Minas Gerais trocou de nome. O Estádio passou a se chamar Estádio Governador Magalhães Pinto, por meio da Lei Estadual n. 4.072/66³⁰, no qual concedeu denominação de Estádio Governador Magalhães Pinto ao atual Estádio Minas Gerais e,

³⁰ MINAS GERAIS. Lei estadual, n. 4.072 de 11 de janeiro de 1966.

conferiu à administração do estádio a afixação da placa com a denominação dada por esta lei. A construção do estádio tornou-se significativa na medida em que:

As sociedades constroem espaços nos quais seus valores, seus momentos históricos, sua memória coletiva, seus rituais, possam se perpetuar. Por essa razão, levantam importantes edifícios, grandiosos monumentos, magníficas obras de arte talhadas na pedra e no mármore. Nesses espaços, as pessoas compartilharão memórias, experiências, lembranças comuns e projetarão sua vontade coletiva em direção ao futuro (ASSUMPÇÃO, 2004, p. 148).

Torna-se importante destacar a narrativa de Mayor e Souza Neto (2018) acerca da comparação dos dois marcos do futebol mineiro, a sua profissionalização em 1933 e a construção do Mineirão em 1965. Para esses autores, mesmo com a profissionalização do esporte, o futebol de Minas Gerais não perdeu o seu caráter amador. A estruturação do esporte alinhou-se à criação de um mercado futebolístico, o qual só começou a se concretizar após a construção do estádio.

Trinta e dois anos após a implantação do profissionalismo e da veiculação entusiástica de suas vantagens, pode-se dizer que somente com a inauguração do Mineirão houve, de fato, a aproximação da tão desejada e intangível modernidade futebolística por Minas Gerais e por Belo Horizonte, simbolizando, naquele instante, um monumento à altura dos anseios dos futebolistas locais, o que tornou possível o desejo de se acercar da idealizada estrutura para um futebol cada vez mais espetacularizado, mercantil e “moderno” (MAYOR; SOUZA NETO, 2018, p. 18-19).

O Estádio Governador Magalhães Pinto tornou-se o maior e principal palco do futebol em Minas Gerais. A sua estrutura foi capaz de inaugurar uma nova fase do futebol mineiro, marcado por sua consolidação e uma disputa de igual para igual com os clubes do eixo Rio-São Paulo. As equipes mineiras: América, Atlético e Cruzeiro agora possuíam um público maior para motivá-los e se empolgaram com a modernidade do estádio. Pode-se afirmar que o Mineirão representa a capacidade de empreender, o desejo dos esportistas mineiros, o charme do complexo arquitetônico da Pampulha. O próximo tópico analisará a relação entre o Cruzeiro e o Mineirão, compreendendo como a construção do estádio impulsionou a projeção simbólica e econômica da equipe celeste.

2.5 Uma história de gigantes: Cruzeiro e Mineirão

O Mineirão, desde a sua construção, tornou-se um símbolo de modernidade e empreendedorismo do povo mineiro. A expectativa era tão grande que, a partir de 1962, Gil

César, engenheiro chefe das obras, desenvolveu a operação 24 horas ao propor uma nova organização dos turnos de trabalho. A operação consistiu em dividir os três mil operários em três turnos ininterruptos para apressar a inauguração e diminuir os gastos. Através da figura 4 (MUSEU..., 2009) podemos identificar o processo de construção da fachada da arena que mesmo após a reforma (para atender os padrões estabelecidos pela FIFA) iniciada em janeiro de 2010 foi preservada.

Figura 4- Obras da construção do Estádio Minas Gerais (Década de 1960)



Fonte: Acervo ADEMG (Administração de Estádios de Minas Gerais), Museu Virtual Pampulha.

Na década de 1960, o futebol já era utilizado como elemento político e muitos governantes apropriaram-se do esporte para a construção de narrativas que privilegiassem seus projetos políticos (COUTO, 2014a). Com o então governador do estado de Minas Gerais, Magalhães Pinto (1961-1966), não foi diferente. Ele utilizou-se da construção do Mineirão para promover os avanços de seu governo. A reportagem de Manuel Santos (1965) descreve uma narrativa bem alinhada aos propósitos políticos estaduais em retomar o ideário de modernidade para a cidade-capital Belo Horizonte.

Figura 5- Manchete em Minas: Marcha para a Prosperidade, Revista Manchete, edição n. 676, 1965.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Contudo, Magalhães Pinto não se preocupou somente em divulgar o sucesso de seu governo, ele esteve presente em diversos momentos durante a construção do Estádio. Em 1963, ele convidou jornalistas cariocas, ao lado do Ministro José Lira Filho, para acompanhar a construção em ritmo acelerado do “Grande Estádio de Minas” (O BRASIL..., 1963).

Figura 6- O Brasil em Manchete: O grande Estádio de Minas, Revista Manchete, edição n. 593, 1963.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O que a reportagem não nos diz é que Rio de Janeiro e São Paulo eram as duas grandes potências esportivas do Brasil. O Rio de Janeiro que, por sua vez, já possuía o seu

grandioso estádio desde junho de 1950 e, em diversos momentos o Mineirão foi comparado ao Maracanã (Estádio Jornalista Mário Filho). A escolha por jornalistas cariocas insere-se neste contexto, para promover o governo de Magalhães Pinto que resultou em um avanço do empreendedorismo mineiro (O BRASIL..., 1963). Não só os governantes se apropriaram do estádio. O dirigente e presidente do Cruzeiro Felício Brandi (1961-1982) também esteve presente em diversos momentos durante a construção do Estádio de Minas Gerais. O cartola³¹ Felício Brandi teve sua gestão marcada por grandes conquistas, captação de novos torcedores e dependências do clube. Cabe ainda ressaltar que ele é reconhecido pela torcida como o melhor dirigente da história do Cruzeiro. Na edição número 9, da Revista Foto Esporte, que circulava nas bancas de jornal de Belo Horizonte, Felício Brandi publicou uma carta saudando o governador Magalhães Pinto pela construção do estádio e prometendo esforços para representar a grandiosidade do estádio.

“Cruzeiro Esporte Clube

A diretoria, o Conselho Deliberativo e os associados do Cruzeiro Esporte Clube, enviam ao ilustre Governador Magalhães Pinto, os seus mais nobres sentimentos de gratidão pela construção do Estádio Minas Gerais. Sendo o Cruzeiro Esporte Clube, uma das bases onde se apoia a grandeza do futebol mineiro, sua atual diretoria tudo realizará para colocar à altura da monumental obra.

Belo Horizonte, 5 de março de 1965

Felício Brandi (Presidente)” (EM 1965... 2013.).

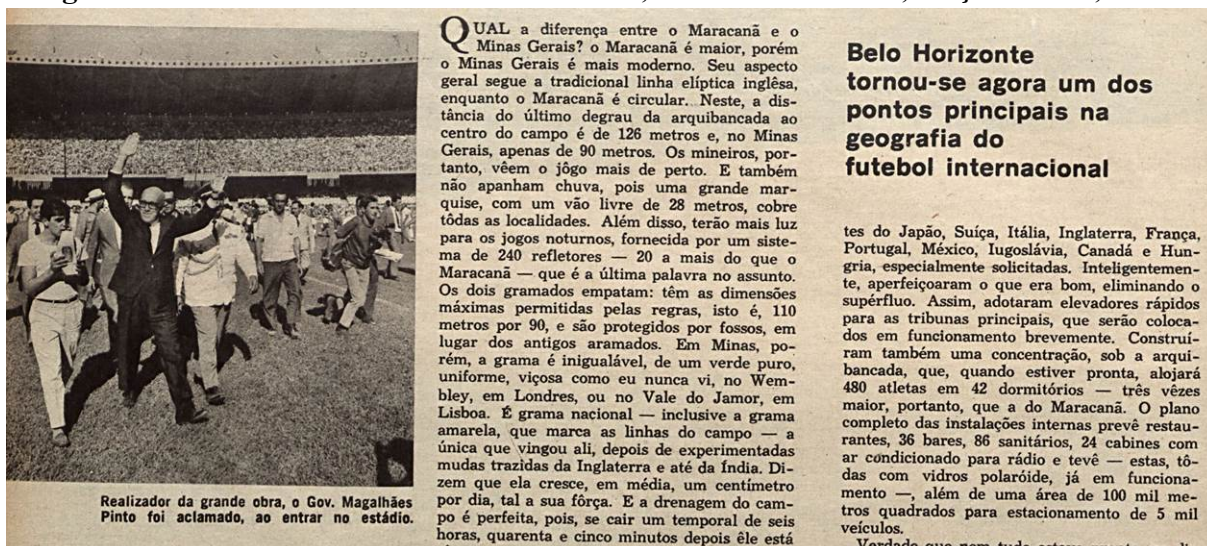
O Mineirão foi inaugurado em plena Ditadura, ainda que o seu projeto antecederesse o golpe civil-militar, é inegável que ele se encaixava no contexto das construções de grandiosos estádios durante toda a década de 1960 a 1970. Para Couto (2014a, p. 66) “foi no Brasil dos anos 1950 que o futebol adquiriu os contornos de um símbolo nacional à medida que foi sendo amplamente apropriado pela população”. O futebol tornou-se objeto de legitimação ideológica do regime ditatorial. As construções dos estádios foram capazes de representar o progresso, desenvolvimento e crescimento dessa estrutura política, funcionando como verdadeiros símbolos e aproximação das massas.

Com a inauguração do Estádio de Minas Gerais, o Cruzeiro e o Mineirão caminhavam juntos para sua projeção nacional e internacional, outros clubes também se destacaram, como Atlético e América desempenhando ótimas campanhas. Cabe ainda ressaltar que não apenas os três clubes da capital mineira se apropriaram do Mineirão, os clubes do interior de Minas

³¹ A expressão é utilizada para se referir a qualquer dirigente. Originalmente, ela foi criada por meio de uma iniciativa do Jornal dos *Sports*, em 1944, para criar mascotes que representassem os grandes clubes do futebol carioca. O Cartola Pó-de-Arroz representava o Fluminense Football Clube e fazia uma alusão às origens aristocráticas do clube, criado pelo cartunista argentino Lorenzo Molas (1915-1994).

também se empolgaram, como por exemplo, o Esporte Clube Siderúrgica³². Ter um grande estádio permitiu uma maior preparação física e emocional dos jogadores, entrar em campo no Pacaembu e Maracanã, não era mais motivo de medo. Por meio de um concurso da Rádio Inconfidência, em 1965, o Cruzeiro ganhou o seu novo hino oficial. O vencedor foi Jadir Ambrósio. No hino, o compositor e torcedor celeste destaca o orgulho em torcer pelo Cruzeiro, fazendo uma relação com o Estádio e o clube celeste "nos gramados de Minas Gerais, temos páginas heroicas e imortais" (AMBRÓSIO, 1965). O Mineirão, após a sua inauguração, foi novamente comparado ao Maracanã, entretanto, na edição número 700 é destacado que "os mineiros orgulha-se, também do seu estádio ser perfeito sob todos os pontos de vista" representando "a ressurreição do futebol mineiro" (BIANCHI, 1965, p. 18). A reportagem de Bianchi (1965, p. 18) mais do que uma mera comparação evidencia as potencialidades e a simbologia da nova arena que "transformará seu futebol em um mercado consumidor de craques". O trecho da figura 7 (BIANCHI, 1965) apresenta os dados da comparação entre os estádios e como a capital mineira inseriu-se geograficamente no futebol mundial.

Figura 7- Minas: Futebol-Arte e nôvo centro, Revista Manchete, edição n. 700, 1965.



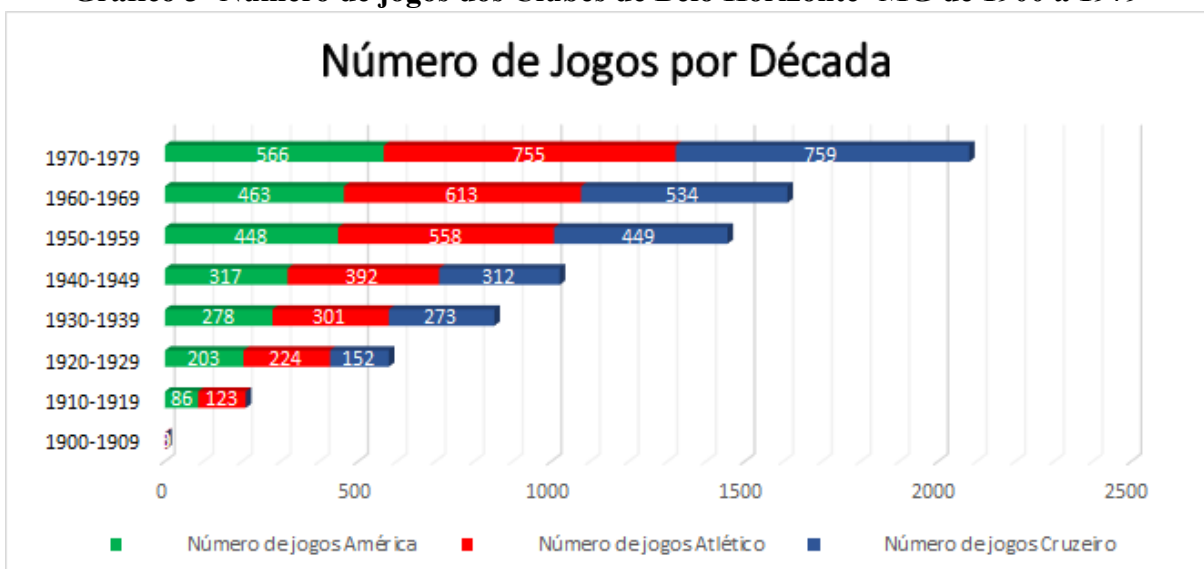
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

A fim de identificar mudanças na quantidade de número de jogos ao longo das décadas, podemos conferir no gráfico 3, dois marcos: a década de 1930, quando o futebol iniciou sua profissionalização e, a década de 1960, quando o Mineirão foi inaugurado. Na década de 1930, foram realizados 278 jogos pelo o América, 301 jogos pelo o Atlético e 273

³² Primeira equipe a disputar um Torneio Interestadual oficial no Mineirão

jogos pelo Cruzeiro. Já na década de 1960, os mesmos clubes realizaram respectivamente 463, 613 e 534 jogos. Posto que a inauguração do Mineirão ocorreu na metade da década, podemos medir o aumento na década seguinte. No caso da equipe americana foram realizados 103 jogos a mais, totalizando 566 jogos; a equipe alvinegra 142 jogos a mais, totalizando 755 jogos e, a equipe celeste, por sua vez, teve um aumento de 225 jogos, totalizando assim 759 jogos. Ainda que a profissionalização do futebol possibilitasse um aumento gradual no número de jogos, impactando América³³, Atlético³⁴ e Cruzeiro³⁵ nas duas décadas seguintes, em 1940 e 1950, respectivamente. Foi somente com a inauguração do estádio que ocorreu um aumento expressivo em um curto intervalo de tempo.

Gráfico 3- Número de jogos dos Clubes de Belo Horizonte- MG de 1900 á 1979



Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do sítio eletrônico Futebol80³⁶

O presidente do clube, Felício Brandi, foi capaz de cumprir com a sua promessa. Em um ano, após a inauguração do Estádio, o Cruzeiro e o Mineirão se destacaram devido à qualidade de seu futebol e sua estrutura. Nas palavras do jornalista André Kallás (1966), a partida realizada em Belo Horizonte foi capaz de ofuscar o campeonato carioca e o Cruzeiro protagonizou o maior jogo de futebol do ano no magnífico estádio de Minas Gerais. O jogo em questão é até hoje lembrado pela torcida celeste, que destaca orgulhosamente o dia em que o Cruzeiro derrotou o Santos de Pelé por 6 a 2 e conquistou a Taça Brasil em 1966. O texto jornalístico da figura 8 (KALLÁS, 1966, p. 124) apresenta dados que informam o

³³ 39 e 131 jogos.

³⁴ 91 e 166 jogos

³⁵ 39 e 137 jogos.

³⁶ O sítio eletrônico busca resgatar a história do futebol brasileiro em números, desenvolvido pelo jornalista Chico Nepomuceno. Disponível em: <http://www.futebol80.com.br/index.html>.

tamanho do público presente e a renda final do estádio, além do resultado final do confronto. Entretanto, o destaque refere-se a exposição midiática nacional da equipe celeste proporcionada pelo estádio e seus craques.

Figura 8- O Cruzeiro virou Manchete, Revista Manchete, edição n. 765, 1966.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

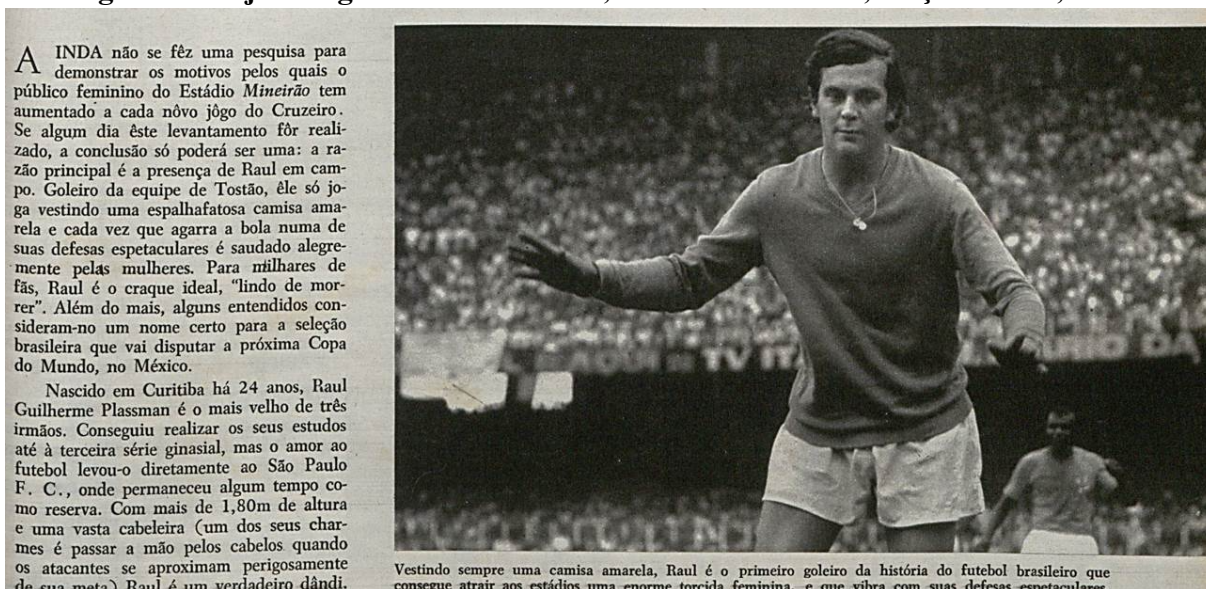
Em um resgate à memória deste jogo, Nolasco (2020), repórter do Jornal Estado de Minas, ressalta a opinião de Nelson Rodrigues acerca do feito de Felício Brandi em frente ao Cruzeiro, publicado em 9 de dezembro de 1966, no Jornal dos *Sports*. A conquista da Taça Brasil “apresentou ao país algo desconhecido até então: o futebol mineiro” (NOLASCO, 2020).

Depois da vergonha e da frustração da Copa do Mundo, nenhum acontecimento teve a importância e a transcendência da vitória de anteontem. Por outro lado, não foi só a beleza da partida, ou seu dramatismo incomparável. É preciso destacar o nobre feito épico que torna inesquecível o feito do Cruzeiro. Não tenhamos medo de fazer a sóbria justiça: aí está, repito, o maior time do mundo” (RODRIGUES, Nelson, 1966 apud NOLASCO, Gustavo, 2020).

O público do estádio era bem diverso e, em 1969, a Revista Manchete destaca o crescente número do público feminino dentro do Mineirão por meio do título “o jovem goleiro do Cruzeiro é o principal responsável pelo público feminino no Mineirão: Raul, o craque mais bonito do futebol” (SÉRGIO, 1969, p. 91). Na visão de Renato Sérgio, redator da reportagem em questão, este aumento do público feminino é atribuído a Raul Plassmann, goleiro do time celeste, considerado “o craque mais bonito do futebol” (SÉRGIO, 1969, p. 91). O foco aqui não é destacar o retrato de uma sociedade machista presente na matéria, mas sim, destacar que desde os primeiros anos do estádio, as mulheres e, principalmente, as torcedoras celestes passaram a frequentar o Mineirão. A modernidade do estádio, seu

conforto e a garantia de segurança permitiu a presença de um novo público nos estádios. Em consequência disso, vê-se, pela ótica de Santos (2005) que “a esposa não precisaria ficar em casa, aguardando a chegada do seu marido”. Desta maneira, o Estádio Minas Gerais, logo em sua inauguração, permitiu a mulher mineira “que sempre acompanhou os jogos futebolísticos realizados na capital, tinha, agora, um estádio que permitia sua presença sem os conhecidos problemas dos outros estádios de Belo Horizonte” (SANTOS, 2005). No trecho da figura 9 (SÉRGIO, 1969, p. 91) o repórter destaca a possibilidade de que Raul, por meio de sua beleza e defesas, seja o principal responsável pelo aumento do público feminino na arena. Além disto, através da reportagem podemos identificar que foi por causa do goleiro que é descrito como um dândi, que a cor amarela inseriu-se nos materiais esportivos da equipe.

Figura 9- O jovem goleiro do Cruzeiro, Revista Manchete, edição n. 872, 1969.



AINDA não se fez uma pesquisa para demonstrar os motivos pelos quais o público feminino do Estádio Mineirão tem aumentado a cada novo jogo do Cruzeiro. Se algum dia este levantamento for realizado, a conclusão só poderá ser uma: a razão principal é a presença de Raul em campo. Goleiro da equipe de Tostão, ele só joga vestindo uma espalhafatosa camisa amarela e cada vez que agarra a bola numa de suas defesas espetaculares é saudado alegremente pelas mulheres. Para milhares de fãs, Raul é o craque ideal, “lindo de morrer”. Além do mais, alguns entendidos consideram-no um nome certo para a seleção brasileira que vai disputar a próxima Copa do Mundo, no México.

Nascido em Curitiba há 24 anos, Raul Guilherme Plassman é o mais velho de três irmãos. Conseguiu realizar os seus estudos até à terceira série ginásial, mas o amor ao futebol levou-o diretamente ao São Paulo F. C., onde permaneceu algum tempo como reserva. Com mais de 1,80m de altura e uma vasta cabeleira (um dos seus charmes é passar a mão pelos cabelos quando os atacantes se aproximam perigosamente de sua meta) Raul é um verdadeiro dândi.

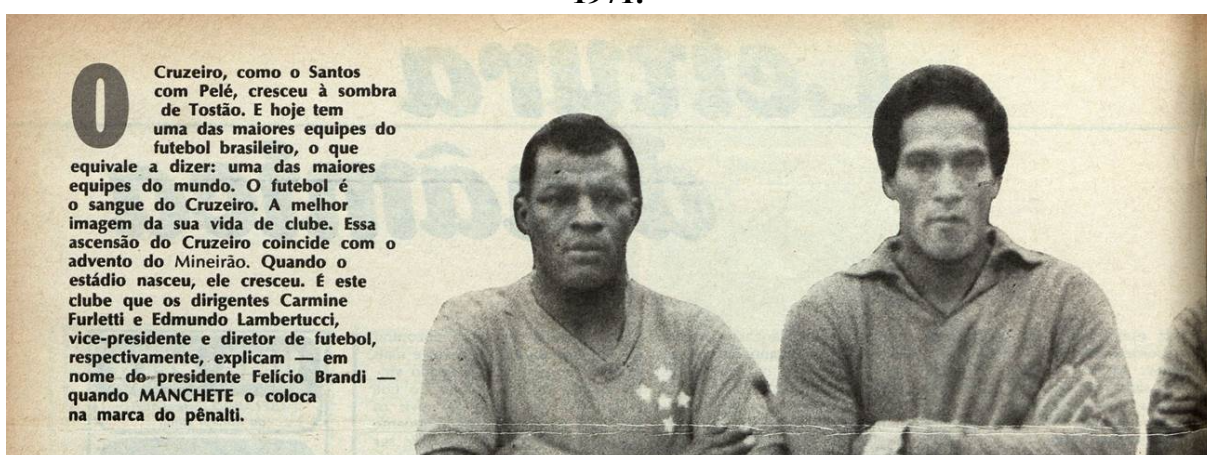
Vestindo sempre uma camisa amarela, Raul é o primeiro goleiro da história do futebol brasileiro que consegue atrair aos estádios uma enorme torcida feminina, e que vibra com suas defesas espetaculares.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Em 1971, os cartolas cruzeirenses foram colocados na “marca do pênalti” (OS CLUBES... Revista Manchete, 1971) em entrevista concedida para a Revista Manchete. A matéria tinha como objetivo compreender como o time alcançou sucesso e discutir sobre a sua campanha. O presidente Felício Brandi, os diretores Carmine Furletti e Edmundo Lambertucci foram entrevistados. Para Santana (2003, p. 166) “Furletti era centralizador, mas era também acessível, sempre disposto a ouvir e tentar solucionar os problemas pessoais dos jogadores, bem diferente de Felício, que só tinha olhos para os interesses do Cruzeiro”, e isto resultou em um dupla administrativa com “estilos aparentemente antagônicos, mas complementares”. Na reportagem em questão (OS CLUBES..., 1971), a ascensão do Cruzeiro é atribuída ao Mineirão. O trecho da figura 10 (OS CLUBES..., 1971, p. 162), apresenta dois nomes que se

destacam na matéria jornalística: Tostão, principal craque celeste e, Felício Brandi, principal responsável pela administração da equipe que definem o futebol como “o sangue do Cruzeiro”.

Figura 10- Cruzeiro: Os clubes na marca do pênalti, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Ao passo em que o Cruzeiro destacava-se nacionalmente, sua projeção internacional também aumentava. Em 1971, o Cruzeiro foi o terceiro time mais solicitado no exterior, sendo o primeiro fora do eixo Rio-São Paulo. O trecho da figura 11 (OS CLUBES..., 1971) atribui a conquista ao craque Tostão, todavia, o sucesso não seria possível sem Felício e o Mineirão. O estádio foi de fato um palco, mas a astúcia fora das quatro linhas preconizada pelos dirigentes que possibilitou a equipe mineira um maior destaque fora de sua capital. A exposição midiática permitia ao Cruzeiro novas formas de captar rendas e investir em seu futebol. Porquanto, em sua gestão Brandi utilizou-se da exposição da raposa e sua nova toca para amplificar a importância econômica, social e desportiva do clube. Com isto, o cartola caminhava para atingir o seu principal objetivo, o crescimento exponencial da torcida e a ressignificação de sua relevância.

Figura 11 - O Cruzeiro é o time mais solicitado no exterior, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971

**Depois do
Santos e do Botafogo,
o Cruzeiro é o time
brasileiro mais solicitado
no exterior,
por causa de Tostão**

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Como já vimos, o Mineirão possibilitou a expansão do número de jogos das equipes mineiras. A partir da sua inauguração, notamos a ampliação de competições nacionais e internacionais que foram possíveis graças à motivação dos jogadores em se destacar e ficarem na capital mineira, recusando assim propostas de outros clubes. O trecho da figura 12 (OS CLUBES..., 1971) aponta que, ao contrário do Campeonato Carioca, o Campeonato Mineiro não era capaz de fornecer uma renda lucrativa para os clubes, sendo o Campeonato Nacional, a principal fonte de renda das equipes mineiras, fornecendo os dados apresentados pelos dirigentes celestes. É possível dizer que a renda baixa, contribuiu para um atraso do destaque nacional das equipes mineiras. No entanto, cabe ressaltar que os campeonatos estaduais apresentavam uma grande relevância no cenário futebolístico brasileiro, tendo em vista que foram fundamentais para a construção do pertencimento clubístico e para o aumento das torcidas.

Figura 12- Rendas e campeonato regional, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.

MANCHETE — Muitos clubes — principalmente os cariocas — reclamaram das rendas do Campeonato Nacional. Disseram que no campeonato regional ganham mais. Qual é o ponto de vista do Cruzeiro?

Furletti — Os clubes cariocas são exceção, porque o campeonato regional do Rio parece que não dá prejuízo. O Cruzeiro, porém, ganha muito mais no Campeonato Nacional do que no mineiro.

MANCHETE — Em que proporção?

Furletti — Nossa média no campeonato mineiro é de 35 mil cruzeiros por partida. Já no Campeonato Nacional ficamos numa faixa de 70 a 80 mil cruzeiros.

MANCHETE — E essa arrecadação dá para cobrir os gastos do time?

Furletti — No Campeonato Nacional, dá. No mineiro, pagamos para jogar. Nosso time custa mais ou menos 250 mil cruzeiros por mês, o que dá uma média de uns 8 mil e poucos cruzeiros diários. No campeonato mineiro é muito difícil cobrir essas despesas. Também perdemos quando o escote está em atividade. O Cruzeiro é um clube que fornece alguns jogadores importantes para a seleção. E, quando ela joga, ficamos praticamente parados. Em 1972, por exemplo, a Minicopa nos tomará os melhores jogadores por mais de dois meses. É um período de prejuízo certo.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Visto que a construção do Mineirão ampliou a renda dos clubes, este fator também possibilitou a criação de um mercado futebolístico em Minas Gerais. O futebol mineiro deixou de ser fornecedor de grandes jogadores, ao passo em que tornou-se consumidor. O trecho da figura 13 (OS CLUBES..., 1971) demonstra que a gestão de Brandi utilizou essa oportunidade para se igualar às grandes equipes fornecendo um salário nivelado que possibilitou e incentivou os jogadores a ficarem na capital mineira. Vale lembrar que neste período, os salários dos jogadores não eram exorbitantes.

Figura 13- Minas sempre foi um celeiro de craques, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.

MANCHETE — Certa vez o acusaram de ser um dos principais responsáveis pelo inflacionamento do futebol mineiro...

Furletti — Não inflacionei nada. O que o Cruzeiro fez foi dar aos seus atletas — quase todos em nível de seleção — um padrão salarial que até então não existia em Minas Gerais. E acho que só beneficiamos o estado com isso. Minas sempre foi um celeiro de craques. Os jogadores despontavam e os clubes do Rio e de São Paulo iam buscá-los, pagando muito mais. Tínhamos que vender. Primeiro porque não podíamos pagar mais, sem um estádio que proporcionasse boas arrecadações. Segundo porque, em consequência disso, seria desumano impedir que tais jogadores progredissem, profissionalmente. Com a construção do **Mineirão**, as coisas mudaram. E o Cruzeiro teve a sorte de formar um excelente grupo de jogadores nas suas divisões secundárias. Não podia, a partir daí, continuar a pagar salários de 200, 300 cruzeiros, enquanto os outros grandes do país ofereciam mais. Não inflacionamos nada. Apenas nivelamos os nossos salários aos dos outros grandes clubes. Os nossos jogadores de escrete, por exemplo, estão no mesmo padrão dos outros tricampeões mundiais.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Aos olhos dos outros clubes mineiros, as medidas adotadas pela gestão de Felício Brandi inflacionaram a receita do futebol em Minas. A gestão justifica-se apresentando um novo olhar em como gerir e principalmente investir gerando benefícios não só para o clube, mas também para o Estado de Minas Gerais. Neste contexto, a figura 14 (OS CLUBES..., 1971) atesta o Mineirão como importante palco, no entanto não foi o único responsável pelo progresso do futebol mineiro. Por conseguinte, o estádio, associado à postura de clubes que adotaram medidas de investimentos e competência administrativa, foram decisivas para tal transformação. Ainda que o Mineirão possibilitasse grandes progressos durante um período, os clubes sofreram com as altas taxas cobradas pelo estádio e a Federação Mineira de Futebol. Quanto maior a taxa, menor o lucro obtido pelas equipes. Assim, investir em equipes mais caras tornava-se cada vez mais difícil resultando em uma determinada dificuldade em competir de igual para igual com equipes dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Figura 14- O Mineirão foi um bem ou foi um mal?, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.

MANCHETE — O Mineirão foi um bem. Mas também foi um mal para o futebol de Minas, por causa das taxas descontadas das rendas, não?

Furletti — Foi. Mas agora o Governador Rondon Pacheco já diminuiu essas taxas. Antigamente eram incrivelmente altas. Numa renda de 200 mil cruzeiros, o estádio ficava com um terço. Agora o desconto é de 5 por cento para o estádio e, somados os outros descontos — inclusive a parte que cabe à Federação — a coisa não vai muito longe. Melhorou bastante.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Buscando escapar do prejuízo financeiro das bilheterias, os clubes mineiros adotaram novas estratégias para captação de renda. A figura 15 (BIANCHI, 1972) apresenta os boatos que circulavam sobre um suposto acordo entre Cruzeiro e Atlético que, para reduzir ao máximo suas despesas e não falir, optaram pela venda e empréstimos de jogadores. E, com o Atlético, não foi diferente, emprestou boa parte da equipe consagrada no Campeonato Brasileiro de 1971³⁷, equipe que ficou reconhecida por sua garra e talento — um galo forte e vingador. Ainda cabe ressaltar, que o Atlético foi o primeiro time a conquistar o Campeonato Brasileiro³⁸, trazendo orgulho para o Estado de Minas Gerais, igualmente para o seu palco, o Mineirão.

Figura 15- Acordo e saída do Atlético, Revista Manchete, edição n. 1043, 1972.

³⁷ A decisão do campeonato foi disputada pelas seguintes equipes: Atlético (Minas Gerais), Botafogo (Rio de Janeiro) e São Paulo (São Paulo), acumulando a pontuação final de 34, 28 e 30 pontos, respectivamente. O primeiro jogo (1x0) foi realizado em 12 de dezembro, entre Atlético e São Paulo. O segundo jogo (4x1) foi realizado em 15 de dezembro, entre São Paulo e Botafogo. E, o último jogo (0x1), em 19 de dezembro, entre Botafogo e Atlético.

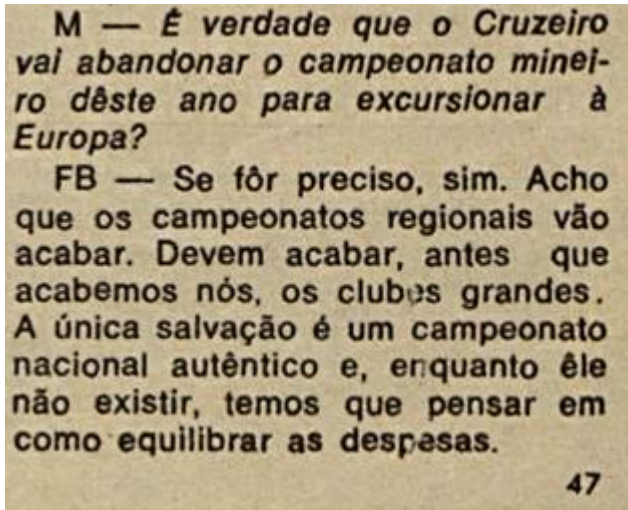
³⁸ O Campeonato Brasileiro de 1971 contou com 20 equipes participantes, que na primeira etapa foram divididas em dois grupos, onde no primeiro turno ocorreriam jogos entre as equipes do mesmo grupo (Grupo 1 x Grupo 1 e Grupo 2 X Grupo 2) e no segundo turno entre as equipes de grupo distinto (Grupo 1 x Grupo 2). As seis melhores equipes de cada grupo seriam classificadas para a segunda etapa, que seriam divididas em três grupos, onde cada time enfrentaria apenas as equipes de sua chave, em turno e retorno. O campeão de cada chave classificaria para a final, que foi realizada por um jogo único — em que cada equipe disputava um jogo fora de casa e o outro em casa. A equipe que somasse mais pontos na última fase do campeonato ganharia o título e uma vaga para a Copa Libertadores de 1972, o vice-campeão também possuiria uma vaga.

Nos bastidores do futebol mineiro, o que se diz é que o Cruzeiro e o Atlético têm um acordo secreto para reduzirem ao máximo as suas despesas. O campeonato regional altamente deficitário os colocaria numa opção, agora, incontornável: gastar muito menos, ou falir. O Atlético achou a solução tentando alugar meio time. Ofereceu ao Flamengo, na semana passada, nada menos que seis dos seus campeões brasileiros, entre eles Dario, Humberto e Vantuir. A saída, para o Cruzeiro, seria a venda de Tostão. Uma

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

O Cruzeiro, por sua vez, optou em investir em excursões no exterior. Além de expandir a exposição midiática da equipe, era capaz de gerar novas receitas. Fato é que a projeção no exterior não só era positiva como era lucrativa. Em um período de um mês, o Cruzeiro em suas excursões, gerava uma receita que demoraria três anos para faturar no campeonato regional. O trecho apresentado pela figura 16 (BIANCHI, 1970) destaca a opinião do cartola, Felício Brandi, acerca da necessidade de reformular o campeonato para a sobrevivência dos clubes. Segundo o cartola, a ausência de um campeonato autêntico (e, lucrativo) obriga os dirigentes a pensar em maneiras para driblar os déficits orçamentários.

Figura 16 - Excursões, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Para os membros da diretoria do clube, a proporção do sucesso do Cruzeiro dependeu da visão empresarial de seu presidente Brandi: “para ganhar muito é preciso antes aplicar muito” (OS CLUBES..., 1971, p. 165). Entretanto, os gastos não eram apenas com compras de jogadores, a gestão preocupou-se em aumentar os números de seu patrimônio, sendo o mais importante deste período a construção da Toca da Raposa, inaugurada em 1973. O trecho da figura 17 (OS CLUBES..., 1971), apresenta a filosofia empresarial empregada por Felício e uma crítica ao Campeonato Mineiro, que na visão dos dirigentes atrapalhou uma excursão lucrativa para a equipe.

Figura 17- Filosofia empresarial, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.

MANCHETE — Tomando por base o que o Cruzeiro cobra por jogo no exterior, uma excursão rende o equivalente ao que ele ganha em quantos campeonatos regionais?

Furletti — Uns três. E aí é que está: lá fora a gente recebe, em menos de um mês, o que fatura em três anos, em Belo Horizonte. Isso comprova que as excursões são indispensáveis para a sobrevivência dos clubes e que os campeonatos regionais devem ser reformulados.

MANCHETE — O Cruzeiro deve muito?

Furletti — Nem mais, nem menos que os outros grandes clubes brasileiros. Mas é preciso frisar que estamos sempre investindo. Comprando jogadores ou ampliando o patrimônio. As dívidas, portanto, são oriundas desses investimentos. São dívidas **quentes** — se é possível dizer assim — porque serão saldadas dentro do prazo e, depois se transformarão em lucro. Nossa filosofia é empresarial: para ganhar muito é preciso, antes, aplicar muito.

MANCHETE — O presidente Laport, do Fluminense, quando esteve aqui, disse que o maior mal do futebol brasileiro é a inversão de valores que existe na sua organização. Em vez das entidades viverem em função dos clubes, os clubes é que vivem em função delas...

Furletti — E isso é verdade. Recentemente nos impediram de fazer uma excursão pela Ásia, que nos renderia 200 mil dólares. Fomos proibidos porque, por lei, devíamos prestigiar o campeonato mineiro, disputando-o com a nossa melhor equipe. E, na ocasião, tínhamos um segundo time excelente. Tanto que ele começou o campeonato disputando de igual para igual com o América, que acabou sendo campeão mineiro. Por não excursionarmos, entramos numa crise financeira que só foi contornada face à segura administração que o presidente **Felício Brandi** imprime ao Cruzeiro. A nossa sede campestre — uma das maiores e melhores de todo o Brasil — é que sustentou o futebol, naquela hora.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Em 1985, em entrevista a Wilson Piazza, a Placar Magazine analisa os 20 anos após a inauguração do Mineirão. Na reportagem é destacado que foi por meio do Mineirão que o futebol mineiro tornou-se um dos “mais respeitados da América do Sul, conquistando títulos e revelando craques geniais” (MINEIRÃO..., 1985, p. 35). A figura 18 (MINEIRÃO..., 1985) refere-se a entrevista de Piazza que destaca dois ciclos do estádio. O primeiro ficou marcado

pela grande participação da torcida durante a sua inauguração. E, o segundo por sua vez, 20 anos após a construção do estádio, marcado por um vazio ocasionados pela má fase dos clubes, Atlético-MG e Cruzeiro. Para o ex-futebolista, com a inauguração do estádio “muita gente que nunca tinha entrado num estádio de futebol começou a ir, a torcida só foi crescendo, se fantasiando e colorindo o futebol” (MINEIRÃO..., 1985, p. 38).

Figura 18- 20 anos de Mineirão, Placar Magazine, edição n. 799, 1985.



Fonte: *Google Books*.

Todavia ele também destaca que o frenesi da inauguração diminuiu e com o tempo, a torcida tornou-se “mais irritada, menos paciente e mais exigente” (MINEIRÃO..., 1985, p. 38). Ainda sobre o público, Piazza relembra que o recorde de 123 mil pessoas pertence a 1969 — 16 anos antes da data da entrevista (1985). Para ele, “de lá para cá, o número só vem caindo, pois os espetáculos, realmente, não tem agradado, até 1977, deu pra sustentar, mas depois a qualidade começou a cair demais” (MINEIRÃO..., 1985, p. 38). Na visão de Piazza, no trecho da figura 19 (MINEIRÃO..., 1985), a construção do Mineirão representava a redenção do futebol mineiro, pois é por meio dele que Minas Gerais estabeleceu uma força econômica capaz de segurar seus jogadores.

Figura 19- Redenção do futebol mineiro, Placar Magazine, edição n. 799, 1985.

PLACAR — *Em sua opinião, o que representou para o futebol de Minas a construção do Mineirão?*

PIAZZA — Nós podemos dividir o futebol mineiro em duas fases: a do antigo Estádio Independência e a do Mineirão. A construção do Mineirão foi a redenção do nosso futebol em todos os aspectos — e os centros mais adiantados, Rio de Janeiro e São Paulo, saíram perdendo, por um prazo curto. É que o estádio provocou o fechamento do mercado de jogadores para os clubes paulistas e cariocas, que detinham a força econômica do futebol brasileiro. Antes, eles vinham a Belo Horizonte e compravam, a preço de banana, todos os craques que apareciam. O Cruzeiro, principalmente, e o Atlético conseguiram reter seus maiores craques. Foi assim que o Cruzeiro conseguiu formar aquele seu grande time de 1965 e 1966, campeão da Taça Brasil.

Fonte: *Google Books*.

O ex-jogador destaca a importância da gestão de Felício Brandi que era capaz de lotar o Mineirão empolgando até mesmo os times do interior e, possibilitando assim, uma maior faturação. No trecho da figura 20 (MINEIRÃO..., 1985), a torcida aparece como fator determinante para o sucesso. Na visão de Piazza, a torcida do Cruzeiro comparecia ao estádio motivada pela qualidade do futebol do seu time do coração. O ex-atleta ainda alega, nitidamente com parcialidade e paixão do torcedor celeste que ele se tornou, que a torcida do Atlético, por sua vez, motiva-se com o desejo de superar os números da equipe rival. Com a disputa dos números do público, a rivalidade entre as torcidas do Atlético e do Cruzeiro ganhava fôlego, o que beneficiava a receita das equipes. O dirigente celeste, alvo de estudo do próximo capítulo, impulsionava sua torcida distribuindo ingressos gratuitos para camadas populares.

Figura 20- Inteligência dos Cartolas, Placar Magazine, edição n. 799, 1985.

PLACAR — *Que outros benefícios o Mineirão trouxe?*

PIAZZA — Os clubes começaram a faturar mais. O Cruzeiro, diretamente, pois sua equipe, preparada com inteligência por Felício Brandi e Carmine

Furletti — a maior dupla de dirigentes do futebol que já conheci —, quase lotava o Mineirão em todos os seus jogos. E o Atlético, indiretamente, porque sua torcida, sempre muito grande e empolgada, queria ver, a todo custo, o seu time superar o do rival, Cruzeiro. Até os clubes do interior se empolgaram.

Fonte: *Google Books*.

Desde a sua inauguração, o Mineirão transformou o futebol mineiro. Nas décadas que sucederam a consolidação do futebol mineiro, o Mineirão foi palco de muitas conquistas e participação das massas. O Mineirão e o Cruzeiro transformaram-se juntos nos dois gigantes da Pampulha. O Estádio, não é apenas um patrimônio da cidade de Belo Horizonte³⁹ é um símbolo do Estado de Minas Gerais. Lado a lado, Cruzeiro e o Mineirão tornaram-se gigantes, um influencia diretamente a grandeza do outro e, o astuto Felício Brandi foi capaz de gerir esta relação desde antes da inauguração do estádio. Durante a comemoração de 50 anos do Mineirão, a emissora televisiva *ESPN* resgatou memórias do estádio, destacando-se a entrevista de Felício Brandi, durante a inauguração do estádio, em 1965. Nas palavras do cartola, “não há palavras para exprimir toda a alegria pela conclusão do estádio Minas Gerais, ele é o sonho e a esperança de todo esportista mineiro, o estádio merece todo esforço dos clubes para que receba espetáculos dignos de sua pujança” (ESPN, 2015).

³⁹ O Estádio Governador Magalhães Pinto foi tombado em 2003 pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte, devido a sua importância arquitetônica, histórica e cultural.

3 FELÍCIO BRANDI: O CARTOLA QUE CONQUISTOU A TORCIDA

Este capítulo tem o propósito de discutir a importância dos dirigentes para a construção do sucesso de suas equipes dentro das quatro linhas. Nesta ótica, as medidas de *marketing* adotadas por Felício Brandi – presidente do Cruzeiro Esporte Clube, entre os anos de 1961 a 1982 –, podem ter reafirmado o pertencimento clubístico de seus torcedores e também contribuído para maior projeção midiática regional e nacional do clube. Esta monografia contempla, ainda, a indagação de como o cartola, Felício Brandi, conquistou a torcida celeste. Bem como, após 17 anos de sua morte – em um cenário de crise política vivenciada pela instituição –, é lembrado como o melhor presidente do Cruzeiro.

É inegável que Felício Brandi influenciou no crescimento e expansão do Cruzeiro. Rocha (2013) torna-se uma importante referência quando a sua pesquisa dirige-se a uma figura enigmática e até então pouco explorada dentro da temática futebolística, os odiados e amados cartolas. Como já vimos, o futebol possui seu próprio tempo e espaço, os cartolas são fundamentais para a construção deste campo. Ignorar a importância dos dirigentes acarreta em excluir “o espaço do jogo, da esfera sustentada e mantida pelas relações complexas e fascinantes que existem entre algo que a sociedade inventou (o jogo) como coisa; e o jogo como expressão dos problemas e preocupações desta mesma sociedade” (DAMATTA, 1982, p. 16). Não apenas os jogadores e torcedores influenciam no jogo da bola com os pés, técnicos, dirigentes, juizes e ‘bandeirinhas’ fazem parte do campo esportivo e devem ser explorados como objetos de estudo da historiografia.

Para a compreensão da simbologia que envolve Felício Brandi, torna-se necessário destacar que a criação da Televisão no Brasil é recente, foi apenas em 1950 e sua popularização em massa ocorreu na década de 1960. Por muito tempo, a comunicação de Brandi com a torcida efetuava-se por meio de rádios e jornais, tendo em vista que a TV não era objeto para todos. O que tornou Brandi tão popular? O seu desejo, a sua paixão ou a sua administração?

3.1 Fora das quatro linhas

Com a profissionalização do futebol no Brasil, na década de 1930, o esporte bretão evoluiu na esfera socioeconômica influenciando diretamente as relações públicas e privadas. Para o pesquisador Couto (2014a, p. 76), “as derrotas no futebol serviam para reacender as discussões sobre as potencialidades físicas e mentais do povo brasileiro”. Com a capitalização

do esporte tornou-se necessário a reformulação administrativa das equipes para, assim, evitar a tendência ao amadorismo. Como já vimos, muitas equipes – para obter um melhor desempenho em suas campanhas –, realizavam acordos financeiros e investimentos em material esportivo antes de sua profissionalização⁴⁰. E, com essa mudança, surgiram os dirigentes esportivos⁴¹ que desempenham o papel de representar suas equipes – administrando questões financeiras e políticas, além de responder judicialmente pelas agremiações. Na esfera privada, os dirigentes preocupam-se em organizar os vínculos trabalhistas. Neste cenário, os atletas deixam de ser meros associados para converter-se em empregados, deixando o amor pela camisa⁴² para cumprir seus objetivos contratuais. Já na esfera pública, os dirigentes organizaram o diálogo com o Estado que, por sua vez, passou a se interessar pelos eventos desportivos e conquistas nacionais e internacionais, tendo em vista que o futebol estava sendo utilizado como meio de propaganda governamental. O Campeonato Brasileiro de Futebol foi criado em 1971 e significou “a disseminação da “mentalidade desportiva” no Brasil” na medida em que “sinalizava as intenções do governo federal em inseri-lo no rol dos instrumentos capazes de realizar a integração nacional no plano sociocultural” (COUTO, 2014a, p. 165). O historiador Couto (2014a) atenta ainda para a os interesses compartilhados entre as figuras políticas, esportivas e governamentais:

Na mesma proporção que o futebol ampliava sua abrangência territorial, crescia o interesse dos políticos: cartolas, governadores, deputados e prefeitos disputavam abertamente as vagas no Campeonato Brasileiro, os valores das arrecadações e, principalmente, as verbas destinadas à construção de estádios. Com o “objetivo de integrar todas as regiões ao Campeonato Brasileiro”, foram construídos, entre 1972 e 1975, trinta estádios por todo o país. Estratégias dessa natureza, alavancadas por meio de consideráveis somas de recursos públicos, dão mostras da pujança política adquirida pelo futebol nos anos de 1970 (COUTO, 2014a, p. 165).

Em relação à produção historiográfica no subcampo do esporte, dispostos a escolher os dirigentes de clubes como objeto de estudo, encontramos poucos trabalhos que aprofundem na temática. De certo, podemos culpabilizar o desconhecimento dos estatutos de seus torcedores que se preocupam mais com o desempenho de suas equipes dentro de campo, negligenciando as relações construídas fora deles. Assim, membros da diretoria e conselheiros vivenciam uma realidade ambígua em que são lembrados apenas por sua competência ou incompetência gestoras. É possível que a ausência dos dirigentes como objeto de estudo na academia tenha

⁴⁰ Este período refere-se ao amadorismo marrom, está ligado à fase de transição entre o lazer e o profissionalismo.

⁴¹ São popularmente conhecidos como dirigentes de futebol e/ou cartolas.

⁴² A expressão “amor pela camisa” é utilizada para definir os jogadores que torcem e amam suas equipes, não buscando apenas independência financeira.

surgido por meio da máxima de que a História construída pela perspectiva da elite já esteja esgotada (ROCHA, 2013). O anonimato destas figuras não deve permanecer, já que é um objeto riquíssimo e pouco explorado na academia. E cabe ressaltar a necessidade do torcedor em conhecer o estatuto e os membros da diretoria para evitar escândalos⁴³ que prejudiquem seus clubes. Acerca do contexto brasileiro, o pesquisador Rocha (2013, p. 15) nos diz que “escasseiam os torcedores de futebol, sobretudo os mais intelectualizados que não tenham opinião, teses e teorias sobre o presidente de seu clube”. Todavia, ter um julgamento sobre as ações de determinado dirigente não significa conhecer a fundo suas funções, atentando-se que o estatuto de um clube nem sempre está em domínio público e priva a participação ativas de seus torcedores.

Essa assertiva poderia induzir, sem dúvida, a retroalimentação de certos estereótipos e preconceitos sobre o caráter alienante do futebol, insistindo o futebol com um esporte que esvazia o debate político, canalizando a emoção para as esferas em que o mundo social é destituído de sentido (ROCHA, 2013, p. 15).

O pesquisador ainda destaca que, “existe uma simetria evidente entre a enorme quantidade de representações midiáticas produzidas cotidianamente sobre este grupo e o silêncio dos acadêmicos” (ROCHA, 2013, p. 13). Acerca do desconhecimento aprofundado das organizações esportivas pelo público em geral, na visão do pesquisador Arlei Damo (2009) é ocasionada pela dicotomia entre a esfera pública e privada. Para ele:

No Brasil e em quase todos os países ocidentais, a organização esportiva é um poder delegado pelo Estado, razão pela qual agências privadas como a FIFA, a CBF e suas subsidiárias, confundem-se com as agências governamentais – sem contar que em dados períodos, como durante a ditadura brasileira, os militares encamparam a então CBD (hoje CBF). De outra parte, a disseminação dos esportes e, particularmente, a do futebol, não se deu à revelia do suporte estatal, nem da noite para o dia. O trânsito intenso de dirigentes esportivos pelos interstícios do Estado – seja do aparato administrativo, legislativo ou judiciário –, fez migrar não apenas as “mentalidades de gestão”, com suas peculiaridades, como a patronagem, mas também muitas representações acerca da nação (DAMO, 2009).

No que concerne à relação entre dirigentes esportivos com o Estado, podemos identificar uma possibilidade de estudo. Como ex-dirigentes usam da sua popularidade no

⁴³ Podemos citar como exemplo a crise vivenciada pelo Cruzeiro Esporte Clube, após a revelação de desvio de dinheiro e outros crimes envolvendo conselheiros e dirigentes da equipe, denunciados em 26 de maio de 2019, pela reportagem da jornalista Gabriela Moreira no Fantástico – programa de televisão jornalístico da Rede Globo, exibido aos domingos.

Para mais informações acesse:

<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/05/26/cruzeiro-chega-a-r-500-milhoes-em-dividas-e-e-investigado-por-operacoes-irregulares.ghtml> .

meio esportivo para dar início a sua carreira política. Dessa forma, podemos citar como exemplo, dirigentes de times de futebol de Minas Gerais, Alexandre Kalil (Atlético) e Zezé Perrella (Cruzeiro) que nasceram dentro do berço político das equipes. O ex-presidente atleticano, Alexandre Kalil (2008-2014) iniciou sua carreira política em 2014, registrando-se como deputado federal pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Entretanto, desistiu de sua candidatura nas eleições seguintes e concorreu à prefeitura de Belo Horizonte, sendo eleito: em 2016, pelo Partido Humanista da Solidariedade (PHS) e reeleito, em 2020 pelo Partido Social Democrático (PSD). O ex-presidente celeste, Zezé Perrella (1995-2002, 2009-2011), por sua vez, iniciou sua carreira política como Deputado Federal (1999-2003) pelo Partido da Frente Liberal (PFL)⁴⁴. Em 2002, candidatou-se ao Senado ficando na quarta colocação e, no ano de 2006, foi eleito Deputado Estadual pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Já em 2010, tornou-se o primeiro suplente na candidatura ao Senado de Itamar Franco que, após o seu falecimento, cumpriu o resto de seu mandato, tornando-se Senador (2011-2019) pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT). Tanto Kalil quanto Perrella tiveram uma trajetória futebolística marcada por títulos sendo caracterizados pelo forte apelo à torcida. Entre as principais medidas para aproximação das massas adotadas pelos dirigentes, destaca-se a necessidade em rivalizar e expressar-se de maneira polêmica em entrevistas. Os dirigentes não eram apenas líderes carismáticos, mas sim o salvador da equipe, o torcedor com o poder de representá-los administrativamente frente às demandas da equipe. Ambos iniciaram-se na política após seus mandatos nas equipes de futebol, podemos dizer ainda que são mais reconhecidos, pelo público em geral, por sua carreira esportiva.

Com a capitalização do futebol, os clubes passaram a acumular capital por meio de patrimônios materiais e imateriais, tendo em vista que a torcida é o que mais gera lucro para as pseudo-empresas⁴⁵. Os dirigentes esportivos tem o papel de inserir uma visão empresarial dentro de suas equipes, realizando contratos benéficos para ambas as partes – seja com distribuidores de materiais esportivos, jogadores, patrocinadores ou funcionários –, além de montar equipes competitivas.

⁴⁴ Depois se transformou no Partido Democratas (DEM) e, recentemente foi aprovada pelos seus integrantes a unificação ao Partido Social Liberal (PSL) formando a União Brasil que, por sua vez, ainda aguarda aprovação do Supremo Tribunal Federal (STF).

⁴⁵ No contexto brasileiro, o modelo de clube-empresa, amplamente difundido em outras ligas, ainda não foi inserido. Em 6 de agosto de 2021, sancionou-se a Lei Federal 14.193/2021, que cria a Sociedade Anônima do Futebol (SAF) que visa permitir uma maior transparência e melhores meios de financiamento para as práticas desportivas. Para entender mais sobre o assunto, acesse: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2286993>.

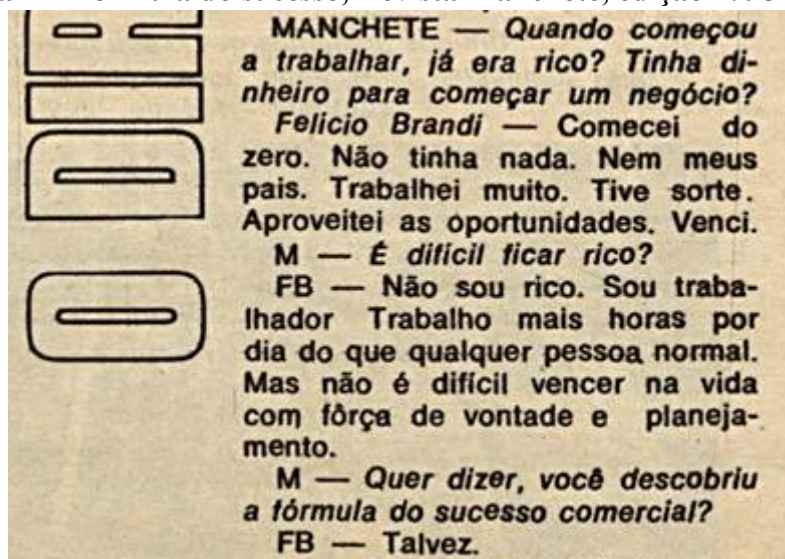
Também os clubes de futebol concentram diferentes capitais, reconvertendo-os estrategicamente. Embora nenhum capital seja mais importante do que o afetivo, pois para constituir uma comunidade de pertença são necessárias mais do que uma geração de torcedores, o desempenho do time e, por extensão, o prestígio dos torcedores em relação a outras comunidades, está na ordem do dia. Um clube de futebol é representação, no sentido totêmico, mas também é uma instituição política e administrativa, possuindo uma dimensão concreta – sede, centro de treinamento, estádio, etc. Uma de suas incumbências, para a qual toda a coletividade é mobilizada (para converter o amor ao clube em dinheiro), mas que compete particularmente aos dirigentes, é organizar um time. Vestido com as cores do clube, o time bate-se contra outros, simulando um confronto entre exércitos nacionais (DAMO, 2009).

Agora que compreendemos um pouco mais sobre o papel dos dirigentes, o próximo tópico irá discorrer sobre o presidente do Cruzeiro, Felício Brandi (1961-1982). O cartola apaixonado e supersticioso que chegou a largar o próprio casamento para atender as demandas da equipe celeste.

3.2 A astúcia da raposa

Não raro, toma-se conhecimento por meio de reportagens e/ou entrevistas, cujas temáticas associam-se à conquista dos primeiros títulos, a importância de Felício Brandi para o Cruzeiro. Para muitos, o legado deixado pelo cartola lhe consagrou como o melhor e mais importante presidente da história do clube. Para compreendermos a simbologia que envolve Felício, no primeiro momento devemos conhecer a sua própria figura. O ex-presidente celeste nasceu na cidade italiana de *San Constantino di Ravello* em 23 de julho de 1927 e, com um ano de idade mudou-se para o Brasil. Seu sobrenome Brandi aparece entre os registros de imigrantes que se associaram ao Palestra Itália. A figura 24 (BIANCHI, 1970, p. 46), apresenta um trecho da entrevista concedida em 1970, onde Brandi informa que não pertencia a uma família rica, que apenas aproveitou as oportunidades que lhe foram concedidas e trabalhou bastante para descobrir a “fórmula do sucesso comercial” que possibilitou ser no meio industrial “conhecido e respeitado”.

Figura 21- Fórmula do sucesso, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Aos 34 anos, tornou-se presidente do Cruzeiro, posição esta que ocupou durante duas décadas, ou seja, de 1961 a 1982. Antes disso, “era um ilustre desconhecido, seu nome e suas fotos não viviam nos jornais” (BIANCHI, 1970, p. 46). O dirigente foi capaz de transformar a realidade do clube, mudando seu cenário administrativo e esportivo. Em fevereiro de 2004, aos 76 anos, morreu vítima de um infarto em sua fazenda situada na cidade de Campinas no Estado de São Paulo. A figura 22 (NOLASCO, 2020) resgata no acervo do Jornal Estado de Minas, a imagem de Felício pensativo através da manchete ‘Gigante um dia com Felício Brandi, o Cruzeiro se curvou aos paquidermes’.

Figura 22- Felício Brandi, Revista O Cruzeiro – 03/02/1969



Fonte: Acervo do Jornal Estado de Minas.

Na visão do sociólogo brasileiro Santana (2003, p. 155), “nenhum torcedor, do Cruzeiro ou de qualquer outro time, foi mais fanático que Felício Brandi”. Sua trajetória com

a equipe celeste iniciou-se nas arquibancadas onde “já era figurinha carimbada no Barro Preto, era o torcedor que soltava foguetes toda vez que os titulares marcavam gols nos coletivos das sextas-feiras” (SANTANA, 2003, p. 156). Acerca da origem da palavra torcedor, o pesquisador Hollanda (2009, p. 134) nos diz:

A palavra torcedor, oriunda do verbo torcer, era consignada pelos cronistas com base em uma observação pitoresca feita nos dias de jogo: em meio aos lances de indefinição e expectativa anteriores ao arremate de um gol, lenços eram torcidos e contorcidos na arquibancada por parte do público feminino presente que, conhecido pela contenção e pela moderação verbal, contrastantes com os gritos, os berros e os impropérios mais permissivos ao público masculino, exprimia de maneira sutil seu sofrimento com as tensões emanadas da partida (HOLLANDA, 2009, p. 134).

Pela ótica de Barreto e Barreto (2000, p. 87), “o sonho inicial de Felício Brandi era fazer o Cruzeiro o maior time de Minas Gerais, para disputar de igual para igual com as grandes equipes do Rio e de São Paulo”. Contemporaneamente, o ex-presidente celeste tem o seu trabalho reconhecido devido a uma gestão marcada por títulos, aquisições materiais que resultaram em uma projeção midiática que gerou um pertencimento clubístico nos mineiros. No capítulo anterior, conhecemos a origem palestrina do Cruzeiro, time fundado por e para italianos. Cabe ressaltar que a vinda dos imigrantes foi motivada pela necessidade de mão de obra após a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888, que para Araújo (1996, p. 10) foi essencial “para manter seu modelo econômico agro-exportador”. O Palestra possuía uma torcida marcada por um alto pertencimento clubístico, entretanto, o abandono da origem italiana gerou uma lacuna. Mesmo que o Palestra não fosse mais um time só de italianos, apenas em 1942 verificou-se a necessidade de repensar sobre o que uniria os torcedores da equipe. A resposta inicial a este questionamento conversava com a necessidade de abandono das raízes italianas para tornar-se um time tipicamente brasileiro. Para os cientistas sociais, Afonso e Refkalefsky (2012, p. 3):

Sabe-se que o futebol é criador de identidades e que há entre cada torcida a ideia de constituição de uma nação, conceito definido em dicionários como reunião de indivíduos que têm os mesmos costumes e que obedecem à mesma lei, como pertencimento a um conjunto peculiar.

Durante sua gestão, Felício preocupou-se em criar um novo modelo de pertencimento clubístico que integrasse italianos e brasileiros. E, para isto, envolveu-se no discurso da origem humilde do Palestra para conquistar as classes baixas. Nos dias de jogos, o dirigente esportivo distribuía os ingressos dos confrontos para operários e torcedores mais necessitados, além de explorar o interior mineiro, promovendo amistosos. O público infantil também foi

alvo de suas estratégias, na medida em que recebiam nas escolas visitas de jogadores, materiais escolares e outros acessórios com o escudo do clube celeste.

No cenário futebolístico mineiro, há no imaginário coletivo muitas narrativas que circundam Brandi. O pesquisador Santana (2003, p. 156) pondera que, “às vezes, é impossível saber o que é história e o que é lenda na vida de Felício”. No entanto, Marc Bloch (2001) discorre acerca dos infinitos testemunhos históricos. Para o historiador francês, “tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79). Para analisar narrativas e mitos em torno do dirigente, atentamos para definições de memória e identidade conferidas pelo sociólogo Michael Pollak (1992):

No caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é óbvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou, se for o caso de entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material (POLLAK, 1992, p. 200).

Na visão do pesquisador Pollak (1989, p. 4), quando analisamos trechos de memórias coletivas, “não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade”. Neste contexto, Brandi é ovacionado pelos torcedores e dirigentes devido ao seu desempenho empresarial que resultou em conquistas materiais e imateriais. Alguns episódios que envolveram Felício caíram no gosto popular, entre eles estão os que associavam a imagem dele como salvador. Podemos citar, como exemplo: quando ocupava o cargo de diretor de futebol e pagou do próprio bolso o salário do atleta Niginho; a contratação dos jogadores Oswaldo Rossi, Geraldino, Tostão, Dirceu Lopes, Evaldo e Zé Carlos; a construção da Toca da Raposa.

O primeiro episódio envolvendo Felício iniciou-se quando ainda era diretor de futebol em 1959⁴⁶. A contratação do técnico Leonízio Fantoni⁴⁷ (1912-1975) envolveu polêmica, pois o mesmo tornou-se treinador do rival alvinegro, Atlético, durante a campanha de 1956 a 1957. Apesar de Fantoni ter comandado a equipe do Atlético, este não era o único motivo pelo qual a torcida desaprovava a sua contratação. Devido aos conflitos jurídicos entre os finalistas – Cruzeiro e Atlético, o Campeonato Citadino de Belo Horizonte de 1956 ficou durante três anos sem conhecer seu campeão. A reintegração de Fantoni ao Cruzeiro ocorreu no ano da decisão judicial do conflito que representaria o décimo nono da equipe do Galo e o oitavo da

⁴⁶ O presidente do Cruzeiro neste período era Antonino Pontes (1959-1960), antecessor de Felício.

⁴⁷ Mais conhecido pelo seu apelido de Niginho, era ex-atacante e craque da equipe celeste, pertencia ainda a uma família com extensa trajetória com o clube desde os primórdios do Palestra Itália.

Raposa. A figura 23 (SIMÕES, 2018) é um resgate do acervo do Jornal Hoje em Dia, do polêmico jogo do campeonato de 1956, onde o juiz da partida está com o braço direito erguido, um jogador cruzeirense está caído no gramado e os demais jogadores estão distribuídos pelo gramado representando uma possível discussão.

Figura 23- Clássico Atlético e Cruzeiro e a polêmica de 1956



Fonte: Acervo jornal Hoje em Dia.

Foi apenas em 1959, sob ameaça da Confederação Brasileira de Desportos de não permitir a participação das equipes mineiras no primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol, que as diretorias de Atlético e Cruzeiro entraram em comum acordo, e o título foi dividido entre as duas agremiações. Mesmo acabando com a polêmica e ambos participando da disputa pela Taça Brasil, a decisão não agradou nenhum torcedor mineiro. A contratação de Niginho – como treinador, no ano desta decisão, enfureceu os torcedores celestes que, segundo Santana (2003, p. 156), “ameaçaram recebê-lo a pontapés no Barro Preto”. No documentário ‘Em busca da história do Cruzeiro’ (2021) é revelado que Niginho “foi o primeiro grande ídolo do Felício” e que o então dirigente era muito supersticioso e acreditava que para afastar o jejum de títulos e atrair o Tri a família Fantoni precisava estar presente. Para acalmar os ânimos da torcida, Felício Brandi assumiu a responsabilidade de realizar os pagamentos dos salários de

Niginho, o que significaria que o Cruzeiro não teria nenhum gasto com o treinador. A credence do então diretor resultou em títulos. O ídolo palestrino e cruzeirense retribuiu a confiança depositada por Felício sagrando-se campeão mineiro por três anos consecutivos – 1959, 1960 e 1961 –, além de recuperar seu prestígio com a torcida.

O cartola satisfez o seu desejo pessoal em manter o técnico na equipe e para isso assumiu a responsabilidade dos pagamentos de sua folha salarial. Entretanto, cabe lembrar que não foi descrito por quanto tempo o salário de Niginho ficaria a cargo de Felício. O treinador ficou durante três temporadas (1959-1961), mas é possível que Felício tenha pagado seu salário apenas no primeiro ano ou nem isto. Fato é que, caso o acordo tenha sido firmado por três anos – com o cartola assumindo os salários, o pacto não foi renovado e Brandi não se importou com o bom trabalho desenvolvido por Niginho. Ao final do vínculo empregatício, o Cruzeiro contou com outros três técnicos durante o ano de 1962: Gérson dos Santos, Geninho e Gilson Santana e, por fim, readmitindo Niginho para mais uma temporada. Em suas quatro passagens⁴⁸, o treinador comandou a equipe por 247 partidas e ocupa hoje a terceira colocação de técnicos com o maior número de jogos.

Após assumir a presidência do Cruzeiro, novas histórias foram escritas e caíram no gosto popular. A contratação do lateral esquerdo Geraldino, em 1962, tornou-se muito discutida em Sabará. Durante sua pesquisa, Santana (2003) entrevistou Alexandre Gustavo Sanches – pesquisador da história do Esporte Clube Siderúrgica. O atual vice-presidente da equipe do Siderúrgica, informou a narrativa circulada em Sabará. Segundo ele, “Felício teria convidado Manoel Edson, presidente do Siderúrgica, para tomar alguns drinques no Bar do Cruzeiro, durante horas, o garçom serviu bebidas *on the rocks* aos dois, para Manoel Edson, uísque; para Felício, guaraná” (SANTANA, 2003, p. 157), o resultado final foi a compra do passe do lateral por um preço que beneficiava a equipe celeste. O que pode ser visto como esperteza pela torcida do Cruzeiro, pode também ser considerado como trapaça aos olhos de alguém que não possua laços afetivos pela equipe. O cartola, além de agir de má-fé, prejudicou a equipe do Siderúrgica que não contava com a mesma representatividade dos clubes da capital mineira, o que atingiu diretamente seu planejamento.

No ano seguinte, Brandi destacou-se novamente com a contratação de Osvaldo Rossi em 1963. O mineiro Osvaldo Rossi nasceu em Belo Horizonte em 1937 e foi revelado pelo Cruzeiro ocupando a posição de meia atacante. No Botafogo, mesmo com sua qualidade técnica, durante oito anos, foi reserva do emblemático Didi, que após a sua transferência para

⁴⁸ Niginho comandou o Cruzeiro durante as seguintes temporadas: 1948-1949, 1953-1955, 1959-1961, 1962-1963.

o Real Madrid deixou a posição livre. Para Santana (2003, p. 156) “ninguém tinha dúvida de que Osvaldo Rossi seria titular do Botafogo”. A astúcia do cartola celeste pode ser percebida ao observar a crise envolvendo jogador e diretoria botafoguenses, após Rossi posar com a camisa da equipe titular para uma reportagem, antes mesmo de o técnico anunciar a decisão ao público. Entretanto, Felício não foi o único que enxergou a oportunidade de contratação no Estádio de General Severiano, dirigentes de outras quatro equipes – Internacional, Náutico, Botafogo e Comercial de Ribeirão Preto –, aguardavam por uma reunião com Paulo Azeredo, então presidente do Botafogo. Segundo Santana (2003, p. 157), “discreto, Felício Brandi saiu de fininho e foi ao escritório de Azeredo, onde fechou o negócio sem ter entrado em leilão”.

Talvez o episódio mais conhecido pelos cruzeirenses seja o dia em que Felício abandonou o próprio casamento pelo Cruzeiro. O acontecimento cristalizou-se devido à romantização que ocorreu em torno dela, perder o casamento pelo Cruzeiro tornou-se uma das suas maiores demonstrações de amor. Apesar das diversas versões correntes, o que aconteceu foi que em 1963, no dia do seu casamento com Maria Lúcia, Brandi atrasou-se, pois estava fechando a contratação de Eduardo Gonçalves de Andrade (Tostão) com os dirigentes do América Mineiro. A contratação de Tostão não significou apenas mais um jogador a integrar o clube, tinha por objetivo construir um time que se destacasse para a inauguração do Mineirão. Como também, buscou competir – em grau de popularidade –, com as equipes alvinegra e alviverde, que protagonizavam o chamado Clássico das Multidões. A figura 24 (BIANCHI, 1970) apresenta um trecho da reportagem que descreve a opinião de Tostão sobre o que representou sua contratação para a equipe celeste e para si próprio.

Figura 24- Contratação de Tostão, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.

M — Quando você foi para o Cruzeiro, tinha quantos anos?
T — 16. Mas já jogava desde os 13 anos, quando estava no juvenil do América Mineiro. Na época, pensava em trabalhar como continuo de um banco. Meu pai não deixou. Morávamos numa casa pequena, de dois quartos, mas onde a comida sempre foi farta. E ele achava que eu podia esperar um pouco mais para trabalhar.
M — O Cruzeiro, naquela época, era um clube grande?
T — Não. Tanto que o grande jogo de Minas era Atlético x América. O Cruzeiro vinha depois.
M — Quando você foi para lá, já ganhava dinheiro com o futebol?
T — De uma certa forma, sim. Por isso, aliás, meu pai achava que eu não precisava trabalhar. O pessoal do América pagava o meu colégio: uns seis cruzeiros. Mais tarde o pessoal do Cruzeiro me viu jogar — inclusive três vezes entre os profissionais — e comprou o meu passe.
M — Por quanto?
T — Depois de muita conversa, pagaram 1.500 cruzeiros.
M — Foi a sua primeira pequena fortuna, ganha no futebol?
T — Sim.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Em sua pesquisa, Santana (2003) resgata os depoimentos do cronista Roberto Drummond e do próprio Felício Brandi. Nas palavras de Drummond, “pela primeira vez foi o noivo quem se atrasou, Maria Lúcia e o arcebispo de Belo Horizonte, o atleticano D. Serafim Fernandes de Araújo, tiveram que esperar um bom tempo por Felício, ele estava acabando de fechar a contratação de Tostão com os dirigentes do América” (SANTANA, 2003, p. 157). O cartola conta o que aconteceu:

Quem me ajudou a contratar o Tostão foi o jornalista atleticano Jairo Anatólio Lima, que conhecia a diretoria do América. Foi ele quem me apresentou o pessoal. Levei um cheque de 600 mil, que pus em cima da mesa. Enquanto conversávamos, os dirigentes pegavam o cheque, olhavam, olhavam e punham de novo na mesa. Pensei: acho que não volto com esse cheque para casa, não! (SANTANA, 2003, p. 157-158).

A contratação de Dirceu Lopes envolveu um ex-jogador celeste, Adelino Gonçalves Torres, natural de Pedro Leopoldo. O lateral direito enxergando potencial em Dirceu Lopes levou o garoto de 17 anos, que deixou de fabricar *jeans* em Pedro Leopoldo, para treinar no Barro Preto. Após saber o que estava acontecendo, Felício foi assistir ao treino e acabou gostando das potencialidades do garoto e resolveu, para evitar uma disputa com olheiros⁴⁹,

⁴⁹ Expressão utilizada para referir-se a pessoa encarregada a descobrir novos talentos e/ou atletas em potencial de outras equipes em campos de futebol de várzea, escolinhas licenciadas e em jogos.

solicitar ao treinador dos juvenis, Milton Lopes, que encerrasse a prática. O pesquisador Santana (2003) informa que Felício:

Em seguida, pediu ao secretário Azevedo para bater às pressas um contrato, que mandou um diretor levar à casa de seu Tito, em Pedro Leopoldo. Quando o pai de Dirceu acabou de assinar, o pessoal do América -Biju à frente- estava chegando para levar o craque para a Alameda. Perderam a viagem, porque Dirceu Lopes acabava de entrar para a história do Cruzeiro (SANTANA, 2003, p. 158-159).

A contratação de Evaldo, assim como Dirceu, também envolveu outro craque celeste, Procópio Cardoso. O ex-zagueiro e treinador celeste avisou Felício acerca de um jogador que “vai se encaixar como uma luva nesse time do Cruzeiro” (SANTANA, 2003, p. 160). A astúcia de Felício manifestou-se quando demonstrou interesse no melhor zagueiro da equipe, perguntando acerca de seu passe. A diretoria do Fluminense não tinha por objetivo se desfazer de Pinheiro e ofereceu Evaldo – que era o objetivo de Felício – em troca. Em um resgate a esta memória, Santana (2003) descreve que:

Por módicos 50 milhões de cruzeiros, segundo eles, o Cruzeiro teria um quarto-zagueiro tão versátil que poderia jogar na lateral e até no ataque. Felício achou caro, e os dirigentes tricolores ofereceram outros nomes, que foram sendo descartados, um a um. Como o Fluminense não queria perder a venda acabou aceitando os 24 milhões oferecidos por Felício, “na base do pegar-ou-largar”. E o Cruzeiro trouxe um craque de quem Tostão disse: “Foi um dos jogadores mais inteligentes que conheci. Sua criatividade e sua mobilidade tornaram-se referência no futebol brasileiro. Foi nele que me inspirei para jogar como centroavante na Copa de 70”. (SANTANA, 2003, p. 160)

A última contratação que caiu no gosto popular envolveu Zé Carlos. O brilhantismo do cartola ocorreu ao observar os detalhes que pudessem passar despercebidos. O Cruzeiro não foi o único a disputar o ponta direita. Também dirigentes atleticanos foram a Juiz de Fora. Entretanto, Felício já havia fechado a negociação. Nas palavras de um dos diretores de Felício, José Paulo de Souza, mais conhecido como Carioca:

Felício comprava o trigo da sua fábrica de macarrão em Juiz de Fora. Um dia, ele ouviu falar do talento Zé Carlos e resolveu contratá-lo. E passou a visitar o presidente do Sport, Francisco Caputo, à noite, antes de voltar a Belo Horizonte. Mas o velho Caputo era duro na queda e resistia a todas as propostas. Até que Felício reparou que o dirigente do Sport tinha asma ou algum problema respiratório e que sua mulher se aborrecia com as visitas de Felício, que impediam o marido de ir cedo para a cama. Foi aí que o Felício deu o bote: passou a visitar o presidente do Sport cada vez mais tarde, até que, provavelmente pressionado pela esposa, Caputo aceitou a proposta de Felício. Fechado negócio, perto da meia-noite, Felício foi à casa do jogador com um contrato na mão (SANTANA, 2003, p. 161).

É indiscutível que os episódios que envolveram a contratação de jogadores caíram no gosto popular por se tratar de narrativas romantizadas, em que Felício aparece como um verdadeiro herói. O caso de Niginho foi pautado em superstição, mesmo que tenha resultado no Tri, demonstrou a “grande concentração de poder e, muitas vezes, dinheiro na mão de poucos homens (diretores de futebol e presidentes)” (DAMATTA, 1982, p. 50). Os casos de Geraldino e Zé Carlos representaram a importunação do cartola, estampando “um jogo emoldurado pelo capitalismo, pelos cartolas, pelo dinheiro e tudo isso que sempre torna a vida amarga e injusta” e que permite “argumentar sobre todos os dilemas, problemas e lances que a vida necessariamente nos faz experimentar independente de condição social” (DAMATTA, 1982, p. 15). O episódio de Tostão pode ser enxergado por um viés diferente, se o dinheiro falasse por si só, Brandi não teria se atrasado para o casamento, o que significa dizer que o futebol “é o produto de uma civilização que tem no dinheiro, no poder e na mais valia o seu eixo primordial, ele não pode ser transitivamente reduzido somente a isso” (DAMATTA, 1982, p. 16). É possível que a declaração de amor ao clube tenha provocado angústias em Maria Lúcia e diversos questionamentos no momento e, também, após seu casamento. E, por último, as contratações de Dirceu, Evaldo e Rossi atestam as “ritualizações onde os poderosos sempre inventam novas regras e modificam drasticamente o jogo” (DAMATTA, 1982, p. 17). Podemos definir que as decisões de Brandi encontravam-se dentro de um jogo político, que o antropólogo e historiador brasileiro DaMatta (1982) descreve da seguinte maneira:

Mas, o trágico disto tudo é que esse modelo anti-jogo e anti-universalista está na cabeça de quase todos, de modo que ter o poder significa, no Brasil, isso mesmo: possuir os recursos que permitem o uso da força e, eventualmente, a prática do bem-estar social. Assim, não se joga no poder; mas toma-se posse do cargo. Vale dizer: do poder que emana do cargo (DAMATTA, 1982, p. 17).

A Toca da Raposa foi inaugurada em 3 de fevereiro de 1973 e converteu-se em referência para todas as equipes de futebol no país. O espaço tornou-se o primeiro Centro de Treinamento do Brasil projetado para alojar jogadores durante a concentração realizada antes das partidas oficiais. Está localizado na cidade de Belo Horizonte, na Avenida Otacilio Negrão de Lima, número 7.100, no bairro Bandeirantes (Pampulha). Ela foi construída em um terreno de 60.000 metros quadrados e foi utilizada para a preparação da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo de 1982 e 1986. A Toca⁵⁰ é um dos maiores legados materiais da gestão de Felício Brandi, além de ser construído e inaugurado durante a sua gestão, o terreno

⁵⁰ Hoje denominada como Centro de Formação Felício Brandi é o local de treinamento das categorias de base. Possui ainda um hotel com o selo FIFA *Official Accommodation* 2014, para abrigar delegações de vários países que participam do programa de intercâmbio celeste, projeto voltado para o aprimoramento do futebol.

foi doado por ele. A figura 25 (TIMELINE..., [s.d]) apresenta uma foto da cerimônia de inauguração da Toca, Felício aparece no centro da imagem, com um terno de tonalidade clara, observando sorridente o corte da faixa.

Figura 25- Inauguração da Toca da Raposa, 1973.



Fonte: Acervo Cruzeiro.

A compra do terreno não foi planejada. Segundo Maria Lúcia, esposa de Felício, ele “andava procurando um sítio para a família e, quando encontrou, chegou todo feliz em casa, mas aí se lembrou de que o Cruzeiro também precisava de um local tranquilo para treinar” (SANTANA, 2003, p. 158). Em um resgate à última entrevista de Brandi, antes de sua morte, concedida ao jornal Estado de Minas, em 21 de janeiro de 2001, Mattar (2017) destaca a versão do cartola:

Ela (Toca) surgiu em função do Mineirão. Tínhamos um estádio de alto nível e precisávamos de uma concentração e local de treinamento com o mesmo padrão. Depois de muito procurar encontramos o local ideal. Era fundamental dar ótimas condições aos jogadores e toda a assistência, para que eles pudessem jogar com tranquilidade. A Toca foi a primeira grande concentração do país tanto que hoje é copiada e por várias vezes foi utilizada pela Seleção Brasileira (MATTAR, 2017).

Outro episódio lembrado pela torcida celeste foi o sumiço do jogador Natal e marcou a sólida postura do dirigente em não aceitar qualquer desrespeito com a instituição. O ex-ponta direita Natal de Carvalho Baroni, sem dar explicações, deixou de comparecer aos treinos na Pampulha. Já desconfiado que o jogador estivesse treinando em algum time carioca,

Felício em visita ao Fluminense, “viu sobre a mesa do tricolor um documento que lhe deu a certeza de que Natal (...) treinava nas Laranjeiras.” (SANTANA, 2003, p. 159). Incansavelmente e de porta em porta, o dirigente junto com seu amigo taxista Ricardo de Albuquerque procuravam o jogador no bairro em que seu irmão morava, mesmo não sabendo o endereço exato. Segundo Santana (2003, p. 159), “quando finalmente Felício encontrou Natal, passou-lhe um sermão e o trouxe a Belo Horizonte”.

No entanto, apesar de Felício ser lembrado pelos episódios anedóticos, pitorescos e favoráveis para o Cruzeiro, nem sempre o cartola acertou. Dessa forma, seria impossível prever o que aconteceria se as escolhas do dirigente fossem outras. O dirigente lidava com seres humanos – que tem sua própria vontade – e, nem sempre o dinheiro era a única resposta para uma escolha. Na visão do pesquisador DaMatta (1982, p. 27), “é por possibilitar essa dialética de individualização e coletivização, que o futebol permite exprimir no caso brasileiro o importante conflito entre ‘destino’ impessoal e vontade individual”. O zagueiro Hércules Brito Ruas foi considerado o jogador com a melhor preparação física da Copa do Mundo de 1970, nesta temporada atuou pelo Cruzeiro emprestado pelo Flamengo. O significado de manter Brito na toca representava duas coisas: contar com um bom jogador, bem como atrair visibilidade para a equipe. Não era só Felício que sabia disto, o Botafogo também estava interessado no zagueiro.

Quando soube que o Botafogo estava aliciando Brito, o presidente tomou um aviãozinho na Pampulha e foi ao Rio tentar impedir que o tricampeão mundial assinasse com o alvinegro. Mas Brito queria mesmo voltar para o Rio, e Felício retomou a Belo Horizonte de mãos abanando (SANTANA, 2003, p. 162).

E, não para por aí, Felício também recusou o jogador Luís Pereira que ficou conhecido após o sucesso no Palmeiras e na seleção brasileira. A recusa pelo jogador ocorreu devido ao seu apelido *Chevrolet*. Nas palavras do cartola, “com um nome desses, não devia ser lá grande coisa” (SANTANA, 2003, p. 162). Não obstante, o ápice do fracasso estaria reservado para a não contratação do *El Pibe de Oro*, Diego Armando Maradona Franco⁵¹. Após a morte de *Dios* em 20 de novembro de 2020, muitas histórias do amado e odiado argentino, foram rememoradas. Entre essas histórias está a de Benecy Queiroz, supervisor administrativo do Cruzeiro. Ele alega que existiu a possibilidade de contratação da nova promessa argentina e que foi barrada por Brandi. Em entrevista ao Superesportes, Benecy revela:

⁵¹ É conhecido na Argentina como *El Pibe de Oro* e *Dios*, apesar das muitas polêmicas que protagonizou, Maradona ultrapassa as barreiras das quatro linhas representando a máxima “nunca é só futebol”. Para aprofundar no assunto acesse: NARCIZO (2020) <https://ludopedio.org.br/arquivancada/diego-armando-buendia-maradona-o-realismo-magico-em-campo-e-na-literatura>/<https://ludopedio.org.br/arquivancada/diego-armando-buendia-maradona-o-realismo-magico-em-campo-e-na-literatura/>.

Na época, a gente tinha excursão. Os clubes antigamente faziam excursões entre 30 a 40 dias. Nós estávamos na Argentina, e o nosso empresário na época, o Jorge Gutman, ofereceu o Maradona no início da carreira dele. Nós fomos assistir a um jogo dele. Eu, Ilton Chaves (...). O Ilton gostou muito, aprovou muito. E, na volta, ligamos pro Felício. O Felício achou que não seria interessante acompanhar o restante da excursão. O Cruzeiro tinha um super time, né? Piazza, Dirceu, Zé Carlos, né? Talvez, o Felício entendeu que não pudesse dar tanta chance assim. Mas é um jogador que foi, na época, no início da carreira dele, muito impressionante. Deixou, realmente, todo mundo impressionado. E deu no que deu: um craque excepcional, melhor do mundo. Tivemos esse privilégio de assistir a esse craque (BRETAS; ARRUDA, 2020).

Contudo, a verdadeira vergonha de Felício foi a contratação de Bendelack, perneta⁵² que o deslumbrou após prejudicar a defesa do Flamengo em uma partida contra a equipe boliviana Jorge Wilstermann pela Copa Libertadores em 1981. No ponto de vista de Santana (2003, p. 162), “Felício precisava desses poucos fracassos para humanizar-se, senão seria mesmo Deus, heresia para um italiano tão católico”. O cartola, para justificar a sua contratação descreve, que “se eu acertasse 100%, seria um deus, uma pena que eu não tenha a gravação do jogo que me fez contratá-lo, mas podem perguntar ao Júnior, ex-lateral do Flamengo, o que ele sofreu com esse rapaz” (SANTANA, 2003, p. 162). Mesmo após se afastar dos bastidores do futebol, Felício nunca abandonou o Cruzeiro. Como um bom torcedor de arquibancada⁵³, não deixou de acompanhar os jogos da raposa no Mineirão e também os treinos na Toca. Aclamado pela torcida era sempre recebido com muita festa. O pesquisador Santana (2003) resgata uma de suas entrevistas durante este período, que demonstra as visões e expectativas que o ex-dirigente projetava para a equipe.

Quanto mais gramados o Cruzeiro tiver, mais jogadores poderão aparecer. Há muitos garotos querendo uma oportunidade de mostrar talento, e, com a construção de mais campos, a possibilidade aumenta bastante... Se aqui é a Toca, o novo centro de treinamentos será o Palácio da Raposa (SANTANA, 2003, p. 164).

Consoante às histórias sobre Felício podemos identificar um eixo em comum, o cartola preocupava-se em realizar suas contratações antes de entrar em disputa, para assim evitar desgaste e até mesmo economizar dinheiro. Realizar contratações benéficas para a Raposa não significa dizer que o acordo era bom para os outros envolvidos, um exemplo é a história de Geraldino. Embora o cartola seja de fato astuto, ele estava longe de ser um herói ou de acertar em todas as vezes. Não existe nenhum problema nisto, isto não muda a capacidade

⁵² Expressão utilizada para se referir a um jogador ruim de bola.

⁵³ A expressão é utilizada para se referir aos torcedores que vão frequentemente aos estádios acompanhar suas equipes.

empresarial de Felício, apenas reforça como memórias coletivas são formadas e inserem-se no imaginário de determinado grupo, tornando-se verdades inquestionáveis e objeto de orgulho. Acerca da construção heroica em torno de Brandi, encontramos o jeitinho brasileiro dentro do campo esportivo. Podemos nos atentar a definição de DaMatta (1982):

Essa anti-ingenuidade, essa habilidade em transitar nas zonas fronteiriças da regra, desafiando o limite entre o permitido e o proibido, é uma qualidade de que os brasileiros costumam se orgulhar. Chamam isso de malandragem. E os malandros, além de personagens do cotidiano, são heróis do imaginário nacional. Macunaíma e Pedro Malasartes são patronos e modelos da malandragem. O Jeca Tatu da mesma forma (DAMATTA, 1982, p. 107).

No capítulo anterior observamos como Brandi atentou-se a criar conexões da raposa com o novo palco de Minas Gerais, o Mineirão. O próximo tópico, por sua vez, tem por objetivo indicar em que medida as ações de Brandi foram capazes de ampliar o pertencimento clubístico e projetar o Cruzeiro midiaticamente nos níveis nacionais e regionais. Será que ele pode ser considerado o melhor presidente do Cruzeiro?

3.3 O melhor presidente do Cruzeiro?

Para qualquer torcedor celeste que conheça um pouco da história do seu clube, a resposta para este questionamento – o melhor presidente do Cruzeiro? –, seria sim. Um simples ‘sim’, não é capaz de convencer, mesmo que a equipe vivencie na atualidade tempos sombrios envolvendo dirigentes e conselheiros esportivos. Entretanto, para um historiador a existência de uma verdade absoluta é ilusória. Conforme Saramago (1989) nos diz, a verdade histórica é uma ilusão, fruto de subjetivação, a História seria como uma Literatura com mais dados concretos. Entretanto, isto não significa dizer que História é Literatura, mas sim que são reflexões de determinada ação humana que não contemplam toda totalidade de um fato. O homem por trás do mito, mesmo com o sucesso de suas indústrias, passou a ser conhecido através do Cruzeiro. A figura 26 (BIANCHI, 1970), apresenta o dirigente que virou notícia inesperadamente após assumir a presidência do Cruzeiro, e, ainda é ressaltado o anonimato do futuro cartola que preocupava-se apenas com suas empresas.

Figura 26- O desconhecido, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.

Até alguns anos atrás, Felício Brandi era um ilustre desconhecido. Seu nome e suas fotos não viviam nos jornais. E, êle mesmo, só tinha olhos para as suas indústrias, que via crescer cada vez mais. No meio industrial sim, era conhecido e respeitado. Um dia, Felício Brandi aceitou ser dirigente esportivo. Acabou presidente do Cruzeiro, de Minas. Virou notícia, da noite para o dia. Na nossa conversa, procurei traçar um paralelo entre a sua vitoriosa vida privada e a movimentada vida pública que leva, administrando um clube que tem astros do quilate de Tostão.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Mesmo que Felício Brandi seja reconhecido como exímio dirigente, ele nunca abandonou suas empresas para se dedicar exclusivamente ao futebol, conseguindo exercer os dois com maestria. Logo, a ideia de que o “Cruzeiro estava acima de tudo” é parcialmente verdade, refere-se a uma narrativa de um torcedor fanático. É possível que a visibilidade fornecida através da agremiação tenha acarretado em prosperidade para as empresas do cartola, que do anonimato passou a ser reconhecido como célebre empresário. A figura 27 (NÉGOCIOS..., 1968, p. 119) apresenta a captação de uma nova indústria de Felício e uma relação com a capacidade administrativa do cartola no meio privado e futebolístico com uma “acentuada alta no mercado de títulos”.

Figura 27- Negócios em Manchete, Revista Manchete, edição n. 854, 1968.

Brandi controla CMC — O grupo capitaneado pelo industrial Felício Brandi, presidente do Cruzeiro E. Clube de Minas, adquiriu o contrôle acionário da Companhia de Cervejas. Conseqüência imediata: *as ações da CMC tiveram acentuada alta no mercado de títulos.*

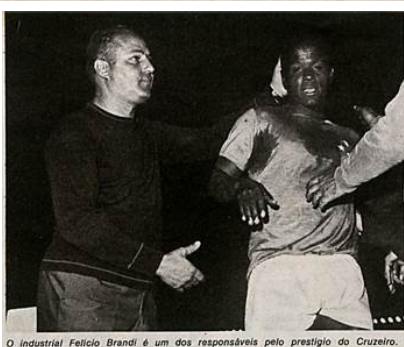
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

A popularidade de Felício com a torcida foi se intensificando não só por sua habilidade administrativa, como também por seu fanatismo que se alinhava com a torcida. Mais do que popular, Brandi era um típico populista, para DaMatta (1982, p. 50), “o

populismo político parece uma excelente analogia para a participação da massa torcedora no mecanismo de tomada de decisões em um campo de futebol (com reflexos, fora dele, na direção técnica do time e na direção dos clubes)”. O cartola deu à torcida celeste o que todo torcedor deseja, troféus. Desde que Brandi iniciou sua trajetória no Cruzeiro, isto é, de 1959 até 1968, a equipe faturou sete campeonatos mineiros e a Taça Brasil em 1966 com direito a uma goleada de 6x2 no Santos de Pelé. O título mais importante até então, só foi possível após a inauguração do Mineirão. A matéria da figura 28 (OS CARTOLAS..., 1968), apresenta um torcedor fanático que além de um empreendedor de sucesso, soube administrar bem as prioridades financeiras e esportivas de sua equipe.

Figura 28 - Cartola bem sucedido, Revista Manchete, edição n. 865, 1968.

Torcedor fanático, Felício Brandi começou vendendo palha de cigarros, hoje é dono de uma fábrica de massas, da maior indústria mineira de cervejas e de um dos maiores moinhos de trigo das Américas. Presidente do clube desde 1961, ele levou estabilidade interna contra as disputas políticas e vitórias nos campos contra as exigências da torcida. Para o presidente do Cruzeiro não existe prioridade entre as atividades esportivas ou as financeiras — cuida de ambas com o mesmo interesse. É um *cartola* bem sucedido.



O industrial Felício Brandi é um dos responsáveis pelo prestígio do Cruzeiro.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

O Estádio Governador Magalhães Pinto motivou jogadores e dirigentes, todos estavam animados em protagonizar excelentes campanhas. A rivalidade entre Cruzeiro e Atlético começava a ganhar força no Estado. Ainda que o Galo continuasse a ser o time mais influente em Minas, a Raposa conquistava o seu espaço. O time celeste apostou em organizar as finanças e em conquistar seu maior patrimônio – sua torcida. A equipe alvinegra, por sua vez, investiu na criação de uma rede representantes no interior mineiro, além de contratar novos jogadores para impedir novas derrotas dentro de campo. O editorial da figura 29 (OS

CARTOLAS..., 1968) apresenta o cenário futebolístico mineiro após a inauguração do Mineirão, atentando-se para a maior popularidade do Atlético e as constantes vitórias do Cruzeiro que começava a ameaçar a hegemonia alvinegra.

Figura 29 - Cruzeiro ameaça Atlético, Revista Manchete, edição n. 865, 1968.

Foi graças ao *Mineirão* que o grande público brasileiro ficou conhecendo os homens-fortes do futebol belo-horizontino. Dêles, afinal das contas, resultaram as providências que construíram as rendas fabulosas no estádio da Pampulha. Os atuais acompanham uma tradição em que o Atlético encabeça a lista, porque é o clube mais popular no estado. Quem o dirige, hoje, é o arquiteto Carlos Alberto Naves, o mais jovem dos nossos *cartolas* e o que mais sérios problemas tem tido pela frente: o time, com uma torcida feroz, começou a perder do seu grande adversário, o Cruzeiro, e ninguém se conformava com isso. A primeira providência foi gastar dinheiro na contratação de grandes valores — Djalma Dias, Oldair, Vaguinho, Caldeira, Dario e Cincunegui — ao todo, mais de dois bilhões de cruzeiros velhos. Ao mesmo tempo, colocou em prática uma série de inovações: uma rede de representantes — chamados *cônsules* — no interior de Minas, um serviço de relações públicas, para conter a investida do Cruzeiro, cuja boa fase começou a ameaçar a hegemonia popular do Atlético, o aumento do patrimônio do clube, etc. O campeonato deste ano não terminou como os *carijós* pretendiam, a posição continua forte, mas o Atlético, afinal, quebrou alguns tabus. E o seu presidente provou o prestígio entre os jogadores, ganhando dêles um relógio Patek Phillip de NCr\$ 3 mil.

O outro nome, em Minas, é **Felício Brandi**, que Tostão define assim: — O melhor presidente de futebol que existe no Brasil. — Se há exagêro no conceito do grande jogador, os fatos contribuem para firmar aquela imagem — basta dizer que no Cruzeiro praticamente não há oposição à diretoria Brandi, o clube é dos que melhor pagam no futebol brasileiro, sua torcida é das que mais crescem no país, os títulos conquistados a partir do Mineirão se incluem entre os mais valiosos do continente e, no entanto, o alicerce de tudo isso — o time de futebol — foi construído por uma ninharia. Tostão custou NCr\$ 1,5 mil, Dirceu Lopes, Piazza e Natal, juntos, jamais exigiriam os NCr\$ 51 mil cobrados por Procópio.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Podemos conferir na figura 30 (BIANCHI, 1970), a receita do clube de 1969 e, o “milagroso” equilíbrio de Brandi. A soma dos gastos foi equivalente a 2.107.042,56 cruzeiros e a receita atingiu o valor de 1.981.587,50 cruzeiros, resultando em um balanço financeiro

negativo de 125.455,06 cruzeiros. É interessante analisar que, mesmo gastando-se muito, o saldo negativo contabilizado ao fim da temporada, era ainda pequeno comparado ao de outras equipes, atingindo assim o objetivo dos dirigentes. Dentre os valores contabilizados, destacavam-se: charangas, gratificações, festa do pentacampeonato, viagens, empréstimo de atletas, treinos e futebol amador (BIANCHI, 1970, p. 47). Através destas despesas identificamos um clube que se preocupava com a sua projeção sociocultural.

Figura 30 - Um grande clube funciona como uma indústria, Revista Manchete, edição n. 954, 1970

● 1969 pode ser considerado um ótimo ano para o Cruzeiro. Arrecadou como poucos grandes do país inteiro. Mas teve muitas despesas e também acabou no prejuízo: cerca de Cr\$ 125 mil. Mas isso é uma gota d'água, em comparação ao que os outros grandes perdem. Este ano, por exemplo, o Cruzeiro não conseguirá um balançete tão otimista. Passou sete meses sem faturar e o campeonato mineiro jamais poderá salvá-lo. O pequeno prejuízo ocorre num clube como o Cruzeiro, onde o presidente tem o cartaz de ser *mão fechada*. Isso dá uma idéia do drama dos outros. E deixa uma pergunta no ar: afinal, porque o futebol não é um grande negócio?

O grande clube deveria funcionar como uma indústria. Orçamento, receita, despesa. E o lucro, se houvesse, revertido à fonte de produção, no caso, o futebol. Mas o grande clube não funciona como uma indústria e, por isso, raramente equilibra o seu balançete. Por causa disso é que ele, em geral, vive em crise. O Cruzeiro, de Belo Horizonte, é dos raros grandes que, nos bons anos fiscais, conseguem o milagre do equilíbrio. Eis, em linhas gerais, a sua última receita e despesa:

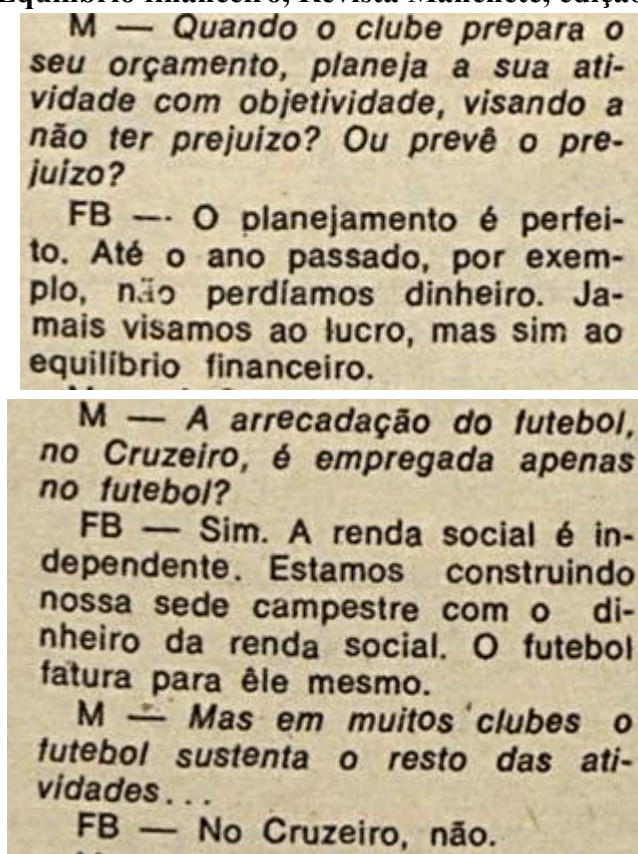
GASTOS	
Departamento Médico	25.341,89
Charanga	2.846,86
Conservação do campo e dependências	3.725,55
Concentrações	51.128,86
Salários e gratificações	302.359,44
Luvas	465.510,18
Gratificações (bichos)	431.895,00
Taxas diversas	1.962,00
Passagens aéreas	49.859,80
13.º salários	26.455,02
Material esportivo	14.628,69
Festa do pentacampeonato	2.520,00
Delegações	71.502,40
Condução	7.400,00
Hotel (estados)	35.710,32
Partidas deficitárias	8.571,32
Viagens	4.576,00
Gratificação p/conquista do penta	16.489,06
Passê de atletas	428.500,00
Experiências (c/jogadores)	1.431,00
Despesas diversas	35.903,12
Taxas de arbitragens	2.537,55
Fiscais de campo	2.250,00
Adiantamento de vencimentos	113.938,50
TOTAL	2.107.042,56
RECEITA	
Futebol profissional	1.814.997,16
Futebol amador	15.651,64
Empréstimo de atletas	32.426,84
Treinos	2.666,86
Passê de atletas	15.845,00
TOTAL	1.981.587,50
PREJUÍZO	125.455,06

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

No trecho da figura 31 (BIANCHI, 1970), o empresário e dirigente explica sobre como foi construído o planejamento da equipe, analisando a receita do clube em 1969. Segundo Felício, a equipe não almejava o lucro, mas sim o equilíbrio entre gastos e renda. Quando

questionado acerca da distribuição de rendas na categoria futebolística e social, o presidente informou que ambas são independentes. E que não havia transferência de renda, pois os gastos com a equipe no futebol eram pagos por ela. Mesmo que a receita detalhe os valores gastos, não é possível confirmar se há ou não uma adulteração nos valores divulgados. É possível que o cartola tenha projetado uma imagem que não correspondesse à realidade do clube, com o objetivo de se destacar na mídia como uma equipe de sucesso.

Figura 31 - Equilíbrio financeiro, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.



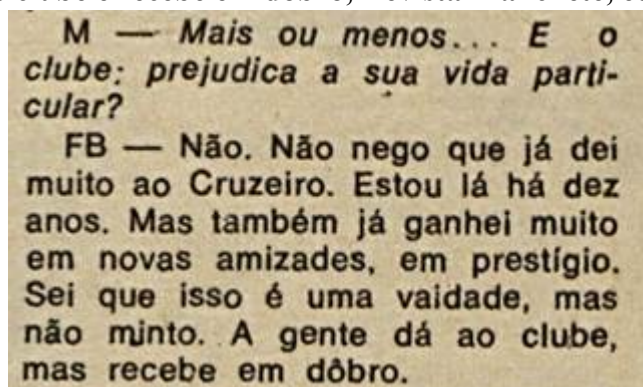
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Acerca das atividades sociais desenvolvidas, Felício não informou de onde vinha o dinheiro, entretanto, sabemos que o próprio cartola realizou inúmeras doações. A figura 32, (BIANCHI, 1970), apresenta a visão do administrador desportista, para ele ajudar o Cruzeiro nunca significou perder dinheiro, sempre foi recompensado conquistando novas amizades e, também prestígio, o que pode ser visto como vaidade. O antropólogo DaMatta (1982) define esta atitude como populista-paternalista:

Populista-paternalista, ainda, é a imagem que se cristaliza quando as torcidas organizadas são patrocinadas pelos clubes: pagamentos a chefias-de-torcida, fornecimento de bandeiras, de instrumentos musicais para a “charanga” e dos jogos,

além da organização de excursões que acompanham as equipes, são feitos abertamente pela diretoria dos clubes ou por associados vivos e ativos na política interna das agremiações esportivas (DAMATTA, 1982, p. 51).

Figura 32- Dá ao clube e recebe em dobro, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.



M — Mais ou menos... E o clube: prejudica a sua vida particular?
FB — Não. Não nego que já dei muito ao Cruzeiro. Estou lá há dez anos. Mas também já ganhei muito em novas amizades, em prestígio. Sei que isso é uma vaidade, mas não minto. A gente dá ao clube, mas recebe em dôbro.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Desde o início de sua gestão, Felício preocupou-se em estimular novo pertencimento clubístico da torcida com a equipe. O público-alvo escolhido foram as camadas mais baixas, moradores do interior de Minas e o público infanto-juvenil. Este público, por vezes, era esquecido por outras equipes mineiras e tornou-se fundamental para a ascensão sociocultural do Cruzeiro. Acerca dos interesses regionais, DaMatta (1982, p. 50) atenta que “permite ainda a visão do esporte como forma de ascensão nacional (ou regional, no caso do bairrismo visível em disputas interestaduais ou inter-regionais) (...) agindo, sempre, como uma forma de identificação nacional”. Na visão de Nolasco (2020), o dirigente baseou-se no seguinte dilema:

Ao Cruzeiro, tudo. Do Cruzeiro, nada. Às vésperas das partidas, era corriqueiro testemunhar Felício assinando um cheque de sua fábrica para comprar centenas de ingressos. Entregava-os aos operários e torcedores mais humildes, como um treinador distribui as camisas aos jogadores titulares. Por amor e exemplo, ele convocava conselheiros do clube a fazerem o mesmo. Assim, aos domingos, a geral e as arquibancadas do Mineirão se pintavam de azul e branco, com a torcida dos trabalhadores e operários. Se os palestrinos deram ao povo um time; Felício fez do povo o time do Cruzeiro (NOLASCO, 2020).

A figura 33 (BIANCHI, 1970) apresenta o questionamento sobre o que era mais difícil, administrar um clube de futebol ou uma empresa, o cartola destacava, em sua resposta, a imprevisibilidade do futebol. O empresário sabia que a paixão era um fator decisivo no futebol, influenciando em atitudes tomadas dentro de campo e, também, fora dele. Segundo o cartola, “só a paixão impede o futebol de ser indústria” (BIANCHI, 1970, p. 46-47). E, como as narrativas que o descrevem como um torcedor apaixonado, Brandi revelava que a administração de um clube sofria sim influências externas. Mesmo que tenha tentado aplicar a

mesma visão empresarial de suas empresas no Cruzeiro, assim como o ditado popular “o amor cega”, ele sabia que não era possível. Talvez o diferencial do dirigente esteja justamente em reconhecer as suas próprias limitações frente à direção do clube.

Figura 33- Futebol e Passionalidade, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.

M — E, quando foi dirigir o Cruzeiro, tentou aplicar a mesma fórmula? Afinal de contas o clube é, de uma certa forma, uma indústria ou um comércio. No caso, uma indústria de gols...

FB — De uma certa forma, sim. Mas ocorre que na indústria e no comércio não há paixão. As soluções para os problemas são, todas, lógicas, frias, matemáticas. O futebol é passional e, portanto, a administração de um clube sofre, sempre, essa influência.

M — O que é mais difícil: ser presidente de um grande clube ou de uma grande empresa?

FB — De clube. O clube vive das vitórias, que são imponderáveis. Uma vitória é cultivada durante uma semana: treinos, concentração, boa alimentação, orientação perfeita, etc. Mas na hora do jogo ela pode nos fugir por causa de um chute mal dado. Na indústria o plano industrial é objetivo, frio do princípio ao fim. Tudo é planejado para não dar prejuízo. Um bom planejamento pode falhar, mas não é tão imponderável como uma vitória no futebol.

M — Mas porque, então, não se organiza um clube como se ele fosse uma indústria?

FB — Por causa da paixão. É a paixão que nos faz pagar cada vez mais por uma vitória. Acredito que a estrutura errada não é a do clube, mas sim a dos campeonatos. Eles é que têm de ser organizados de forma a não darem prejuízo.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

No início da década de 1970, transmutou-se a realidade celeste. Com a equipe competitiva formada nos arredores da Pampulha, nos anos anteriores, e a chegada da Copa do Mundo, não foi surpresa seus jogadores terem sido convocados. O técnico Zagallo contou com três jogadores cruzeirenses, sendo eles: o volante Piazza, o zagueiro Fontana e o craque da equipe, Tostão, para a Copa do Mundo de 1970. Entretanto, a equipe celeste não foi a única a ser observada com o advento do Mineirão. O Atlético também integrou parte da convocação cedendo o centroavante Dario Santos – popularmente conhecido como Dadá Maravilha. O Estado de Minas Gerais, destacou-se por seu futebol, enviando 4 atletas de clubes mineiros dos 22 convocados⁵⁴. A Seleção brasileira não apenas sagrou-se campeã como também se tornou a primeira Tricampeã Mundial. Com isso, os jogadores selecionados começaram a se valorizar beneficiando suas equipes⁵⁵, que por sua vez, contaram com uma exposição midiática positiva. O trecho da figura 34 (BIANCHI, 1970) apresenta a equipe celeste e a opinião de Felício acerca da convocação. Na visão do cartola, todos os grandes clubes sofreram com a privação de seus principais jogadores e, esperavam contar com o prestígio midiático da conquista.

Figura 34- Campeões do Mundo, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.



⁵⁴ O técnico Zagallo selecionou 22 atletas ao todo, sendo: 11 de clubes paulistas, 6 de clubes cariocas, 4 de clubes mineiros e 1 de um clube gaúcho.

⁵⁵ Os atletas pertenciam aos seguintes clubes: Atlético-MG, Botafogo-RJ, Corinthians-SP, Cruzeiro-MG, Flamengo-RJ, Fluminense-RJ, Grêmio-RS, São Paulo-SP, Santos- SP, Palmeiras-SP e Portuguesa-SP.

M — A Copa do Mundo trouxe problemas para o Cruzeiro?
FB — Trouxe para todos os grandes clubes. Ficamos muitos meses sem jogar, privados dos nossos principais jogadores.
M — E a conquista do tri?
FB — Isso não. Nós esperamos lucrar com os nossos tricampeões. Pelo menos o prestígio do clube sobe.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

A Copa de 1970 acarretou em muitas transformações no cenário celeste: as excursões tornaram-se mais numerosas e lucrativas; Felício e Tostão protagonizaram muitos desentendimentos; ascensão da popularidade da equipe. O Cruzeiro já realizava excursões para fora do país, entretanto, foi apenas com o título conquistado pela Seleção que a exposição midiática aumentou e clube passou a ser mais solicitado. A figura 35 (OS CLUBES..., 1971) apresenta dados que comprovam que exportar o futebol brasileiro permitia às equipes solucionar os problemas de baixa renda ocasionados pelo campeonato regional.

Figura 35 - O último a se aventurar, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.

MANCHETE — Bem, agora o Cruzeiro está livre. Vai excursionar?
Furletti — Vai. A excursão é de 15 a 18 jogos, pela América do Sul, América do Norte e Ásia. As divisas que não nos deixaram trazer para o Brasil, há alguns meses, traremos agora. Aliás, eu gostaria de frisar isso: é preciso que se entenda definitivamente que o futebol é um dos melhores artigos de exportação do Brasil. Quando o clube viaja, recebe em dólar. É preciso, portanto, que os calendários — e as leis — não estrangulem essas excursões.

MANCHETE — O Cruzeiro foi, talvez, o último grande clube brasileiro a descobrir o mercado exterior. Porque somente recentemente o Cruzeiro começou a excursionar?

Lambertucci — O problema é que, embora esse timaço exista desde 1966, tendo sido, inclusive campeão brasileiro, não tínhamos a promoção que a seleção brasileira dá aos jogadores que a integram...

MANCHETE — ... Quer dizer que a seleção não é tão ruim assim, se promove os jogadores e, em consequência, o clube, valorizando-o para as excursões...

Lambertucci — Claro. O escrete nos traz vantagens e desvantagens. Mas como eu ia dizendo, nossos jogadores ainda não estavam com cartaz de craques da seleção. Quando isso aconteceu, as praças do exterior começaram a se interessar pelo Cruzeiro. Ou melhor: os empresários. São eles que controlam tudo lá fora. A tal ponto que, o Santos, certa vez, quis excursionar por conta própria e se deu mal. Quando os empresários nos **descobriram** como grande time, tudo ficou mais fácil.

Furletti — No ano passado o Cruzeiro já era bastante conhecido no exterior. Tostão já era famoso. Tínhamos também o Piazza, titular da seleção, o Dirceu. Já nos dávamos ao luxo de cobrar 14, 15 mil dólares por partida, cifra apenas inferior à que o Santos cobra. Tão boa ou melhor do que a que o Botafogo pode cobrar.

MANCHETE — E no Brasil, quanto o Cruzeiro cobra por partida?

Furletti — Em média, 60 mil cruzeiros com todas as despesas pagas.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

No entanto, a relação do ídolo Tostão com a diretoria celeste desgastava-se. A figura 36 (BIANCHI, 1970) ilustra a fragilidade das relações no meio futebolístico através de Tostão e Felício. O jogador exigia o salário que considerava justo e Felício esquivava-se, maquiando valores e adiando o inevitável. Este conflito mostra o outro lado do cartola que, por vezes, é esquecido. Como torcedor e presidente, só se importava com o bem estar do Cruzeiro, ignorando o atleta explicando suas decisões ao público sob o pretexto de ingratidão e/ou falta de amor à camisa.

Figura 36- O futebol do tri está falido, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.

O futebol brasileiro é tricampeão mundial só do túnel para dentro do campo. Está glorificado e falido. Seus ídolos não usufruem mais do que a efêmera alegria da vitória. Eles valem uma fortuna. Pedem uma fortuna. O dirigente sabe que eles valem quanto pedem. Mas procura dar menos, visando a evitar a falência do clube. Monta-se, então, o tripé da decadência: jogador, dirigente e clube. Um coquetel de paixões onde a realidade pouco conta. Procuo, aqui, traçar o perfil de cada uma dessas entidades. As entrevistas com Tostão e com o presidente **Felício Brandi**, do Cruzeiro, revelam duas figuras humanas que o futebol desumaniza. O balancete do Cruzeiro resume a sua vida profissional: o futebol é um mau negócio, no país que ganha todos os títulos. Na semana passada, os ângulos desse triângulo — Tostão, o presidente Brandi e o Cruzeiro — estavam desfeitos. O problema era o mesmo que o Santos viverá com Pelé, em setembro, ou o Botafogo com Jairzinho, em janeiro: renovação do contrato. Por isso é que essa nova história de Tostão serve para ilustrar a realidade do futebol brasileiro. Ela se repete com muito mais freqüência que as nossas conquistas mundiais. E, então, revela a verdade: somos os melhores no jogo e os piores na sua administração. É incrível, mas a impecável arte do futebol brasileiro está falida.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Ao longo do século XX, o futebol passou por diversas transformações: amadorismo e profissionalismo. Não só a popularidade do esporte crescia como também suas demandas. Ao contrário do século XXI, os jogadores além de não possuírem salários astronômicos, se aposentam mais cedo devido à falta de preparação física, peso da bola e entre outros fatores. Logo, a reivindicação de Tostão “preciso ganhar o máximo porque a carreira é muito curta” (BIANCHI, 1970, p. 44-45) não era exagero. Cabe ainda ressaltar, que o mesmo havia sofrido um descolamento da retina em 24 de setembro de 1969 que poderia tê-lo afastado de vez dos gramados. A figura 37 (BIANCHI, 1970) exhibe os problemas nos bastidores da equipe, com a confusão na renovação do contrato do jogador com o cartola italiano. A reportagem reflete uma postura marcada por amadorismo e armação entre os dirigentes, quase nunca associadas a Brandi.

Figura 37- Renovação de contrato, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.

M — Quantos contratos você fez até hoje com o Cruzeiro?
T — Bem, depois daquele primeiro, em 1963, renovei em 65, recebendo quatro mil cruzeiros de luvas. Em 67, assinei outro e o clube me deu um terreno com um posto de gasolina instalado, valendo mais ou menos 120 mil cruzeiros. Foi esse contrato que terminou agora em janeiro.
M — Quando você passou a ser convocado para a seleção brasileira, em 66, isso serviu para valorizá-lo junto ao Cruzeiro?
T — Sim.
M — E sempre foi assim, na volta da seleção?
T — As vezes. Mas outras coisas influíram nos aumentos que tive. Ganhamos o título brasileiro, o time passou a conquistar campeonatos mineiros, tudo isso influiu.
M — Porque há, agora, esse problema para a renovação?
T — Por mim não há problema. Nunca criei caso. Mas descobri, desde cedo, que só na hora de assinar contrato é que o jogador pode defender os seus direitos. Eu defendo os meus.

M — Ofereceram quanto?
T — Nada, porque eu já tinha feito a minha pedida: queria Cr\$ 600 mil.
M — E o Cruzeiro?
T — Disse que não dispunha de cruzeiros... Mas o presidente me ofereceu um conjunto de salas valendo 500 mil. Eu disse que aceitava, mas queria, além das salas, 100 mil na mão. Então, também fiz a minha consulta. Eles tinham ido ao médico. Eu fui ao corretor de imóveis. E descobri que as tais salas não valiam mais de Cr\$ 300 mil. Ai tudo voltou ao zero.
M — Esse, então, é o problema que se arrasta desde o ano passado?
T — Sim. Desde 31 de janeiro, quando o meu contrato terminou. Um dos males do Cruzeiro, aliás, é deixar esses casos de renovação para última hora. Procurar sempre adiar a solução. No meu caso, deu no que deu: viajei com o escrete sem contrato.
M — E quem pagava o seu salário?
T — A CBD. Estabeleceu um salário mais ou menos na base do que o Cruzeiro me oferecia. Deu Cr\$ 10 mil mensais. Recebi isso durante 3 meses.
M — E agora?
T — Esse mês não receberei nada de ninguém.
M — Quando você voltou tricampeão, aumentou sua proposta?
T — Não. E aí está uma prova de minha boa-vontade. Pedi os mesmos 600 mil de luvas. Se eu quisesse me aproveitar, poderia pedir mais. Mas não quis. Disse, inclusive, que aceitava uma parte em imóveis, como antes. O resto em dinheiro.
M — E o Cruzeiro?
T — Prometeu os imóveis e o restante em dinheiro, que sairia de um contrato de publicidade com o governo estadual.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Após sua atuação na Copa do Mundo, muitas equipes estavam dispostas a pagar por Tostão. Inclusive, o jogador, informa no trecho da figura 38 (BIANCHI, 1970) o interesse do

rival alvinegro em sua contratação, reforçando que preferiria continuar no Cruzeiro. A luta do craque referia-se aos seus direitos como desportista, não era simplesmente um fator financeiro. E, mesmo que fosse, sua luta não deixaria de ser válida, tendo em vista que a presença dele era lucrativa para o clube.

Figura 38- Atlético poderia comprar Tostão, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.

M — Se você não renovasse, abandonaria o futebol?
T — Não. Mudo de clube. Há muitos clubes interessados em mim.
M — Quais?
T — Os principais do Rio e de São Paulo. E inclusive o Atlético Mineiro teria condições de me comprar. Se isso ocorresse, eu ganharia até mais. Uma das cláusulas do contrato que venceu é de que tenho direito a 25% do valor da venda. Isso daria muito mais que os 600 mil que peço agora. Mas eu preferia ficar. E isso prova, uma vez mais, que também via a questão pelo lado sentimental.
M — Não era o que diziam...
T — Eu sei. E isso também me irrita. Não será me chamando de mercenário, etc. e tal que vão me comover e fazer assinar um contrato em branco. Acho, inclusive, que nessas discussões entre clube e jogador — que é a discussão do patrão com o empregado — o respeito deve ser mútuo. Eu respeito o Cruzeiro. Exijo que me respeite. Não sou mercenário. Apenas defendo os meus direitos. Peço o que acho que valho.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Em um período de rivalidade aflorada entre o Galo e a Raposa, Felício não aceitaria perder para o Atlético. A renovação de contrato ocorreu, mas não foi prenúncio de paz. O cartola sabia da capacidade técnica de Tostão, o que significava para a equipe e para a torcida. Sob a sua ótica, financeiramente manter Tostão — como também, craques de igual valor —, não era rentável. Entretanto, não era prejudicial, na medida em que significava montar um time mais competitivo (BIANCHI, 1970, p. 47). Entre a razão e a emoção, Felício ficou com Tostão que, por sua vez, sempre declarou seu amor pelo Cruzeiro que são evidenciados na figura 39 (BIANCHI, 1970).

Figura 39 - Tostão vale o que pede, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.

M — *Vale a pena dispor de jogadores do nível de Tostão?*

FB — Em termos. Quando se trata de atender à paixão que temos pelo clube sim. Mas se fôssemos pensar friamente, em termos comerciais, a venda daria lucro. Assim, não afirmo que seja um bom investimento manter craques como Tostão. Mal também não é. Eu, por mim, fico com o lado passional. Quero, no meu clube, o que houver de melhor. Um time forte, harmonioso, vencedor. Para conseguir isso, chegamos ao sacrifício.

M — *Tostão vale o que pede?*

FB — Não discuto se ele vale ou não. Ele, naturalmente, acha que vale. O clube pode achar que não. Nessa hora, as duas partes estão movidas pela paixão e, cada qual, defendendo os seus interesses o melhor que possa.

M — *Há um time do seu coração? Aquê-lo pelo qual você torce?*

T — Sou Cruzeiro. Não é demagogia. Vivi uma boa parte da minha vida no Cruzeiro. Só tenho amigos lá dentro. Não sou ingrato, como andaram dizendo. Gosto do time, do clube e torço por ele. Também tenho simpatia pelo América Mineiro. Comecei nê-lo e ele está entre as boas recordações da minha infância. Mas faço questão de dizer uma coisa: gosto do Cruzeiro como torcedor. Minha vida profissional, porém, está fora disso. Não misturo as coisas. Se amanhã tiver que sair do Cruzeiro por questões financeiras, não pensarei duas vezes. E cumprirei meus deveres, no outro clube, com a mesma dedicação. Se isso acontecer, quando meu futebol acabar, voltarei a ser um simples torcedor do Cruzeiro. . .

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Todavia, não foi o Tri que garantiu o interesse das equipes em Tostão. Em 1971, um ano após a renovação do contrato com Tostão, Furletti revelava o que poderia significar acrescentar à carreira de Brandi, uma nova falha. Tudo começou através de um telefonema tendencioso e poderia significar a venda do craque por três milhões de cruzeiros. Com sua astúcia, Felício soube impor cláusulas que seriam capazes de atrapalhar a negociação que o

pegou desprevenido, descrito na Figura 40 (OS CLUBES..., 1971, p. 163-164) através de Carmine Furletti.

Figura 40- O telefonema milionário, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.

MANCHETE — Como foi aquela história do Corinthians com o Tostão? Ele queria comprar mesmo ou era cascata, como a do Paulo César?

Furletti — O negócio foi o seguinte: certo dia o Felício Brandi recebeu um telefonema de um amigo da Guanabara que no meio da conversa perguntou: **Felício, o Cruzeiro vende o Tostão?** O Felício — pensando que a conversa era apenas informal — respondeu: **vende. Traz três milhões aqui que eu entrego o menino na hora.** Aí o sujeito do outro lado do telefone insistiu: **você sustenta isso?** O Felício disse que sustentava e então ouviu uma coisa que quase o fez cair para trás: **então repete agora para o presidente Miguel Martinez, que está aqui ao meu lado.** O jeito foi manter a palavra. Mas o Felício deu um prazo de 48 horas para o Corinthians arranjar o dinheiro, pagamento à vista, sem um tostão — sem querer fazer trocadilho... — de desconto. O presidente do Corinthians topou. E ficamos esperando.

MANCHETE — Diziam, na época, que o Corinthians já tinha o cheque visado e que o negócio só não foi feito porque o Vicente Mateus — que é o Furletti do Corinthians — não permitiu, justificando que o clube já iria gastar uma fortuna para renovar o contrato do Rivelino...

Furletti — Bom, em primeiro lugar eu não sou o Vicente Mateus do Cruzeiro. O Vicente Mateus é milionário e escora o Corinthians — ou escorava, até pouco tempo — nas suas dificuldades. E as minhas posses não dão para fazer o mesmo com relação ao Cruzeiro. Quanto a esse tal cheque visado, nunca o vimos. O que sabíamos era que o presidente Martinez ia tentar arranjar o dinheiro e, depois, nos avisou que não conseguira...

MANCHETE — Mas vocês suaram frio, enquanto o negócio estava no ar...

Furletti — Isso é verdade. O Felício, então... Tanto que, hoje, ele não cai noutra dessas.

MANCHETE — E se chegasse alguém lá com os tais 3 milhões, hoje?

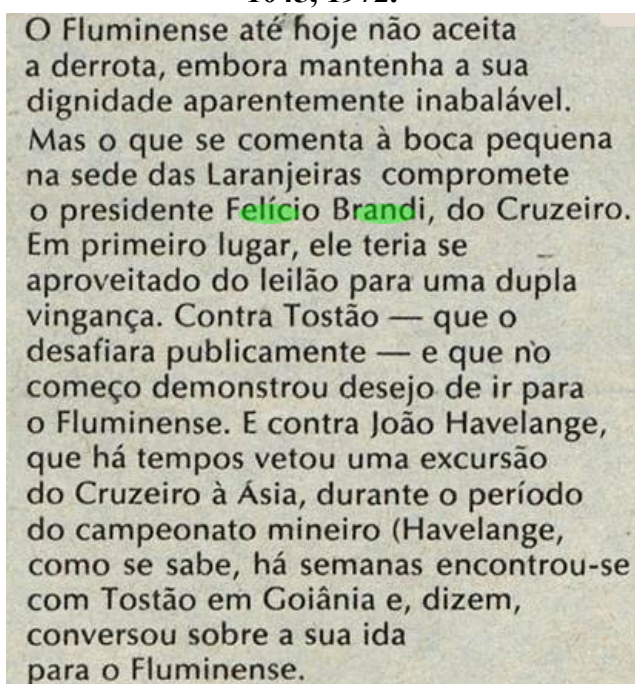
Furletti — Para começar, 3 milhões foi antes do tri...

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Em 1972, o clima entre Brandi e Tostão voltou a se desgastar e terminou com a transferência do jogador para a equipe vascaína. A venda do craque em abril representou a maior transação entre equipes brasileiras daquela época e também a vingança de Brandi. O cartola, sabendo do interesse de transferência para o Fluminense de Tostão, promoveu um

verdadeiro leilão já sabendo quem seria o comprador (BIANCHI, 1972, p. 24). O Vasco enfrentava uma crise e a chegada de Tostão marcou o início de uma nova fase para a equipe. Infelizmente aos 26 anos e após dez meses de sua transferência, Tostão se aposentou devido ao seu problema ocular, mas pouco importava, ele já era um símbolo da torcida vascaína. Em virtude dos fatos mencionados, notamos a fúria de Brandi nos trechos que sucedem a figura 41 (BIANCHI, 1972). Após o encerramento do contrato com o atleta preferiu tentar prejudicá-lo, ao invés de terminar a passagem amigavelmente.

Figura 41- A vingança de Brandi- Tostão vai para o Vasco, Revista Manchete, edição n. 1045, 1972.



O Fluminense até hoje não aceita a derrota, embora mantenha a sua dignidade aparentemente inabalável. Mas o que se comenta à boca pequena na sede das Laranjeiras compromete o presidente Felício Brandi, do Cruzeiro. Em primeiro lugar, ele teria se aproveitado do leilão para uma dupla vingança. Contra Tostão — que o desafiara publicamente — e que no começo demonstrou desejo de ir para o Fluminense. E contra João Havelange, que há tempos vetou uma excursão do Cruzeiro à Ásia, durante o período do campeonato mineiro (Havelange, como se sabe, há semanas encontrou-se com Tostão em Goiânia e, dizem, conversou sobre a sua ida para o Fluminense.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Para DaMatta (1982) o paternalismo no campo esportivo aparece nas relações entre três figuras: cartola, clube e jogador. O empréstimo de jogadores celestes para equipes do interior de Minas beneficiou o Cruzeiro em diversos níveis. A ação paternalista do Cruzeiro captou novos torcedores, tendo em vista que suas equipes não disputavam campeonatos em níveis nacionais. Os clubes que realizavam este formato de parceria com a Raposa tornavam-se codependentes. Por sua vez, os jogadores envolvidos em um sonho de emancipação econômica não eram consultados e/ou tinham pouco a dizer.

Relações marcadamente interpessoais e com um mínimo de interferências de outra ordem ou mediações institucionais (ausência de organização burocrática complexa nos clubes, por exemplo), grande concentração de poder e, muitas vezes, dinheiro na mão de poucos homens (diretores de futebol e presidentes), frequente grande

distância de origem social e grau de instrução entre dirigentes (a denominação cartola, aponta para uma origem na elite) e jogadores e carência de uma estrutura definitivamente empresarial na maioria dos clubes são alguns dos elementos mais relevantes na sustentação de tal ideologia paternalista (DAMATTA, 1982, p. 50).

A Revista Manchete, em diversas edições descreve que Brandi não gostava de vender jogador, mas que os emprestavam para outras equipes, na entrevista à TV Cultura na década de 1990, o mesmo descreve que:

Logo que assumimos a direção do Cruzeiro, começamos a procurar grandes valores e conseguimos formar várias grandes equipes, porque, com o decorrer dos anos, alguns jogadores iam cedendo lugar a outros mais jovens. Formamos grandes equipes, inclusive com a participação de Tostão, Dirceu Lopes, Piazza, Zé Carlos, Craques que foram forjados no Cruzeiro (CRUZEIRO..., 2011).

Em entrevista, o dirigente Lambertucci confirma a especulação de edições anteriores da Revista Manchete, figura 42 (BIANCHI, 1971), acerca do empréstimo de jogadores demonstrando como Brandi foi decisivo, figura 43 (OS CLUBES..., 1971). O dirigente que não gostava de vender mantinha seus patrimônios sempre ativos, desenvolvendo sua capacidade técnica enquanto geravam lucro – mesmo que tenha somente diminuído a folha salarial. A oposição presente nas práticas paternalistas em relação ao profissionalismo torna-se a principal fonte de injustiça para os jogadores. Pela ótica de DaMatta (1982, p. 50) “a manipulação pelos próprios jogadores de tal ideologia visando o que consideram seu benefício pessoal” é “o que fecha e reforça o circuito paternalista”.

Figura 42- Jogadores pelo interior, Revista Manchete, edição n. 979, 1971.

O Cruzeiro, de Belo Horizonte, tem pelo menos uns quarenta jogadores emprestados pelo interior do estado. O Presidente Felício Brandi não gosta de vender. E, então, empresta os chamados craques sobressalentes. No ano passado o Cruzeiro cedeu um time inteiro para um Atlético daqueles lá do mato. Time inteiro mesmo. Tanto que êsse Atlético, quando ia jogar em Belo Horizonte, reunia sua equipe no próprio campo do Cruzeiro. Só faltava almoçar, jantar e concentrar lá. Quando o campeonato acabou, o Atletiquinho devolveu a galera tôda. Mas êsse ano quer bis. Pergunto: isso é profissionalismo que se faça num país tricampeão mundial?

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Figura 43- Venda de jogadores, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.

MANCHETE — O presidente Felício Brandi tem fama de não vender jogadores. O Cruzeiro empresta — já emprestou um time inteiro, com técnico e tudo ao Atlético de Três Corações — mas vender, não vende. Porquê?
Edmundo Lambertucci — Porque o jogador, para o Cruzeiro, é parte do seu patrimônio.
MANCHETE — Quantos profissionais o Cruzeiro tem, hoje, entre os que usa e os que empresta?
Lambertucci — Entre 40 e 45. Há até uma história gozada, lá em Belo Horizonte. Dizem que, se um jogador nosso por acaso morrer, o presidente Felício Brandi só manda arquivar o passe dele depois de se assegurar que já foi enterrado... Mas agora, falando sério: o Cruzeiro só conseguiu montar a grande equipe que tem por causa da obstinação do Brandi em não vender os jogadores, principalmente os em formação. No ano que entra, porém vamos reduzir o plantel. Inclusive ver a possibilidade de negociar alguns dos atletas que estão emprestados e que não figuram mais nos futuros planos do clube.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

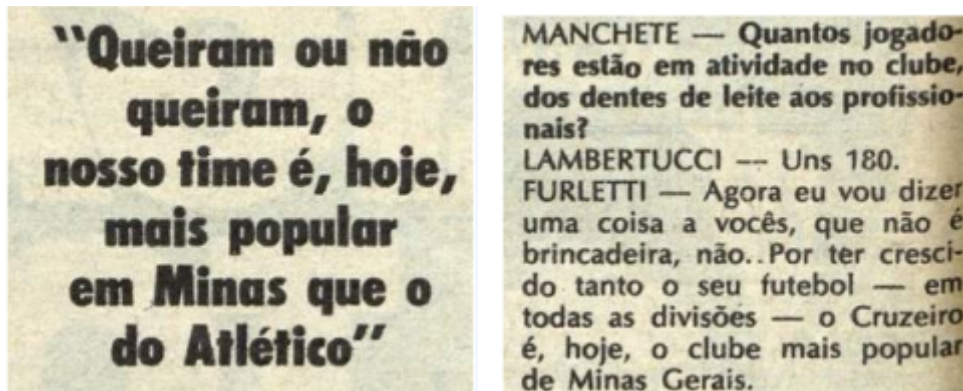
A década de 1970 representou na visão dos dirigentes celestes a virada de popularidade entre as duas grandes equipes da capital, Atlético e Cruzeiro. Acumulando conquistas, o Cruzeiro caminhava para o seu objetivo de superar o Atlético, o time mais popular de Minas, até então. Na visão de Furletti, este fato pode ser explicado pelos investimentos em todas as categorias de seu futebol. Em 1971, na reportagem Os donos da bola, publicado pela Revista Manchete número 1012, o Cruzeiro é descrito como “time da moda” (BIANCHI, 1971, p. 102) após as conquistas do Campeonato Mineiro de 1965-1969 e a Taça Brasil de 1966, além da popularidade de seus jogadores como Tostão e Dirceu Lopes. Ainda no mesmo ano, na edição 1027, nos diz que:

Essa ascensão do Cruzeiro coincide com o advento do Mineirão. Quando o estádio nasceu, ele cresceu. É este o clube que os dirigentes Carmine Furletti e Edmundo Lambertucci, vice-presidente e diretor de futebol, respectivamente, explicam – em nome do presidente Felício Brandi. (OS CLUBES..., 1971, p. 162)

Podemos ver que a narrativa presente na figura 44 (OS CLUBES..., 1971), que associa o crescimento do Cruzeiro ao estádio e ao presidente.

Figura 44- Comemoração por todo o Brasil, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.





Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Por conseguinte, na figura 45 (OS CLUBES..., 1971) Furletti esclarece os dados que comprovam sua fala. Segundo ele, em 1971, o Cruzeiro possuía 70% da torcida em todo o estado. Entretanto, os números precisavam melhorar na capital belo-horizontina, onde o Atlético possuía 50% da torcida, seguido pelos 40% do Cruzeiro e os 10% do América. Para o cartola, essa projeção só tornou-se possível devido ao Mineirão e a transmissão de jogos pela televisão. Para ele, a conquista de campeonatos atraiu o público infante-juvenil que, por sua vez, baseava-se na hora de escolher o seu time, no primeiro momento, o clube que atualmente ganhava mais os confrontos, levantava mais troféus ou possuía mais craques. Porém, não há registro que comprove os dados de sua fala, tampouco o cartola preocupa-se em esclarecer de onde vinham as estatísticas. A sua afirmação é movida pela parcialidade de um dirigente celeste, se Nelson Campos (1970-1973) — presidente do Atlético fosse questionado poderia, da mesma forma, apresentar dados alegando o contrário.

Figura 45- Porcentagem e garotada, Revista Manchete, edição n. 1027, 1971.

MANCHETE — O pessoal do Atlético sabe disso? . . .
FURLETTI — Só não sabe se não quiser. Em todo o estado, temos 70 por cento da torcida. Isso se explica com o fato de que, com o Mineirão e a televisão, nosso time ganhou outra dimensão. A televisão, principalmente, leva a imagem dos jogos ao interior. Como o Cruzeiro levou anos a fio ganhando o campeonato, sua torcida cresceu. Principalmente entre os jovens. Garoto é assim: quando descobre o futebol, passa a torcer pelo clube que ganha mais. Ou pelo que tem os maiores cobras. E nós temos Tostão, Dirceu Lopes, Piazza, Perfumo, além de um rosário de títulos. Em Belo Horizonte o Atlético tem 50 por cento da torcida. Mas nós já estamos com 40 por cento. Os outros 10 por cento são do América. Quer dizer: o clube mais popular de Minas é mesmo o Cruzeiro.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

A fonte mais polêmica é a entrevista de Felício Brandi à TV Cultura, produzida na década de 1990 acerca da época de ouro do Cruzeiro. Até hoje seu relato repercute em Minas Gerais, aparece por vezes de maneira heroica — por parte dos torcedores celeste, e diabólica — por parte dos torcedores alvinegros. Fato é que suas ações administrativas e de *marketing* contribuíram para o aumento do número da torcida celeste. Na entrevista, Brandi diz que:

O Cruzeiro não tinha uma grande torcida. Então o quê, que nós fizemos? Vamos pegar a meninada porque daqui a dez anos o Cruzeiro vai ter a maior torcida de Minas. E, começamos então a comprar lápis, caderno, borracha, fazer artigos de promoção do Cruzeiro. E, com isso nós contamos com a boa vontade dos jogadores que iam aos grupos escolares fazer a distribuição desse material. Com isso, além da presença dos jogadores, que eram ídolos, os garotinhos do grupo escolar recebiam caderno, régua, lápis, todo o material escolar. (CRUZEIRO..., 2011).

Por fim, a construção da Toca da Raposa representou o ápice da modernidade e investimentos da gestão de Felício. Após anos construindo o local, a concentração deixou de ser algo odiado pelos jogadores, para se tornar um local agradável, na visão de Felício. Em entrevista, Raul Plassmann relembra que, em seu início, a Toca não era tão luxuosa, “quando fomos para lá, tinha uma casa, era uma espécie de fazendinha, lembro que tinha uma piscina, que tem até hoje, concentramos ali antes mesmo de a construção começar, de os operários chegarem” (MATTAR, 2017). O ex-goleiro e ídolo celeste, completa ainda que:

O que marcou sempre para nós é que eu e o Zé Carlos ajudávamos aqueles pedreiros com carrinho de mão, carregando até tijolos, no momento da concentração. Isso ficou marcado. A gente se encontra e comenta isso, os camaradas hoje estão numa tranquilidade, e a gente carregava até tijolo. A gente contribuiu de fato com a construção da Toca. Com carinho, amor. Ficou marcado. A gente viu a floresta que era o local onde estão os campos. Eram matas enormes, e a gente andava ali. Somos testemunhas de um começo espetacular (MATTAR, 2017).

O Centro de Treinamento não foi uma conquista só dos jogadores, mas sim da torcida que, literalmente no dia de sua inauguração, entrou em campo. A reportagem da figura 46 (LEITE, 1973, p. 120) demonstram a pujança do novo patrimônio. O investimento proporcionava conforto aos jogadores profissionais, ao mesmo tempo em que permitia maior ligação com a categoria de base. A equipe técnica poderia acompanhar de perto o surgimento de novos talentos e a base contava com a experiência dos jogadores já cristalizados, observando e quando possível trocando diálogos.

Figura 46- Toca da Raposa, Revista Manchete, edição n. 1090, 1973.





e na piscina. E tudo isso para servir unicamente aos jogadores de futebol. Muitos que vão até a **Toca** saem de lá com uma pergunta atravessada na garganta: para que tanto luxo? Com a palavra o presidente do Cruzeiro, **Felício Brandi**:

— Antigamente, a concentração era sinônimo de castigo para o jogador. Nós, do Cruzeiro, queríamos transformar esta imagem negativa e fazer da concentração um lugar agradável. Em 1967, compramos o terreno na Pampulha e começamos a construção.

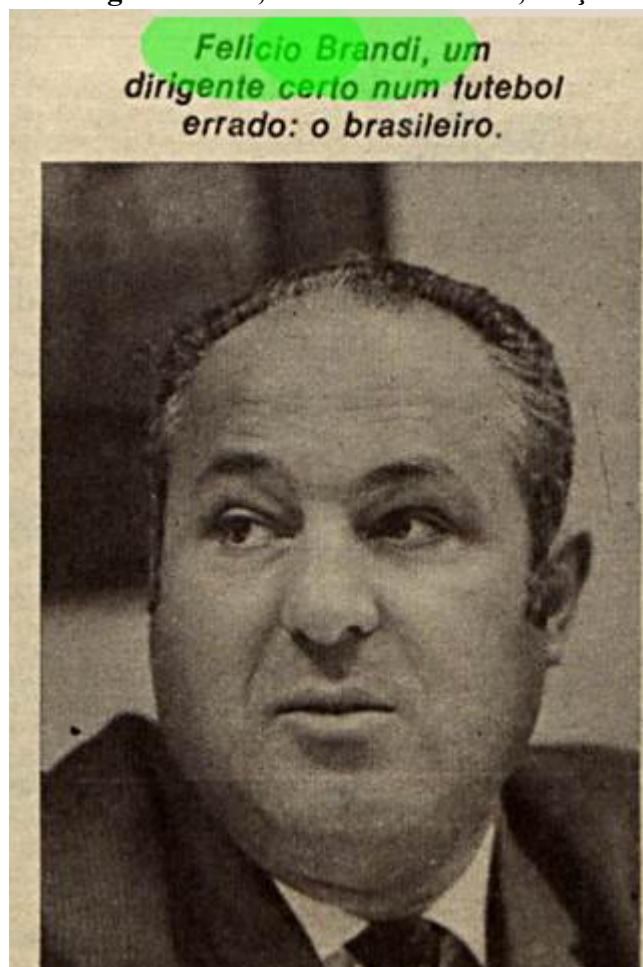
“A **Toca da Raposa** é única no mundo.” A frase, agora, não é de Nenen Prancha, mas de João Havelange, depois de visitar a concentração do Cruzeiro. Para ele, a única instalação que se aproxima um pouco da **Toca da Raposa** é a do **Milaneto** do Milan, na Itália.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Se Felício Brandi é o melhor presidente do Cruzeiro, só o tempo poderá dizer, já que a resposta para este questionamento refere-se à perspectiva. Porquanto, cabe ressaltar que durante o período de sua gestão é inegável que o cartola preocupou-se com o futuro de sua equipe, cada contratação e estratégia de *marketing* tinham apenas um objetivo: realizar o seu

sonho, tornar o Cruzeiro, um dos maiores times do Brasil. Assim como a composição *Cruzeiro és Minha Vida*⁵⁶ da Torcida Fanáti-Cruz⁵⁷ Brandi, torcedor de arquibancada fez de tudo para ver o Cruzeiro vencer. A figura 47 (BIANCHI, 1970), apresenta a imagem de Felício associada à afirmação de um dirigente certo, no cenário errado.

Figura 47- O dirigente certo, Revista Manchete, edição n. 954, 1970.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Em entrevista a TV Cultura, ele revela: "eu assistia todos os treinos do Cruzeiro e eu me lembro que era véspera dos grandes jogos eu levava até foguete pra soltar e incentivar os jogadores" (CRUZEIRO..., 2011). Em uma entrevista de Plínio Barreto (DOCUMENTÁRIO..., 2021) discorre acerca de Felício que acompanhou desde que assumiu o cargo de diretor esportivo, segundo ele "porque dizem que os homens passam e o clube fica, isso é uma verdade, mas no caso de Felício o clube fica e o Felício também". Graças à sua

⁵⁶ A música é uma versão do canto "Cuervo sos me alegría mi locura vos sos mi vida" eternizado pela La Gloriosa Butteler, torcida organizada da equipe argentina, San Lorenzo. Para conhecer a composição acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=tvCl5uG06c4> (Cruzeiro X Racing, Copa Libertadores, 22/05/2018).

⁵⁷ Conhecida também como TFC é uma torcida organizada do Cruzeiro fundada em 1999 por um grupo de amigos.

gestão, marcada por títulos e reconhecimento midiático, Felício Brandi é reconhecido hoje por sua astúcia e descrito como o melhor presidente do Cruzeiro. Cabe ainda ressaltar que tal reconhecimento não é só por parte da torcida, em novembro de 2020, a Toca I, centro de treinamento celeste, passou a se chamar Centro de Formação Felício Brandi, em homenagem ao cartola. O ex-presidente da equipe celeste durante a sua gestão, que corresponde a um período de 21 anos, foi capaz de projetar o Cruzeiro para um futuro glorioso e demonstrar que uma grande equipe necessita de planejamento. Através de Felício Brandi, o Cruzeiro foi o primeiro time brasileiro a possuir um centro de treinamento, assumiu uma grande presença no interior mineiro e foi capaz de se transformar na torcida mais numerosa de Minas Gerais, além de projetar-se midiaticamente em níveis nacionais e internacionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS [APITO FINAL]

Em Belo Horizonte, Atlético e Cruzeiro ditam a rivalidade futebolística do Estado, entretanto, como já vimos, nem sempre foi assim. De 1910 até meados de 1960, América e o próprio Atlético eram os clubes mais influentes da cidade. Desde a inserção do jogo com os pés na capital, notamos diversas transformações e, é fato que mesmo que não seja um aficionado pelo do esporte, é impossível estar alheio a suas diversas representações. Camisas nas ruas, gritos constantes, tatuagens, embalagens de alimentos com o escudo de times, trânsito interrompido nos arredores dos estádios Independência e Mineirão, além das transmissões dos jogos nos botecos. Tudo isto e muito mais fazem parte da cidade e, explicar este fenômeno é inexecutável.

Não é difícil presenciar narrativas em Minas Gerais que conferem o título de ‘time do povo’ para o time do América, Atlético e/ou Cruzeiro. Seja em publicações no *Instagram*, *Facebook*, *WhastApp* ou simplesmente em provocações a equipes rivais, podemos dizer que historicamente as falas podem ser questionadas. Quando analisamos a inserção do futebol no Brasil, encontramos três correntes difundidas: os fundadores em cada cidade, linhas férreas e através dos jesuítas. Mas, independente da corrente escolhida, o futebol em seu início era mais popular entre a elite, principalmente em Belo Horizonte. Em um período de transição de Império e República, poderia não ser de interesse dos clubes a associação ao povo. O que há de moderno em ser do povo? O discurso popular é contemporâneo e para compreendermos quando e onde ele surge, precisamos conhecer um pouco mais sobre a história da cidade.

A história do futebol tende a ser contada através dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, o Brasil possui outros 24 estados que não devem ter seus imaginários esportivos silenciados. Esta monografia teve como questão norteadora compreender como os imaginários esportivos foram construídos em Minas Gerais. Assim, é possível pensar nas origens do jogo na urbe e, como um clube do Barro Preto formado por imigrantes italianos e seus descendentes tornou-se um dos clubes mais populares do país. A paixão da Nação Azul foi representada por meio de seus personagens notáveis, que influenciaram diretamente em seu crescimento exponencial. A investigação mostrou que no cenário futebolístico, não há abjunção entre palestrinos e cruzeirenses, salomés⁵⁸ e torcedores ‘comuns’, entusiastas de arquibancada e telinhas, no final valem tanto quanto Brandi ou Tostão. Esse conjunto de

⁵⁸ Maria Salomé da Silva (1933-2019), torcedora-símbolo do Cruzeiro, acompanhava frequentemente a equipe nas arquibancadas e faleceu dois dias após a queda da equipe para a Série B.

ideias permite dizer que o futebol não é um esporte de 11 contra 11, envolve mais pessoas e/ou sistemas do que podemos enumerar.

A principal dificuldade observada na construção desta monografia foi a escassez de material bibliográfico além do difícil acesso às fontes diretas e/ou indiretas. É possível que a criação de um museu e entre outros, seja capaz de suprir esta lacuna e motivar outros pesquisadores para a produção de novos materiais. Através das fontes selecionadas, torna-se possível descrever o processo de consolidação e projeção do Cruzeiro Esporte Clube na década de 1990. A formação do orgulho futebolístico celeste surge através dos impactos da construção do Mineirão e as ações do ex-presidente Felício Brandi. Contudo, isso não significa dizer que o orgulho estava alheio à equipe antes da década de 1960 apenas que se intensificou. Os palestrinos usavam o lazer proporcionado pelas cores verde, vermelho e branco como um espaço de integração sociocultural, bem como os cruzeirenses utilizam do Cruzeiro do Sul e as cores azul e branco. Dessa forma, brasileiros e italianos estampam sua identidade mundo afora.

O Mineirão não transformou apenas a realidade futebolística dos clubes da capital, influenciou todo o estado. A intensa rivalidade entre Atlético e Cruzeiro só aflora após a construção do estádio. E, o cartola Brandi tem grande influência nisto já que preocupava-se em ultrapassar o Atlético. Localizar documentos e interpretar o amontoado de fatos que envolvem o cenário esportivo em Belo Horizonte há quase um século e meio é uma tarefa difícil. Assumindo minha pesquisa como um primeiro esforço na compreensão de Cruzeiro e Belo Horizonte, tento nesta monografia propor uma primeira versão de resposta aos questionamentos levantados analisando sua origem e os seus vínculos com a sociedade. Considerando apenas o período temporal e regional estudado nesta pesquisa, vislumbram-se inúmeras possibilidades de estudo através de novas abordagens e/ou escolhas. Podemos destacar o surgimento das primeiras torcidas organizadas, as transformações da comunicação entre cartolas e torcida, cartolas assumindo cargos políticos, a impunidade dos cartolas e os primórdios da rivalidade dos clubes da capital.

No universo futebolístico herói e ídolo são sinônimos, o primeiro surge como um salvador imediato e o segundo como a sua consolidação. O que significa dizer que nem todo herói é ídolo. Se Felício Brandi foi, durante 1961 a 1982, um herói, hoje é considerado um ídolo celeste que atuou fora das quatro linhas. Para a conquista do seu *status* de ídolo o mesmo estabeleceu vínculos entre jogadores e torcida reverberando seu pertencimento clubístico. Mesmo que a geração de torcedores nascidas após 1982, não conheça a administração de Felício, em 2020 este vínculo está sendo renovado. Tendo em vista, o

resgate da instituição com a sua personalidade, por meio da troca de nome da Toca da Raposa I e do documentário ‘Em busca da história do Cruzeiro’. O primeiro motiva o questionamento sobre quem é Felício e o segundo sobre o que é o Cruzeiro.

O foco deste estudo dirigiu-se a compreender um pequeno fragmento da dimensão do futebol. Saindo dos debates teóricos e arriscando a cair no ‘lugar-comum’, nos comentários finais, vale ressaltar o verdadeiro significado de futebol para seus aficionados. Paixão. Um termo simples, mas que representa um intenso e forte desejo e/ou atração. É possível que boa parte dos torcedores não se preocupem em interpretar o futebol de maneira crítica, que queira conhecer o passado de seu time ou ainda os bastidores do jogo. Ainda sim, são sujeitos essenciais para a sustentação deste sistema. Compreender as peladas do final de semana, conversas de bares, jornalismo esportivo provavelmente serão traduzidas de maneira racional, em qualquer trabalho acadêmico. E, são os sentimentos envolvidos no esporte que conferem a ele um caráter tão singular.

No entanto, essas são conclusões preliminares, resultado de uma investigação que ainda está dando seus primeiros passos. A transcrição do jogo narrativo e social que circunda Minas Gerais certamente demanda, para ser bem compreendida e estudada, uma análise mais demorada e cuidadosa, uma pesquisa que ainda será realizada. É necessário ampliar a coletânea de dados, ter contato direto com as fontes diretas e indiretas, recolher relatos de atletas e torcedores, refinar as informações teóricas e metodológicas e entre outras. Conquanto, o apito final refere-se a uma prorrogação do que ainda está por vir.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, Lucas Torres de Oliveira; REFKALEFSKY, Eduardo. Linguagem e Mídia: Caso do Globo Esporte. **Anais XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, Ouro Preto - Minas Gerais, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1550-1.pdf>. Acesso em: 15 de set. 2021.
- AMBRÓSIO, Jadir. Hino do Cruzeiro Esporte Clube. **Cruzeiro Esporte Clube**, 1965. Disponível em: <https://www.cruzeiro.com.br/pagina/show/29>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Sermão da Planície (para não ser escutado). **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Caderno B, p. 5, 18 jun. 1974. Disponível em: <https://juslaboris.tst.jus.br/handle/20.500.12178/94405>. Acesso em: 11 set. 2021.
- ARAÚJO, José Renato de Campos. **Imigração e futebol: o caso Palestra Itália**. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas- São Paulo, 1996. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279020/1/Araujo_JoseRenatodeCamp os_M.pdf. Acesso em: 19 ago. 2021.
- ASSUMPCÃO, Luís Otávio Teles. **O Temp(l)o das Geraes: a nova ordem do futebol brasileiro**. Monte Claros: Editora Unimontes, 2004.
- BARRETO, Plínio; BARRETO; Luiz Otávio Trópia. **De Palestra a Cruzeiro: Uma trajetória de Glórias**. Belo Horizonte: Editora M&D, 2000.
- BARROS, José D'Assunção. **A construção da teoria nas ciências humanas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.
- BIANCHI, Ney. Tostão Superstar, ele chega ao Vasco como uma espécie de guru de calção e chuteiras. *In: Dom Pedro I a volta do libertador*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1045, p. 24-25, 29 abr. 1972. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/122918>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- BIANCHI, Ney. Quem dá mais pelo Tostão? *In: Viagem fantástica pela transamazônica*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1043, p. 5-8, 15 abr. 1972. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/122602>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- BIANCHI, Ney. Os donos da bola. *In: Seu 7 da Lira*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1012, p. 102-104, 11 set. 1971. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/117288>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- BIANCHI, Ney. Porque o futebol brasileiro está (financeiramente) falido e qual a solução. *In: Foto sensacional*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 979, p. 34-36, 23 jan. 1971. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/112047>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- BIANCHI, Ney. A novela Tostão-Cruzeiro mostra o futebol do tri está falido. *In: Em côres maravilhosas os Incas dominam os Andes*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 954, p. 42-47, 1 ago.

1970. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/107083>. Acesso em: 19 abr. 2019.

BIANCHI, Ney. O gigante de Minas. In: *Em côres especial Itália maravilhosa*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 700, p. 16-19, 18 set. 1965. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/65334>. Acesso em: 19 abr. 2019.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1º ed., 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Questões da sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOSCHI, C. **Por que estudar História?** São Paulo: Ed. Ática, 2007.

BRETAS, Lucas; ARRUDA, Rafael. Maradona e Cruzeiro: craque quase jogou pelo clube e investiu em contratação de ex atacante celeste. **Superesportes**, [Belo Horizonte], 25 nov. 2020. Morte de Maradona. (Reportagem reproduzida no jornal Superesportes). Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/cruzeiro/2020/11/25/noticia_cruzeiro_3873430/maradona-e-cruzeiro-craque-quase-jogou-em-bh-e-investiu-em-atacante.shtml. Acesso em: 11 set. 2021.

BUZZACCHI, Arrigo; MIRAGLIA, Tolentino. **Hino do Palestra**. Belo Horizonte, 1922.

CARVALHO, José Eduardo de. **150 anos de futebol: Gente**. São Paulo: Editora SESI-SP, 2014.

CASTRO, Bruno; VALLADÃO, Rafael. Um ensaio histórico sobre o surgimento do futebol, dos clubes de futebol carioca: Vasco, Flamengo, Fluminense e Botafogo e suas tendências elitizadas e populares. **Efdeportes**, Buenos Aires, ano 13, n. 126, nov., 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd126/o-surgimento-do-futebol-dos-clubes-de-futebol-carioca.htm>. Acesso em: 13 ago. 2021.

CAVALIERI, Daniel Gonçalves. **Os imigrantes italianos e os ítalo-descendentes em Belo Horizonte: identidade e sociabilidade (1897-1942)**. Dissertação (Mestrado em História)—Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/2402/1/DISSERTA%c3%87%e3%83O_ImigrantesItalianos%c3%8dtalo.pdf. Acesso em: 25 abr. 2021.

CEDRO, Marcelo de Araújo Rehfeld. **Praça Sete, Pampulha e Savassi: Centralidades urbanas e modernidade periférica na cidade de Belo Horizonte**. São Paulo: Annablume Editora, 2016.

CEDRO, Marcelo de Araújo Rehfeld. Bourdieu entra em campo: o futebol como espaço autônomo de interações, disputas, posições e consagrações. **Tempos Gerais**, n. 6, p. 9-26, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/temposgerais/article/view/1695/1195>. Acesso em: 19 mai. 2021.

CHAIM, Aníbal Renan Martinot. **Futebol, corações e mentes: Os torcedores na perspectiva do Estado**. 2018. 314 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Disponível em:

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8131/tde-06122018-121608/publico/2018_AnibalRenanMartinotChaim_VCorr.pdf. Acesso em: 28 out. 2020.

COUTO, Euclides de Freitas. **Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)**. Rio de Janeiro: Editora da UFF (Universidade Federal Fluminense), 1º ed., 2014a.

COUTO, Euclides de Freitas. Esporte de classe, esporte de classes. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, v. 50, n. 1, jan/jun., p. 113-131, 2014b. Disponível

em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2014A10.pdf. Acesso em: 6 jul. 2021.

COUTO, Euclides de Freitas. **Belo Horizonte e o Futebol: Integração Social e Identidades Coletivas (1897-1927)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)— Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003. Disponível em:

http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_CoutoEF_1.pdf. Acesso em: 14 mai. 2021.

CRUZEIRO Esporte Clube: história - a década de 60. [S. I.]: TV Cultura, 17 ago. 2011. 1 vídeo (14:59 min). Publicado por: Canal rluiz66. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ON88TT1VBFE>. Acesso em: 29 out. 2021.

DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da Fifa para tornar as copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. **Razón y Palabra**, Monterrey: Universal Transversa de Mercator, n. 69, jul.-set., 2009. Disponível em:

<http://www.razonypalabra.org.mx/O%20SIMBOLICO%20E%20O%20ECONOMICO%20N%20FUTEBOL%20DE%20ESPETACULO.pdf>. Acesso em: 1 set. 2021.

DOCUMENTÁRIO: Em busca da história do Cruzeiro. **Cruzeiro Esporte Clube**, 30 jul.

2021. 1 vídeo (01:07:10hrs). Publicado por: Canal Cruzeiro Esporte Clube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=q67VTbH3tzo>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2 ed., 1994.

EM 1965: CRUZEIRO APOSTAVA NO MINEIRÃO PARA CONSTRUIR SUA GRANDEZA. **Lance!Net**, [Rio de Janeiro], 11 fev. 2013. (Reportagem reproduzida no site ND+) Disponível em:

<https://ndmais.com.br/esportes/em-1965--cruzeiro-apostava-no-mineirao-para-construir-sua-grandeza/>. Acesso em: 1 mai. 2021.

ESPN. MINEIRÃO FAZ 50 ANOS SE ADAPTANDO A PADRÕES SEM PERDER A TRADIÇÃO. **ESPN**, [Jornal virtual], 5 set. 2015. Futebol. (Reportagem reproduzida no site ESPN) Disponível em:

http://www.espn.com.br/noticia/541012_mineirao-faz-50-anos-se-adaptando-a-padroes-sem-perder-a-tradicao. Acesso em: 2 mai. 2021.

ESTÊVES, Luís Antônio. O leitor em Manchete: Mineiro I. In: *Extra: as fotos da revolução. Manchete*, Rio de Janeiro, n. 625, p. 65, 11 abr. 1964. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/55874>. Acesso em: 19 abr. 2019.

FARIAS, Airton de. **Uma História das copas do mundo: futebol e sociedade**. Fortaleza: Armazém da Cultura, v. 1, 2014.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FLECHA, Angela Cabral.; PONTELLO, Matheus Levy. Comportamento do torcedor de futebol. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, Vol. 4, N. 2. Maio-Agosto., p.73-87, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5190977> . Acesso em: 27 out. 2020.

FREITAS, Marcel de Almeida. Apontamentos sócio-histórico culturais sobre o futebol no Brasil e em Belo Horizonte, Minas Gerais. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, n. 27, p. 73-100, dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2265/3858>. Acesso em: 30 ago. 2019.

FREIXO, Adriano de. **Futebol: o outro lado do jogo**. São Paulo: Desatino, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. 3ª edição. Recife: Global editora, 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala - formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48ª edição. Recife: Global editora, 2003.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L & PM, 2ª ed., 2020.

GALEANO, Eduardo. **Fechado por motivo de futebol**. Porto Alegre: L & PM, 2ª ed., 2019.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 3ª ed., 2014.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Futebol, Arte e Política: A catarse e seus efeitos na representação do torcedor. **Organizações & Sociedade**, Universidade Federal da Bahia, vol. 16, n. 48, p. 123-140, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4006/400638310007.pdf> . Acesso em: 26 out. 2020.

KALLÁS, André. O Cruzeiro virou manchete: fatos e fotos do maior jogo de futebol do ano de 1966. In: *Em côres grande reportagem o mundo festeja Picasso. Manchete*, Rio de Janeiro, n. 765, p. 124, 17 dez. 1966. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/74607>. Acesso em: 19 abr. 2019.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. As estatísticas de futebol como fonte de pesquisa: o caso do “Circuito clubístico” Belo-horizontino. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de

Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1-16, jul./ dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/21647>. Acesso em: 26 set. 2019.

LEITE, Ricardo Gomes. Toca da Raposa, onde o Cruzeiro vale mais. In: *Carnaval, Rio, São Paulo, Recife*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1090, p. 120-121, 10 mai. 1973. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/131740>. Acesso em: 19 abr. 2019.

LUCA, Tânia Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: *PINSKY, Carla Bassanezi* (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MATTAR, Tiago. LEGADO DE BRANDI, RAUL PEDREIRO, CORTE NA SELEÇÃO, PALPITES DE LEVIR E BRONCA DE FELIPÃO: CASOS DA RENOVADA TOCA DA RAPOSA I. **Superesportes**, [Belo Horizonte], 25 mai. 2017. Cruzeiro. (Reportagem reproduzida no jornal Superesportes). Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/1,10/2017/05/23/noticia_cruzeiro,403538/renovada-toca-da-raposa-i-reune-muitas-historias-em-seus-44-anos.shtml. Acesso em: 14 set. 2021.

MAYOR, Sarah Soutto Teixeira; SILVA, Silvio Ricardo da. Do amadorismo profissional ao profissionalismo amador: os discursos da imprensa sobre a profissionalização do futebol na cidade de Belo Horizonte. **Fúlia UFMG**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, jan/abr., p. 26-47, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/download/29578/23372/88957>. Acesso em: 25 jan. 2021

MAYOR, Sarah Teixeira Soutto; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Futebol e mercado em Belo Horizonte: o profissionalismo e a construção do Mineirão (1933- 1965). **Record: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1-20, 2018. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/futebol-e-mercado-em-belo-horizonte-o-profissionalismo-e-a-construcao-do-mineirao-1933-1965/>. Acesso em: 31 ago. 2019.

MAYOR, Sarah Soutto Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de. Victor Serpa e a “Mania Foot-Ball”: o mito fundador do esporte bretão na cidade de Belo Horizonte/MG (1904-1905). **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**, vol. 3, n. 1, jan/jun, p. 50-60, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/9148/3951>. Acesso em: 25 abr. 2021.

MINEIRÃO, 20 anos entre a glória e a crise. In: *As cores do Bi mundial de juniores nós somos o Brasil*. **Revista Placar**, Rio de Janeiro, n. 799, p. 35-38, 13 set. 1985. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=lc4J2QtQ8agC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&view=1&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 19 abr. 2019.

MITRE, Antonio. **O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOMENTOS da história do Cruzeiro serão imortalizados em novos produtos a partir de abril; 6x2 em 1966 inaugura linha especial. **Cruzeiro Esporte Clube**, Belo Horizonte, 30 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cruzeiro.com.br/noticia/show/18771/momentos-da-historia-do-cruzeiro-serao-imortalizados-em-novos-produtos-a-partir-de-abril-6x2-em-1966-inaugura-linha-especial>. Acesso em: 21 abr. 2021.

MOURA, Rodrigo. O futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930: as partidas e diversões, os surrus e outras tramas. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 1, p. 1-26, jun. 2011. Disponível em: https://ludopedio.org.br/wp-content/uploads/072251_recordeV4N1_2010_11.pdf. Acesso em: 30 out. 2019.

MURAD, Mauricio Ferreira. **A violência no futebol**. Rio de Janeiro: Editora Benvirá, 2012.

MUSEU VIRTUAL PAMPULHA. **Obras da construção do Mineirão**. Belo Horizonte: Escritório de histórias, 2009. Disponível em: http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_pampulha/modules/myalbum/photo.php?lid=255&cid=1. Acesso em: 19 abr. 2021.

NEGÓCIOS EM MANCHETE. Brandi controla CMC. *In: Em côres um mergulho na plataforma submarina*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 854, p. 119, 31 ago. 1968. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/88657>. Acesso em: 19 abr. 2019.

NOLASCO, Gustavo. Gigante um dia com Felício Brandi, o Cruzeiro se curvou aos paquidermes. **Estado de Minas**, [Belo Horizonte], 02 dez. 2020. Da arquibancada. (Reportagem reproduzida no jornal Estado de Minas). Disponível em: https://www.em.com.br/app/colunistas/gustavo-nolasco/2020/12/02/interna_gustavo_nolasco_1216531/gigante-um-dia-com-felicio-brandi-o-cruzeiro-se-curvou-aos-paquidermes.shtml. Acesso em: 1 mai. 2021.

O BRASIL EM MANCHETE. O grande estádio de Minas. *In: Em côres ô Porto de Santos*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 593, p. 91, 31 ago. 1963. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/52201>. Acesso em: 19 abr. 2019.

OS CARTOLAS ÊLES NÃO JOGAM MAS SÃO OS DONOS DA BOLA. *In: Elizabeth na terra do sol*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 865, p. 56-59, 16 nov. 1968. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/90648>. Acesso em: 19 abr. 2019.

OS CLUBES NA MARCA DO PÊNALTI. *In: Em côres Índia-Paquistão a guerra do 3º mundo*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 1027, p. 160-166, 25 dez. 1971. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/004120/119951>. Acesso em: 19 abr. 2019.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas- São Paulo, 1998. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280018>. Acesso em: 18 mai. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em:

http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 31 out. 2019.

RIBEIRO, Luiz Carlos. História e historiografia do futebol brasileiro: da crise da tradição às novas epistemes. **Revista Efdeportes Revista Digital**, Buenos Aires, v. 15, n. 149, outubro de 2010. Disponível em:

<https://www.efdeportes.com/efd149/historia-e-historiografia-do-futebol-brasileiro.htm> .

Acesso: 18 mar. 2021.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Consolidação do futebol em Belo Horizonte e as conexões de seu meio esportivo (1904-1921). **Fulia UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, maio/ago. , p. 6-28, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/12500>.

Acesso em: 22 jul. 2021.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Participação imigrante nos primeiros anos do esporte em Belo Horizonte. In: *V Seminário de Imigração italiana em Minas Gerais*, **Revista Ponte entre Culturas**, Belo Horizonte, p. 1-17, 2009. Disponível em:

https://www.ponteentreculturas.com.br/revista/participacao_esportes.pdf . Acesso em: 24 abr. 2021.

2021.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A outra razão: os presidentes de futebol entre práticas e representações**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em:

<https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/a-outra-razao/> . Acesso em: 10 mar. 2021.

SANTANA, Jorge. **Páginas Heróicas: onde a imagem do Cruzeiro resplandece**. São Paulo: Editora Dórea Books and Art, 2003.

SANTOS, André Carazza dos. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro.

Efdeportes Revista Digital, Buenos Aires, v. 10, n. 87, 2005. Disponível em:

<https://www.efdeportes.com/efd87/minerao.htm>. Acesso em: 31 ago. 2019.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. **Tempo**, Niterói, v. 19, n. 34, p. 19-31, jun. 2013. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042013000100003&script=sci_arttext&tlng=pt . Acesso em: 15 abr. 2021.

SANTOS, Manuel Higino dos. Manchete em Minas: Marcha para prosperidade. In: *Moda para o Outono*. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. 676, p. 53-68, 3 abr. 1965. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/004120/62323>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do Jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2002.

SARAMAGO, José. **História do Cerco de Lisboa**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

SÉRGIO, Renato. O jovem goleiro do Cruzeiro é o principal responsável pelo público feminino no Mineirão: Raul, o craque mais bonito do futebol. In: *Qual a posição do exército?*

Manchete, Rio de Janeiro, n. 872, p. 90-91, 4 jan. 1969. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/004120/100782>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SIMÕES, Alexandre. 1956: a história de um título dividido entre Atlético e Cruzeiro na Era Independência. **Hoje em Dia**, [Belo Horizonte], 01 abr. 2018. Esportes. (Reportagem reproduzida no jornal Hoje em Dia). Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/esportes/1956-a-hist%C3%B3ria-de-um-t%C3%ADtulo-dividido-entre-atl%C3%A9tico-e-cruzeiro-na-era-independ%C3%Aancia-1.610148>. Acesso em: 20 out. 2021.

SOUZA NETO, Georgino. **Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada**. Tese (Doutorado em Lazer)— Programa de Doutorado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B2CGRB>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desastinos. **Revista USP**, São Paulo, v. 22, p. 30-37, 1994. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26956>. Acesso em: 20 abr. 2021.

TIMELINE: DE 1921 À 2020. **Cruzeiro Esporte Clube**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.cruzeiro.com.br/timeline>. Acesso em: 18 abr. 2021.

VALLE, Maria Ribeiro do (Org.). **1964-2014: Golpe Militar, Histórias, Memórias e Direitos Humanos**. São Paulo: Editora Cultura Acadêmica, 2014.

WILKSON, Adriano; PIO, Guilherme. Cem anos, sem festa: Tostão, Dirceu Lopes e outros ídolos lamentam centenário do Cruzeiro em crise na série B. **UOL**, Belo Horizonte, 02 fev. 2021. Esportes. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/no-ano-do-centenario-cruzeiro-vive-a-maior-crise-da-historia/#cover>. Acesso em: 21 abr. 2021.

ANEXOS

Durante a pesquisa, foram encontrados alguns brindes distribuídos durante a gestão de Felício Brandi, com o intuito de captar novos torcedores. Uma curiosidade é que no aniversário de 100 anos do clube, realizado em 02 de janeiro de 2021, foram retomadas essas iniciativas. O evento principal foi chamado de Centenário no Mineirão, iniciando-se às 19 horas e 21 minutos, que obteve a presença de atletas, ídolos e outras atrações. Vale ainda lembrar que o evento não ocorreu como o planejado devido às restrições ocasionadas pela pandemia da Covid-19 que instaurou-se no país em março de 2020. Dessa forma, o número de pessoas no evento foi limitado, contando com o uso obrigatório de máscaras e outras medidas preventivas. Nas plataformas digitais do clube (*Facebook, Instagram, Site Oficial, Twitter e Youtube*) e em diversos pontos da capital foram realizadas diversas ações que contaram com a participação da torcida. Onde se destacam a arrecadação de alimentos para organizações sociais, distribuição de canecas personalizadas e bandeirinhas, contando ainda com a presença dos mascotes oficiais: Raposão, Raposinha e a Raposona Salomé.

ANEXO A - CRUZEIRO CENTENÁRIO

Imagem de divulgação do evento e bandeira distribuída em diversos pontos da capital.



ANEXO B - CANECAS COMEMORATIVAS (TORCIDA)

Canecas distribuídas no ano de 1966 em comemoração ao Bi Campeonato Mineiro e a Taça Brasil. A primeira caneca leva o nome de “Campeão do Estádio” devido ao fato do Campeonato Mineiro de 1965 e 1966, ficou conhecido como Campeonato do Estádio, por ser realizado pela primeira vez no Estádio Governador Magalhães Pinto.



ANEXO C - CANECAS COMEMORATIVAS (EXCLUSIVA FUNCIONÁRIOS)

Foram distribuídas canecas diferentes para os funcionários do clube. Essa caneca é do Procópio Cardozo, ex-jogador atuando na posição de zagueiro da equipe celeste durante os anos de 1959-1961, 1966-1968 e 1973-1974 e ex-técnico que também teve uma passagem pelo Cruzeiro, treinando a equipe Juvenil e profissional durante os anos de 1979-1973, 1977-1978, 1981, 1986 e 2000.





ANEXO D - CINZEIRO E EXTRATOR DE GRAMPOS

Uma curiosidade do cinzeiro e extrator de grampos conservados, é que o segundo proprietário, ele adquiriu o produto com o intuito de doar a um possível museu do Cruzeiro. Segundo ele, o produto foi um presente direto do Brandi a um ex-presidente do Atlético MG, a família guardou o objeto durante anos e realizou a venda para o atual proprietário. A imagem dos objetos que não estão conservados, são os mesmos objetos do item anterior, só que foram utilizados e encontram-se em domínio de um torcedor ‘comum’.





ANEXO E - COLEÇÃO DE BONÉS E AGENDA ESCOLAR (1995)



ESCALE SEU TIME OU SUA SELEÇÃO

Anote nos espaços em branco a sua escocação ideal.
Escreva a lápis, pois seus conceitos podem se modificar durante o ano.



FICHA TÉCNICA

Campeonato
Local do Jogo
Resultado
Adversário
Gols
Craque do
Cart. Amarelo
Cart. Vermelho
Renda
Público
Trio de Artilheiros

FICHA TÉCNICA

Campeonato
Local do Jogo
Resultado
Adversário
Gols
Craque do
Cart. Amarelo
Cart. Vermelho
Renda
Público
Trio de Artilheiros

ANEXO F - BOLA DE FUTEBOL DO PALESTRA ITÁLIA (1921)

